

Princípios

Revista teórica, política e de informação

Dezembro/85 Cr\$ 12.000

*A imprensa a
serviço dos monopólios*

*25 anos de
combate ao
revisionismo*

*A literatura
e seu
conteúdo social*



EDITORA ANITA GARIBALDI

ÍNDICE

Expediente

Princípios

Revista teórica, política e de informação — novembro de 1985 — Cr\$ 12.000

Publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 — tel. 251.2729 — São Paulo — SP CEP 01317

Diretor e jornalista responsável
João Amazonas

Conselho Editorial

João Amazonas
Rogério Lustosa
José Reinaldo de Carvalho
Luiz Aparecido

Número avulso: Cr\$ 12.000 (inclusive os atrasados)
Assinatura (4 números): Cr\$ 45.000 — Para o Exterior US\$ 35

Enviar cheque nominal ou Vale Postal para Editora Anita Garibaldi Ltda.

Atendemos também pelo Reembolso Postal

Composição, montagem, fotolitos e impressão — Cia. Editora Joruês

Rua Arthur de Azevedo, 1977 — Pinheiros — Fone: 815.4999 —

CEP 05404 — São Paulo — Capital

Diagramação e arte — Rubem Ferrari

Colaboram neste número: Bonson, Chico Martins, Tina e César Diniz

Capa

Pescadores na praia
Xilogravura. 1957. Goeldi

Reflexão Verbal

Editorial

Carta de Engels a Bebel

Engels

Página 3

O Marxismo e o Revisionismo soviético...

Luiz Fernandes

Página 8

A Mulher e a Educação

A luta das mulheres alcança cada vez maiores patamares e a Constituinte significa maior avanço.

Maria do Socorro Jô Moraes

Página 17

Fala Juventude

Jovens das fábricas, do campo, das escolas e dos bairros falam de sua luta e perspectivas.

Aldo Rebelo

Página 23

A Imprensa e a Informação sob o Jugo dos Monopólios

Rogério Lustosa

Página 29

A Literatura Brasileira e seu conteúdo social

Clóvis Mello

Página 32

Origem do Universo Vida e Matéria

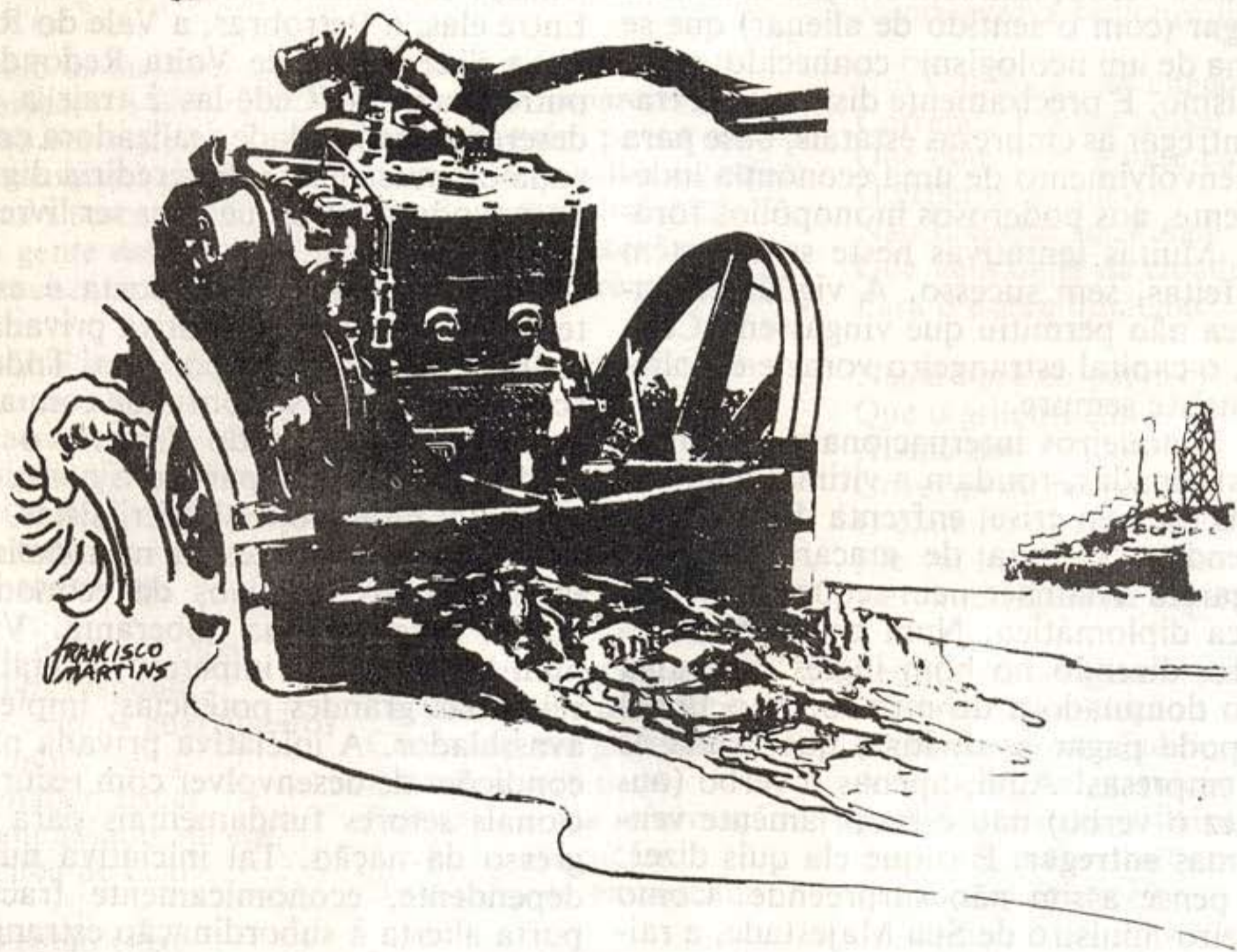
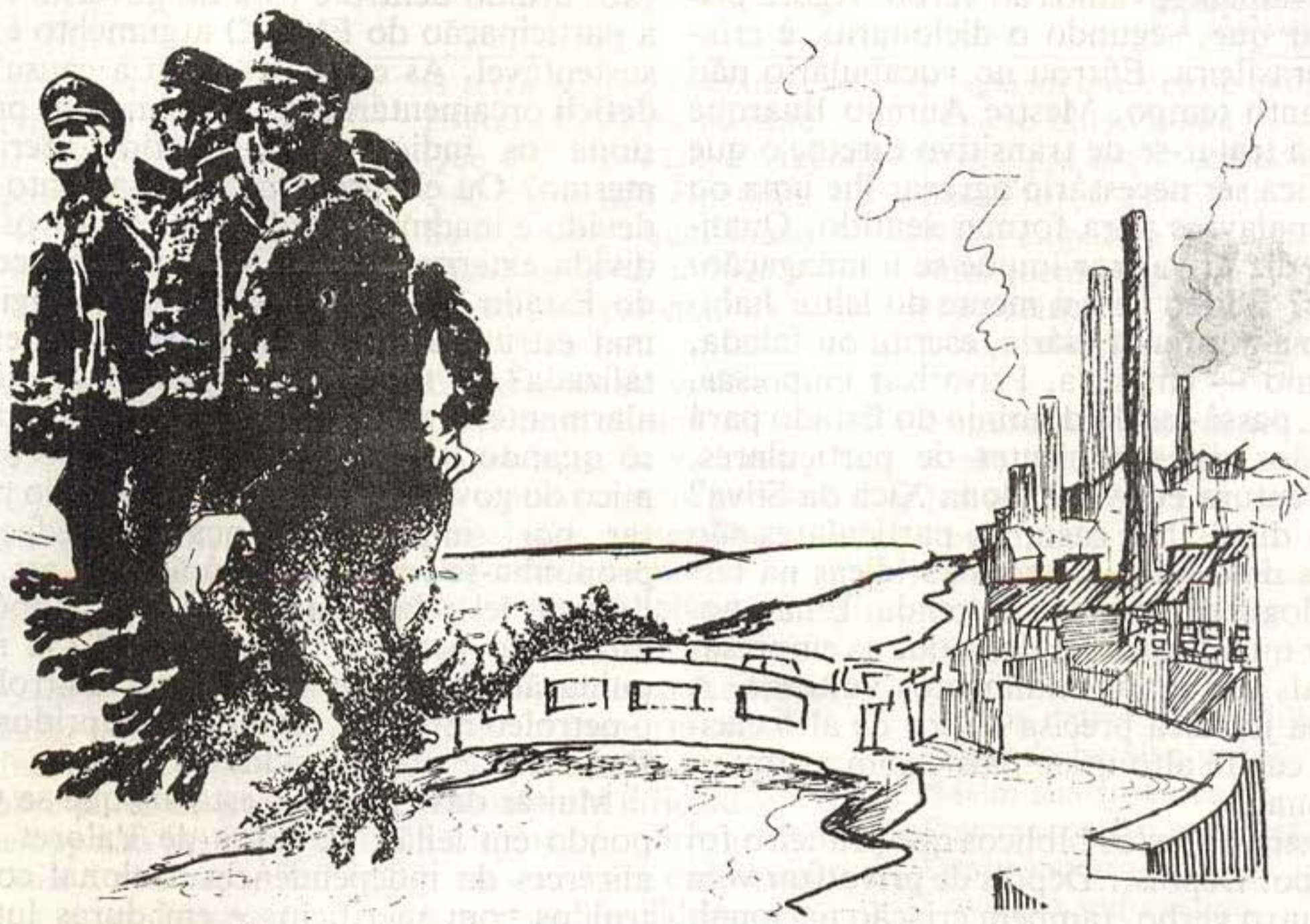
Laudelino Souza Filho

Página 45

Porque entrei na Guerrilha

Beto Quaresma

Página 50



Chico Martins

REFLEXÃO VERBAL

Talvez não seja hora de lucubrações gramaticais. É intenso o burburinho político. Mas gramática e política às vezes andam

juntas. Ser ou estar ministro já deu muito que falar: dois verbos assemelhados, com aplicações bem distintas.

Novamente, vamos ao verbo. Agora **privatizar** que, segundo o dicionário, é criação brasileira. Entrou no vocabulário não faz tanto tempo. Mestre Aurélio Buarque afirma tratar-se de transitivo direto, o que significa ser necessário agregar-lhe uma ou duas palavras para formar sentido. Quando se diz **privatizar** impõe-se a indagação: o quê? E logo vem à mente do leitor habituado à imprensa diária, escrita ou falada, o termo — empresa. Privatizar empresas, isto é, passá-las do domínio do Estado para as mãos ditas eficientes de particulares. Por ventura eu, você, dona Xica da Silva? Nada disso. No caso, os particulares são donos de capital, pessoas jurídicas na terminologia do imposto de renda. E não pode ser qualquer uma, dado que as empresas estatais são empreendimentos vultosos. A pessoa jurídica precisa dispor de alto cacife. E cacife alto neste país é com as multinacionais.

Dizem os textos bíblicos que primeiro foi o verbo. Depois... Depois de **privatizar** vem um outro verbo, também criação nacional: **entregar** (com o sentido de alienar) que se origina de um neologismo conhecido: o entreguismo. É precisamente disto que se trata. Entregar as empresas estatais, base para o desenvolvimento de uma economia independente, aos poderosos monopólios forâneos. Muitas tentativas neste sentido têm sido feitas, sem sucesso. A vigilância patriótica não permitiu que vingassem. Contudo, o capital estrangeiro voraz e espoliador insiste sempre.

Os banqueiros internacionais, como feras esfaimadas, rondam a vítima indefesa. O país está em crise, enfrenta dificuldades tremendas. É hora de atacar. Madame Margareth Thatcher nem sequer respeitou a ética diplomática. Num encontro europeu foi dizendo no bom inglês da antiga nação dominadora do mundo: se o Brasil não pode pagar as dívidas, que venda as suas empresas! Aqui, apenas o verbo (outra vez o verbo) não é propriamente **vender**, mas **entregar**. É o que ela quis dizer. Que pense assim não surpreende. Como primeiro-ministro de Sua Majestade, a rainha da Inglaterra, defende arrogantemente a política de rapinagem do imperialismo. O que confrange é que brasileiros, homens nascidos no Brasil, não tenham pudor de repetir o **slogan**, saturado de cinismo, da porta-voz dos banqueiros londrinos.

Está em marcha o complô da privatiza-

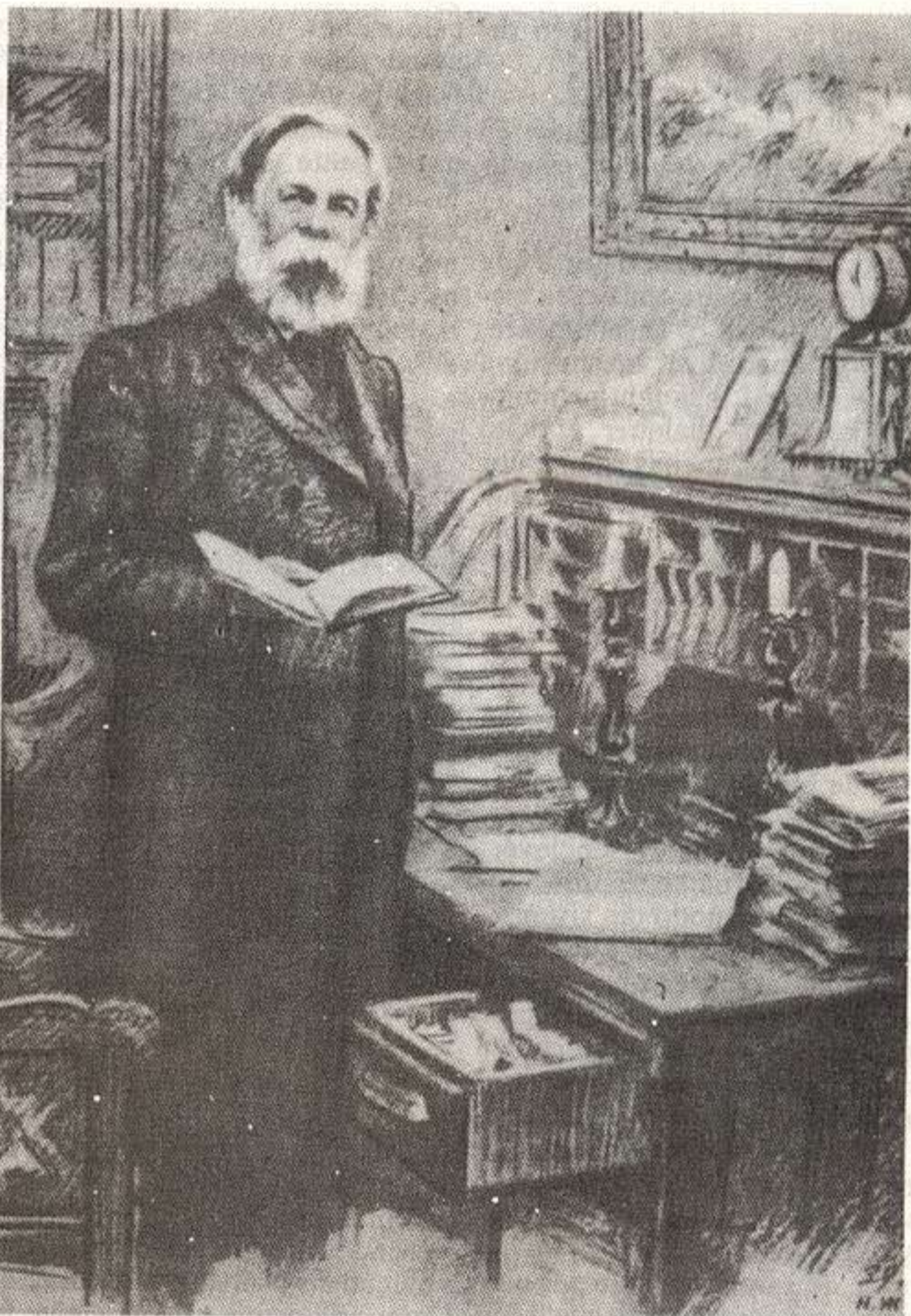
ção, urdido dentro e fora do governo com a participação do FMI. O argumento é insustentável. As estatais seriam a causa do **déficit** orçamentário elevadíssimo que pressiona os índices inflacionários. Seriam mesmo? Ou ele provém do pagamento indevido e inadmissível de juros abusivos da dívida externa? Ou do socorro financeiro do Estado a uma economia mal dirigida, mal estruturada, permanentemente desvitalizada? É sintomático, para não dizer alarmante, o episódio vivido pelo Congresso quando da discussão do pacote econômico do governo. À sorrelfa, tentando passar por simples mudança de redação, propunha-se revogar o § único do art. 1.º de uma lei relacionada com o monopólio estatal do petróleo. Negligência? Ou maquinação das “sete irmãs” que controlam o petróleo mundial, de olhos compridos na Petrobrás e suas subsidiárias?

Muitas das empresas estatais que se vão pondo em leilão na Bolsa de Valores são alicerces da independência nacional construídos com sacrifícios e em duras lutas. Entre elas, a Petrobrás, a Vale do Rio Doce, a Siderúrgica de Volta Redonda e de outros lugares. Cedê-las é trair a pátria, descrer da capacidade realizadora comprovada da nossa gente. É agredir a dignidade do povo brasileiro que quer ser livre, dono de seus destinos.

O presidente Sarney, poeta e escritor, tem cantado loas à iniciativa privada. Não se lhe pode condenar por isso. Todavia, o eco do seu canto se confunde com a desestatização, favorecendo destarte o assalto cuidadosamente preparado à nossa economia pelos monopólios imperialistas. O Brasil é um país que necessita nacionalizar, estatizar ramos decisivos da economia, se quiser defender sua soberania. Vivemos num mundo onde impera o capital financeiro das grandes potências, impiedoso e avassalador. A iniciativa privada não tem condições de desenvolver com recursos nacionais setores fundamentais para o progresso da nação. Tal iniciativa num país dependente, economicamente fraco, é a porta aberta à subordinação estrangeira.

Verbo por verbo, em tempo presente ou no futuro, **lutar** é ainda o melhor. Lutar para transformar nossa pátria na terra da liberdade, da cultura, da fartura, da justiça social, da solidariedade humana. Terra de homens livres, terra da revolução libertadora.

Carta de Engels a Bebel



8 Nentori

F. Engels

Elucidando questões como alianças e coalizões, classes sociais, internacionalismo e o Estado.

A carta de Friedrich Engels endereçada a A. Bebel reveste-se de particular importância para o movimento operário revolucionário. Aborda temas de indiscutível magnitude como a questão das coalizões com partidos ditos de esquerda; a forma de situar a posição de certas classes e camadas sociais em relação com a classe operária; o internacionalismo tal como deve ser compreendido; as leis que regem os salários; a falsa tese sobre a "ajuda do Estado" e sobre o denominado "Estado Livre do Povo"; as desigualdades de classes no socialismo; o significado do programa do partido revolucionário.

As opiniões de Engels são dirigidas contra as tentativas de rebaixamento das teses científicas do marxismo feitas no programa do partido social-democrático alemão, conhecido como o programa de Gotha. Na mesma ocasião, Marx escrevia a W. Bracke acerca desse assunto, sublinhando ser inadmissível traficar com os princípios, que constituem os fundamentos do programa partidário.

A carta de Engels tem imenso valor no campo teórico e político. Vladimir I. Lenin considerava "como uma das passagens mais notáveis, senão a mais notável das obras de Marx e Engels" o trecho da carta que se refere ao problema do Estado por ele amplamente examinado no seu magnífico livro "O Estado e a Revolução".

Decorridos cento e dez anos desde que foi redigido, continua vivo e atual o conteúdo básico desse trabalho de Engels, parte integrante da doutrina revolucionária da classe operária.

Londres, 18-28 de março de 1875.

Meu caro Bebel:

Recebi sua carta de 23 de fevereiro e alegra-me que seu estado de saúde seja tão satisfatório.

Você pergunta-me o que é que nós pensamos sobre toda essa história da unificação. Infelizmente, passou-se conosco o mesmo que consigo. Nem Liebknecht nem ninguém nos deu qualquer notícia, pelo que nós apenas soubemos aquilo que dizem os jornais, que não trouxeram nada, até que, há uns oito dias, publicaram o projeto do programa. Imagine o espanto que esse projeto nos causou!

O nosso Partido estendeu com tanta frequência a mão aos partidários de Lassalle, para a conciliação, ou para, pelo menos, chegar a algum acordo, e os Hasenclever, Hasselmann e Tölcke sempre a rechaçaram, dum modo tão sistemático e desdenhoso, que até a uma criança podia ocorrer que se agora esses senhores vêm, por si próprios, até nós e nos oferecem a reconciliação, é porque se encontram numa situação de muito apuro. Dado o caráter, sobejamente conhecido, dessa gente, o nosso dever era tirar o maior partido dessa situação para exigir toda a espécie de garantias e não permitir que eles recuperassem a sua desacreditada posição diante da opinião operária à custa do nosso Partido. Havia que tê-los acolhido com extraordinária frieza e desconfiança, fazer depender a unificação do grau em que estivessem dispostos a renunciar aos seus chavões sectários e à sua ajuda pedida ao Estado, e, no essencial, de adotar o programa de Eisenach de 1869, ou uma versão do mesmo, corrigida e adaptada aos tempos atuais. No aspecto teórico, quer dizer, no que é decisivo para o programa, o nosso Partido não tem *absolutamente nada a aprender* com os lassalleanos; eles, pelo contrário, é que teriam de aprender. A primeira condição para a unidade devia ter sido que deixassem de ser sectários, que deixassem de ser lassalleanos e, portanto e antes de mais, que renunciassem à panacéia da ajuda do Estado, ou

pelo menos, que a reconhecessem como uma entre tantas medidas transitórias e secundárias. O projeto de programa demonstra que a nossa gente, situada, teoricamente, muito acima dos dirigentes lassalleanos, está muito aquém deles no que toca à habilidade política: os "honestos" viram-se, uma vez mais, burlados cruelmente pelos desonestos.

A primeira condição para a unidade devia ter sido que deixassem de ser sectários, que deixassem de ser lassalleanos e, portanto e antes de mais, que renunciassem à panacéia da ajuda do Estado, ou pelo menos, que a reconhecessem como uma entre tantas medidas transitórias e secundárias.

Em primeiro lugar, aceita-se a frase ribombante, mas historicamente falsa de Lassalle: "em relação à classe trabalhadora todas as outras não são mais do que uma máquina reacionária". Esta frase só em alguns casos excepcionais é verdadeira; por exemplo, numa revolução do proletariado como a Comuna, ou num país onde não foi só a burguesia que criou o Estado e a sociedade à sua imagem e semelhança, mas sim em que, depois dela, veio a pequena burguesia democrática e levou a transformação operada até às suas últimas consequências. Se, por exemplo, na Alemanha, a pequena burguesia democrática pertencesse a essa massa reacionária, como poderia o partido operário social-democrata ter caminhado com ela ombro a ombro, com o Partido Popular, durante vários anos? Como poderia o "Volksstaat" tirar a totalidade do conteúdo do seu programa político do "Frankfurter Zeitung" (1), periódico democrático pequeno-burguês? E como podem, neste mesmo programa, incluir-se, pelo menos, sete reivindicações que, direta e literalmente, coincidem com o Programa do Partido Popular e com o da democracia peque-

no-burguesa? Refiro-me às sete reivindicações políticas numeradas de 1 a 5 e de 1 a 2 entre as quais não há uma só que não seja democrático-burguesa (2).

A posição que os trabalhadores alemães ocupam hoje à cabeça do movimento europeu deve-se, **essencialmente**, à atitude autenticamente internacionalista mantida por eles durante a guerra; nenhum outro proletariado se teria comportado tão bem.

Em segundo lugar, renega-se, praticamente por completo, para o presente, o princípio do internacionalismo do movimento operário, e isto fazem-no homens que, durante cinco anos e nas mais duras circunstâncias, defenderam dum modo glorioso, este princípio! A posição que os trabalhadores alemães ocupam hoje à cabeça do movimento europeu deve-se, *essencialmente*, à atitude autenticamente internacionalista mantida por eles durante a guerra (3); nenhum outro proletariado se teria comportado tão bem. E vão agora renegar este princípio, no momento em que, em todos os países do estrangeiro, os operários o reafirmam com o mesmo vigor com que os governos tratam de reprimir todo e qualquer intento de impô-lo numa organização? O que fica em pé do internacionalismo do movimento operário? A pálida perspectiva, não já de uma futura ação conjunta dos trabalhadores europeus para a sua emancipação, mas de uma futura "fraternidade internacional dos povos", dos "Estados Unidos da Europa", dos burgueses da Liga para a Paz!

Não havia, naturalmente, razão para falar da Internacional como tal. Mas, pelo menos era preciso não dar nenhum passo atrás em relação ao programa de 1869; e podia dizer-se, por exemplo, que, *ainda que* o Partido operário alemão seja obrigado a atuar, *antes de mais*, dentro de suas fronteiras nacionais (não tem o direito de

falar em nome do proletariado europeu, nem, muito menos, o de dizer coisas falsas), tem consciência da sua solidariedade para com os trabalhadores de todos os países e estará sempre disposto a continuar, como até agora, cumprindo os deveres que tal solidariedade impõe. Estes deveres existem embora se não considerem nem proclamem como parte da Internacional. São, por exemplo, os auxílios, em caso de necessidade; a oposição ao envio de operários estrangeiros que substituam os grevistas em caso de greve; as medidas tomadas para que os órgãos do Partido informem os trabalhadores alemães sobre o movimento operário no estrangeiro; a agitação contra as guerras, ou ameaças de guerra, provocadas pelas chancelarias; a atitude a observar, durante essas guerras, como a assumida exemplarmente pelo proletariado alemão em 1870-1871 etc.

Marx demonstrou, minuciosamente, em **O Capital**, que as leis que regulam os salários são muito complexas, que tão depressa predomina um fato como outro, segundo as circunstâncias

Em terceiro lugar, a nossa gente deixou que lhe impusessem a "lei de bronze do salário" lassalleana, baseada numa concepção econômica inteiramente caduca, a saber: que o trabalhador não recebe, em média, mais do que um *salário mínimo* e isto porque, segundo a teoria malthusiana da população, há sempre trabalhadores de sobra (era esta a argumentação de Lassalle). Ora bem: Marx demonstrou, minuciosamente, em **O CAPITAL**, que as leis que regulam os salários são muito complexas, que tão depressa predomina um fator como outro, segundo as circunstâncias; que, portanto, esta lei não é, de modo algum, de bronze, mas pelo contrário, muito elástica, e que o problema não pode ser resolvido assim, em duas palavras, como pensava Lassalle. A



8 Nentori

A. Bebel

fundamentação que Malthus dá da lei que Lassalle dele recolhe, e também de Ricardo (falseando este último), tal como pode ver-se por exemplo, citada noutra folheta de Lassalle, no "Manual do Trabalhador", página 5, foi refutada, com todo o pormenor, por Marx, no capítulo sobre o "processo de acumulação do Capital". Assim, pois, ao adotar a "lei de bronze" de Lassalle, pronunciaram-se a favor dum princípio falso e dum demonstração falaciosa.

Em quarto lugar, o programa propõe, como *única reivindicação social*, a ajuda estatal lassalleana, na sua forma mais descarada, tal como Lassalle a plagiou de Buchez. E isto depois de Bracke ter demonstrado sobejamente a inocuidade dessa reivindicação (4), depois de quase todos, se não todos os oradores do nosso Partido se terem visto obrigados, na sua luta contra os lassalleanos, a combatê-la. Não podia o nosso Partido chegar a maior humilhação. O internacionalismo rebaixado ao nível dum Armand Goegg, o socialismo à altura dum republicano burguês, Buchez, que apresentava esta reivindicação *diante dos socialistas* para os combater.

O objetivo que aqui se define com as defeituosas palavras: "preparar o caminho à solução da questão social", como se, para nós, existisse, porventura, uma questão social que estivesse teoricamente por resolver!

Na melhor das hipóteses, a "ajuda do Estado", no sentido lassalleano, não deveria ser mais do que *uma* entre tantas medidas para conseguir o objetivo que aqui se define com as defeituosas palavras "preparar o caminho à solução da questão social", como se, para nós, existisse, porventura, uma questão social que estivesse teoricamente por resolver! Se, portanto, se tivesse dito: "O Partido operário alemão pretende abolir o trabalho assalariado, e, com ele, as diferenças de classe, implantando a produção cooperativa na indústria e na agricultura a uma escala nacional, e advoga, por todas e cada uma das medidas adequadas, a consecução deste objetivo", nenhum lassalleano teria fosse o que fosse a objetar sobre isto.

Em quinto lugar, não se diz absolutamente nada acerca da organização da classe operária, como tal, nos sindicatos. E é este um ponto essencialíssimo, pois trata-se da verdadeira organização de classe do proletariado, na qual este trava as suas lutas diárias com o capital, se educa e disciplina a si mesmo, organização que hoje, contra a mais negra reação (como agora em Paris), não pode ser destruída. Dada a importância tomada por esta organização, na Alemanha também, teria sido, em nossa opinião, absolutamente necessário tê-la mencionado no programa e ter-lhe reservado, se possível, um lugar na organização do Partido.

Todas estas concessões fez a nossa gente para agradar os lassalleanos. E que lhes foi cedido em troca?

Todas estas concessões fez a nossa gente para agradar aos lassalle anos. E que lhes foi cedido em troca? O figurar no programa um montão de reivindicações puramente democráticas e bastante embrulhadas, algumas das quais mais não são do que questão de moda como, por exemplo, a "legislação direta pelo povo", que existe na Suíça, onde causa mais prejuízo do que benefícios, se é que se pode dizer-se que causa alguma coisa. Ainda se se tratasse de administração pelo povo seria alguma coisa. Falta, igualmente, a condição primeira de toda a liberdade: que todos os funcionários sejam responsáveis, quanto aos seus atos de serviço, em relação a todo o cidadão, perante os tribunais comuns e segundo as leis gerais. E não quero falar de reivindicações como a de liberdade da ciência e a liberdade de consciência, que figuram em qualquer programa liberal burguês e que soam aqui a alguma coisa de falso, sem cabimento.

O Estado popular livre converteu-se num Estado livre. Gramaticamente falando, um Estado livre é um Estado que é livre em relação aos seus cidadãos, quer dizer, um Estado com um Governo despótico. Teria que se abandonar toda essa charlatanice acerca do Estado sobretudo depois da Comuna, que já não era um Estado no verdadeiro sentido da palavra. Os anarquistas atiraram-nos à cara, para além das marcas, essa coisa do "Estado popular", malgrado a obra de Marx contra Proudhon (5) e, depois, o Manifesto Comunista claramente dizerem que, com a implantação do regime social socialista, o Estado se dissolverá por si mesmo e desaparecerá. Sendo o Estado uma instituição meramente transitória, que, na luta, na revolução, se utiliza para, pela violência, submeter os adversários, é um perfeito absurdo falar em "Estado popular livre": enquanto o proletariado *necessitar* do Estado, não precisará dele para a liberdade, mas para submeter os seus adversários, e, tão prontamente como seja possível falar de liberdade, assim o Estado, como tal, deixará de existir. Por isso proporíamos

dizer sempre, em vez da palavra *Estado*, a palavra *Comunidade* (Gemeineswn), uma boa e antiga palavra alemã que equivale à palavra francesa *Comuna* (Commune).

... enquanto o proletariado *necessitar* do Estado, não precisará dele para a liberdade, mas para submeter os adversários, e, tão prontamente como seja possível falar de liberdade, assim o Estado, como tal, deixará de existir.

"Supressão de toda a desigualdade social e política", em vez de "abolição de todas as diferenças de classes", é também uma frase muito discutível. De um país para outro, de uma região para outra, de um lugar para outro inclusive, existirá sempre uma certa desigualdade quanto às condições de vida, que poderá reduzir-se ao mínimo, mas nunca suprimir-se por completo. Os habitantes dos Alpes viverão sempre em condições diferentes das dos habitantes da planície. Representar-se a sociedade socialista como o reino da *igualdade* é uma míope concepção francesa, apoiada no velho lema *Liberdade, igualdade, fraternidade*, uma concepção que teve a sua razão de ser, porque correspondia a uma *etapa de desenvolvimento* no seu tempo e no seu lugar, mas que devia hoje estar superada, do mesmo modo que tudo o que há de demasiado estreito nas escolas socialistas anteriores, uma vez que só origina confusões, e porque, de mais a mais, já foi substituída por concepções mais precisas, que respondem melhor às realidades.

Em geral, importam menos os programas oficiais dos partidos do que os seus atos. Mas um *novo* programa é sempre como uma bandeira que publicamente se hasteia e pela qual se julga o Partido.

E termino aqui, conquanto houvesse que criticar quase cada palavra deste programa, redigido, de resto, sem nervo e sem brio. A tal ponto que, no caso de ser aprovado, Marx e eu nunca mais poderíamos militar no *novo* Partido erigido sobre esta base e, muito seriamente, teríamos que meditar sobre que atitude adotar em relação a ele, até publicamente. Imagine você que, no estrangeiro, nos consideram responsáveis a nós por todas e cada uma das ações e das declarações do Partido operário social-democrata alemão. É o que faz, por exemplo, Bakunine, na sua obra "Política e Anarquia", em que nos apresenta como responsáveis por cada palavra irrefletida, proferida ou escrita por Liebknecht desde a fundação do Demokratisches Wochenblatt (6). As pessoas imaginam, com efeito, que nós dirigimos daqui toda esta história, quando você, tão bem como eu, sabe que quase nunca nos imiscuímos, no mínimo que fosse, nos assuntos internos do Partido, e que, se por acaso o fizemos, apenas foi para, no possível, corrigir os erros que, em nosso parecer, se haviam cometido, e, aliás, só quando se tratava de erros teóricos. Mas você mesmo compreenderá que este programa representa uma viragem, que poderia muito bem obrigar-nos a recusar toda e qualquer espécie de solidariedade com o Partido que o adotasse.

Em geral, importam menos os programas oficiais dos Partidos do que os seus atos. Mas um *novo* programa é sempre como que uma bandeira que publicamente se hasteia e pela qual se julga o Partido. Não deveria, portanto, de modo algum, representar um retrocesso, como o que este representa, relativamente ao programa de Eise-nach. E seria também de ter-se em conta o que os trabalhadores dos outros países dirão deste programa e a impressão que, no estrangeiro, esta capitulação de todo o proletariado socialista alemão diante do lassalleísmo há-de causar.

De resto, estou convencido de que a união feita *nesta* base nem

um ano durará. As melhores cabeças do nosso Partido vão prestar-se, a partir de agora, a aprender de memória e a recitar de cor as teses lassalleanas sobre a lei de bronze do salário e a ajuda do Estado? Queria eu vê-lo a você, por exemplo, metido nisso! E se fossem capazes de fazê-lo os ouvintes assobiá-los-iam. Ora, estou certo de que os lassalleanos se aferram precisamente a *essas partes* do programa, como o usurário Shylock à sua libra de carne humana (7). Virá a cisão; teremos, porém, “devolvido a honestidade” aos Hasselmann, aos Hasenclever, aos Tolcke e seus consortes; nós sairemos enfraquecidos da divisão e os lassalleanos fortalecidos; o nosso Partido terá perdido a sua imunidade política e jamais poderá voltar a combater com firmeza a oca fraseologia de Lassalle, que ele próprio levou inscrita nas suas bandeiras durante algum tempo; e se, então, os lassalleanos voltarem a dizer que são eles o verdadeiro e único partido operário e que os nossos são burgueses, lá estará o programa para o demonstrar. Quantas medidas socialistas nele figuram *é deles* que procedem, e a única coisa que o *nosso* partido fez vingar foram as reivindicações da democracia pequeno-burguesa, a qual *também ele* considera, no mesmo programa, como parte da “massa reacionária”.

Demorei em fazer-lhe chegar esta carta, porque sabia que, em honra do aniversário de Bismarck, você só seria posto em liberdade no primeiro de Abril, e não queria

expô-lo ao risco de que a interceptassem se procurasse mandá-la por contrabando. Entretanto, acabo de receber uma carta de Bracke, o qual faz também graves reparos ao programa e quer conhecer a nossa opinião. Por isso, e para ganhar tempo, envio-lhe por seu intermédio, para que ele também a leia, e eu não tenha, assim, necessidade de repertir-lhe toda a história. Demais a mais, também falei claro a Ramm (8), e a Liebknecht escrevi concisamente. A ele não perdôo o que não nos tenha dito *uma só palavra* sobre todo o assunto (enquanto Ramm e outros acreditavam que nos havia infor-

mado pormenorizadamente), antes que já fosse, digamos assim, demasiado tarde. Aliás, sempre fez o mesmo — e daí o montão de cartas desagradáveis que eu e Marx trocamos com ele — mas, desta feita a coisa é demasiado grave e, *decididamente, já não podemos caminhar juntos*.

Trate de arranjar as coisas para vir até cá no verão. Alojarse naturalmente, em minha casa e, se estiver bom tempo, iremos passar alguns dias à beira-mar, coisa que muito lhe convirá, depois de ter ouvido todas estas recriminações. Cordialmente seu,
Friedrich Engels.



NOTAS

(1) Diário de tendência democrática pequeno-burguesa, publicado a partir de 1856.

(2) Estas reivindicações políticas do Programa de Gotha diziam: “O Partido operário alemão exige assegurar a base livre do estado: 1. Sufrágio universal, igual, direto, e por meio de escrutínio secreto para todos os homens desde os 21 anos, em todas as eleições nacionais e municipais; 2. Legislação direta pelo povo com direito de iniciativa e de veto; 3. Instrução militar para todos. Milícias do povo em vez de exército permanente. As decisões acerca da guerra e da paz deverão tomar-se por meio da representação do povo; 4. Derrogação de todas as leis de caráter excepcional e, sobretudo, as da imprensa, reunião e associação; 5. Tribunal do povo. Gratuidade da Justiça. O Partido operário alemão exige para assegurar o fundamento espiritual e moral do estado: 1. Educação popular,

geral e igual, a cargo do estado. Assistência escolar obrigatória para todos. Instrução gratuita. 2. Liberdade de ciência. Liberdade de consciência.

(3) Trata-se da guerra franco-prussiana de 1870-1871.

(4) Engels refere-se ao folheto de W. Bracke “As propostas de Lassalle”, aparecido em 1873.

(5) Engels refere-se a “Miséria da Filosofia”.

(6) Hebdomadário democrático — jornal operário alemão. Publicou-se, com este título, em Leipzig de janeiro de 1868 a setembro de 1869, sob a direção de W. Liebknecht. Este jornal desempenhou um importante papel na fundação do Partido operário social-democrata da Alemanha. No Congresso de Eisenach, em 1869, o jornal foi proclamado órgão central do Partido e recebeu, então, o título “Volkstaat”. Marx e Engels colaboraram no jornal.

(7) Ver Shakespeare, “O Mercador de Veneza”.

(8) Um dos redatores de “Volkstaat”.



O MARXISMO E O REVISIONISMO SOVIÉTICO CAMINHOS ANTAGÔNICOS

Luis Fernandes

O movimento marxista-leninista em todo o mundo enfrenta hoje um desafio histórico. Precisa impulsionar uma política ampla, capaz de conduzir a luta das grandes massas operárias e populares de cada país no rumo de sua emancipação. Isto requer o rompimento com as marcas da estreiteza e do sectarismo ainda presentes em nosso meio. É um processo difícil e intrincado, pois se

volta contra concepções e práticas profundamente arraigadas. O sucesso depende de sabermos aliar uma grande largueza de visão política com a firmeza proletária de propósitos. Em face das dificuldades deste processo, surgem em um ou outro setor do movimento manifestações de capitulação de cunho pequeno-burguês. Esta capitulação se manifesta fundamentalmente de duas maneiras. Uma é o refúgio no "estudo crítico" da tra-

jetória passada do Movimento Comunista Internacional, como forma de fugir à responsabilidade de enfrentar os problemas políticos que entravam o desenvolvimento de cada partido no presente. É uma espécie de "retiro espiritual" comunista!

Luis Fernandes é colaborador de Principios. De sua autoria já publicamos "A degenerescência Capitalista na URSS" (Principios n.º 3) e "China-O socialismo que não Houve".

A outra forma de capitulação se materializa na negação da própria validade do movimento marxista-leninista e na defesa da reconciliação com os partidos alinhados com o revisionismo soviético. Esta posição surge, sobretudo, em alguns países onde os revisionistas mantêm certa influência junto à classe operária. Embora menos difundida do que a primeira, esta posição representa um grave perigo para a luta revolucionária do proletariado e dos povos.

O subterfúgio usado para tentar justificar esta capitulação é o argumento de que, após a queda do arqui-revisionista Krushev, houve um retorno do PCUS às posições do marxismo revolucionário com a ascensão de Brejnev e seus sucessores. Em particular, apresenta-se a "Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários" realizada em Moscou em 1969, já sem a participação do Partido do Trabalho da Albânia, como um marco na volta do partido soviético e seus seguidores a uma política marxista correta. A seguir, analisaremos a linha política adotada pelo PCUS após a queda de Krushev para ver se esta avaliação tem algum fundamento.

A CRÍTICA AO MAOÍSMO

O ponto de partida para as formulações que defendem a "reconversão" do PCUS ao marxismo é a crítica feita pelos soviéticos ao maoísmo desde meados da década de 60. Segundo estes formuladores, o PTA e demais componentes do movimento marxista-leninista do mundo, ao romperem abertamente com o maoísmo em meados dos anos 70, reencontraram-se com as posições que o PCUS já vinha defendendo uma década antes. Mas a realidade, que esta visão deliberadamente omite, é que a crítica feita pelos soviéticos ao revisionismo de Mao sempre se baseou em argumentos e posições igualmente revisionistas nas questões mais fundamentais da teoria marxista.

Tanto isso é verdade, que na luta entre as diversas alas e facções no interior do PC Chinês, a direção do PCUS desde a década de 60 sempre defendeu nos seus documentos o grupo burguês mais direitista de Liu Shao-Shi, Teng Hsiao-ping e companhia. É justa-

mente este grupo que hoje governa a China pela via capitalista mais aberta e desavergonhada. A crítica ao aventureirismo pequeno-burguês que predominou em alguns períodos na China era feita pelos soviéticos não do ponto de vista proletário, mas do ponto de vista liberal burguês.

Por isto o Krêmlin qualificou como "muito positiva" a ascensão de Teng Hsiao-ping, e vem tentando insistentemente uma recomposição com os atuais dirigentes chineses. O próprio Gorbahev, num de seus primeiros discursos como secretário-geral do PCUS em abril deste ano, logo afirmou: "A União Soviética re-



forçará enérgica e insistentemente os contatos e desenvolverá a cooperação com os outros países socialistas, principalmente com a República Popular da China". (1)

Este processo só não avançou mais até hoje porque os chineses querem esgotar ao máximo as "vantagens" da sua aliança com o imperialismo norte-americano. No entanto, ironicamente, o partido de Teng Hsiao-ping vem adotando justamente a posição que os capituladores querem impor ao movimento marxista-leninista: voltou a estabelecer relações de partido a partido com as agremiações revisionistas de outros matizes, dentro do princípio de "olhar para a

frente e esquecer o passado" (2). Enquanto os verdadeiros comunistas cortam todos os contatos com os revisionistas chineses, os partidos alinhados com o PCUS restabelecem relações fraternais com o partido de Teng Hsiao-ping.

Alguns podem afirmar que isto não passa de uma "tática política" para minar a aliança Washington — Pequim. É certo que a arte de fazer política envolve saber explorar ao máximo as contradições no campo do inimigo em benefício próprio. Mas, do ponto de vista proletário revolucionário, isto não pode ser feito em detrimento dos princípios nem com tentativas de iludir os povos fazendo passar gato por lebre, qualificando sociedades capitalistas e partidos revisionistas de "socialistas" e "comunistas". No fundo, soviéticos e chineses convergem na negação da concepção marxista sobre a própria essência do socialismo. E aqui, a posição de Brejnev e seus sucessores é uma mera repetição da formulação revisionista de Krushev.

O SOCIALISMO COMO ETAPA DE TRANSIÇÃO

Os grandes teóricos do socialismo científico tinham uma compreensão bastante precisa do socialismo como uma etapa de transição, a primeira fase de uma única formação social comunista. O socialismo não cai puro do céu. Ele nasce das entranhas do próprio capitalismo, e por isso carrega dentro de si as marcas e as chagas da velha sociedade. Mesmo após a construção da base econômica do socialismo e a eliminação das classes exploradoras, permanecem na sociedade diferenças de classe herdadas do sistema de exploração anterior. Entre estas estão as distinções entre campo e cidade, entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre as tarefas de direção e tarefas de execução na produção, entre trabalhador urbano e trabalhador rural etc. Ao lado disto, persistem na consciência dos homens valores e preconceitos das antigas classes exploradoras, que dominaram a sociedade durante séculos, e continuam alimentando o egoísmo e a mesquinhez mesmo na sociedade socialista.

Estas diferenças e concepções não se eliminam "por decreto", da noite para o dia. É necessário um trabalho de várias gerações, calcado na elevação constante do nível de vida material e cultural do povo. Por isto os marxistas sempre criticaram a utopia anarquista de querer passar de imediato para uma sociedade "comunista" sem Estado. Para completar a transição ao comunismo (onde cada um trabalha segundo as suas capacidades e recebe segundo suas necessidades), é preciso ir criando as condições para que o trabalho deixe de ser reconhecido como um fardo pelo homem, para se tornar na condição primeira da sua afirmação como ser humano. Para isso, a própria carga de trabalho tem de se reduzir a um mínimo, e tornar-se cada vez menos estafante e mais criativo. Até lá, no socialismo, ainda predomina o princípio do "direito burguês" sem burguesia segundo o qual cada um recebe proporcionalmente ao trabalho que dá para a sociedade.

Pelos fatores que já vimos acima, surgem forças no interior do próprio socialismo que procuram barrar a transição e restaurar o sistema de exploração e injustiça. Ainda mais quando a sociedade socialista se desenvolve em meio a um cerco de países capitalistas. Lutar contra estas forças é justamente a essência da transição do socialismo ao comunismo. A luta de classes, portanto, continua sendo a força motriz de todo este processo, até a completa eliminação das classes. Por isso, como ressaltava Lênin, o socialismo é um período de luta aguda entre as forças da velha sociedade capitalista que agoniza e a nova sociedade comunista que nasce. Até o pleno triunfo desta, em escala mundial, a questão de "quem vencerá quem?" não estará resolvida.

NEGAÇÃO DA LUTA DE CLASSES

Ocupamos este espaço até aqui expondo os pontos fundamentais da concepção marxista sobre o socialismo porque é precisamente sobre a negação desta visão que se constrói todo o edifício de idéias revisionistas, tanto dos dirigentes soviéticos como dos chineses. Os textos de Marx, En-

gels e Lênin são mais do que claros a este respeito e não dão margem a "reinterpretações". É sabido que isto foi a "pedra de toque" das formulações revisionistas de Krushev. Mas a atual direção soviética prosseguiu inteiramente no mesmo caminho, negando a essência do socialismo como etapa de transição. O socialismo é apresentado como um modo de produção próprio, independente do comunismo. Isto pode ser visto no trabalho do Doutor de Direito V. Chevstov, publicado pela Editora Progresso que busca fundamentar do ponto de vista teórico a linha endossada pelo PCUS com a ascensão de Brejnev: "A construção do socialismo na URSS e noutros países evidencia que este sistema possui um elevado grau de independência que se manifesta na

ação de suas próprias leis e princípios" (3).

Segundo a formulação dos dirigentes soviéticos, a fase de transição propriamente dita se limita ao breve período que separa a tomada do poder da construção da base econômica do socialismo. A partir daí, cessam os antagonismos de classe e a própria luta de classes. A sociedade entra na fase do "socialismo desenvolvido", onde o problema central da passagem ao comunismo se reduz ao desenvolvimento das forças produtivas. É interessante notar que esta é a mesma posição adotada hoje pelos revisionistas chineses e expressa no livro de um dos seus principais economistas na atualidade, Xue Muqiao (4). O mesmo Chevstov coloca a questão deste modo: "Com a construção da base



econômica do socialismo foram eliminadas as classes exploradoras, resolvendo-se deste modo a questão de "Quem vencerá quem?"... São próprios do socialismo desenvolvido um elevado nível de maturidade de todas as relações sociais; uma poderosa base técnica e material; uma estrutura de sociedade que se define pela ausência dos antagonismos entre classes e nações e um elevado grau de unidade e homogeneidade..."(5).

O "ESTADO DE TODO O POVO"

Como não poderia deixar de ser, a negação da continuidade da luta de classes no socialismo teve como conseqüência a negação também da essência do Estado socialista. Na visão dos clássicos do marxismo, todo Estado é um órgão de dominação de classe, onde a classe dominante monopoliza em suas mãos o poder da violência e da repressão armada. Assim, todo Estado é um sistema de opressão, independente da forma democrática que assuma. Esta compreensão faz parte do *Bê-a-bá* do marxismo. No entanto, ela foi abertamente deturpada pelos dirigentes soviéticos com a formulação da tese do "Estado de Todo o Povo".

A elaboração desta tese vem do XX Congresso do PCUS, em que Krushev se firmou na direção do Partido e do Estado soviético. Os capituladores hoje pretendem que, após a queda deste, o princípio da ditadura do proletariado foi recuperado pelo PCUS. Nada mais falso. Os revisionistas soviéticos limitam a vigência da ditadura do proletariado ao período que separa a tomada do poder da construção da base econômica do socialismo. Isto já era a política do PCUS na época de Krushev.

A questão central do revisionismo de Krushev é justamente o abandono da noção de ditadura do proletariado no próprio socialismo. E quanto a isto, os atuais dirigentes soviéticos seguem fielmente as suas pegadas.

Para elucidar a atual posição soviética, voltamos a recorrer ao texto de Chevstov:

"Na sociedade soviética, o sistema político era inicialmente um sistema de ditadura do proleta-

riado. Na sociedade socialista desenvolvida, embora ela continue sendo uma sociedade de classes, já não existe uma classe dominante, assim como não existe, naturalmente, a ditadura de uma determinada classe" (7).

"Uma vez que na sociedade socialista não existem classes exploradoras, e, por conseguinte, classes com interesses opostos, o Estado de Todo o Povo não desempenha já o papel de esmagamento dos inimigos de classe. Este traço, que caracteriza o Estado como fenômeno de classe, desaparece totalmente..."(8).

É interessante contrapor esta visão dos atuais dirigentes soviéticos com a seguinte colocação de Engels ao comentar o Programa de Gotha do Partido Socialista Operário da Alemanha numa carta ao dirigente revolucionário Bebel (publicada neste número de Princípios): "Os anarquistas nos lançaram repetidamente à face essa coisa de 'Estado do Povo', apesar de que a obra de Marx contra Proudhon, e em seguida o Manifesto Comunista dizem claramente que, com a implantação do regime social socialista, o Estado se dissolverá por si mesmo e desaparecerá. Sendo o Estado uma instituição meramente transitória, que é utilizado na luta, na revolução, para submeter os adversários pela violência é um absurdo falar de Estado Popular Livre: enquanto o proletariado ainda *necessitar* do Estado, não o necessitará no interesse da liberdade, mas para submeter os seus adversários, e tão logo que for possível falar-se de liberdade, o Estado como tal deixará de existir" (9).

Este problema da substituição da ditadura do proletariado pela tese do "Estado de Todo o Povo" não é uma questão meramente semântica. O abandono da perspectiva da luta de classes no socialismo tem profundas implicações para todo o desenvolvimento da sociedade. Se o Partido Comunista no poder perde o rumo e a sociedade não avança na revolucionarização da sua vida política, econômica, ideológica e cultural, as forças do conservadorismo ainda presentes na sociedade levam a melhor e a arrastam de volta à lógica do passado. É como uma

canoa subindo o rio contra a corrente. Se os ocupantes pararem de remar, a embarcação não fica parada, será inexoravelmente puxada para trás. No caso do socialismo, perder de perspectiva a luta contra as forças conservadoras que se erguem na sociedade significa afundá-la no burocratismo paralisante. Sem mobilizar o proletariado e as massas camponesas para a luta de classes contra estas forças hostis, os órgãos de poder do povo trabalhador, como os soviets em todos os níveis, os sindicatos etc. vão degenerando, perdendo o seu caráter vivo, para se transformar em instâncias puramente formais.

GESTÃO CAPITALISTA DA ECONOMIA

A grande tragédia do triunfo do revisionismo nos Partidos Comunistas no poder é justamente o fato de os desvios não ficarem restritos à esfera teórica ou de mera discussão política, mas se converterem em ações de Estado. No caso soviético, estas concepções passaram a dominar a política do PCUS justamente no período em que a URSS enfrentava o desafio de passar da fase de industrialização extensiva da sua economia para uma nova fase de desenvolvimento intensivo, onde a modernização tecnológica ganhava importância para aumentar ainda mais a produtividade do trabalho.

Com o abandono das posições marxistas revolucionárias este problema não foi abordado do ponto de vista da luta de classes e da mobilização da energia criadora das massas para superar as contradições que entravavam o pleno desenvolvimento da sociedade socialista. O PCUS não despertou o generoso entusiasmo revolucionário que caracterizou a participação dos trabalhadores soviéticos nos "Sábados Comunistas" da década de 20 e no movimento *Stakhanovista* da década de 30, no primeiro esforço de industrialização. Desta vez, o que predominou foi a perspectiva economicista mais estreita, buscando incrementar a produtividade do trabalho pela reintrodução de mecanismos capitalistas na gestão da economia soviética.

Não cabe aqui analisar a fundo este processo que já descreve-

mos anteriormente no artigo "A Degenerescência Capitalista da União Soviética", publicado na PRINCÍPIOS Nº 3. Vamos, no entanto, responder a alguns argumentos apresentados agora pelos capituladores para defender a "regeneração" da sociedade soviética.

O primeiro argumento apresentado é de que Brejnev, ao assumir o poder, revogou as medidas econômicas descentralizadoras implementadas por Krushev e retornou a uma correta política socialista. No fundo desta colocação está uma visão que identifica o socialismo com "centralização" e capitalismo com "descentralização". A questão assim está mal colocada. O socialismo tem de viabilizar a mais ampla iniciativa descentralizada das massas através de um plano centralizado. O próprio capitalismo centraliza cada vez mais a produção num punhado de empresas monopolistas, na sua fase atual. A questão fundamental portanto, é ver em que bases concretas se processa esta centralização/descentralização.

É verdade que uma das primeiras medidas econômicas tomadas pela direção do PCUS após a queda de Krushev foi o restabelecimento dos ministérios de planejamento central, que haviam sido abolidos por este e substituídos por 105 conselhos econômicos regionais. Mas esta "centralização" se deu justamente nos marcos de uma ampla reforma econômica implementada por Kossiguin em 1965 que liquidou com os mecanismos socialistas que restavam na economia soviética. Senão, vejamos o sentido das demais medidas das chamadas "Reformas de Kossiguin". O objetivo central da produção de cada empresa passou a ser a maximização dos lucros a nível local. Grande parte do lucro passou a ficar retido na própria empresa para reinvestimento em bens de capital. Foi abolido o abastecimento gratuito e centralizado de meios de produção do Estado para as empresas. As empresas passaram a comprar estes meios de produção, baseadas em empréstimos a longo prazo do banco estatal. Os diretores das empresas passaram a gozar de grande autonomia, passando a de-

terminar o ritmo de produção, número de pessoas empregadas e níveis salariais na sua empresa.

Por tudo isto, não tem fundamento o argumento dos capituladores de que na URSS "o dinheiro não pode ser transformado em capital, não pode ser investido em meios de produção". Sob o sistema de "autogestão financeira" introduzida por Brejnev e Kossiguin, cada empresa financia a expansão de seu próprio capital, com os próprios lucros ou com empréstimos do Estado. O diretor nomeado toma as decisões sobre a elaboração dos recursos, e como ressalta o economista soviético A. Omarov "torna-se desnecessário sublinhar que se acha investido de todos os poderes necessários para executar suas obrigações". (10) A própria planificação econômica se

dá em bases inteiramente novas. O Estado passa a atuar como capital financeiro e os meios de produção se transformam novamente em Capital.

No período de desenvolvimento socialista anterior, o Estado distribuía centralmente os meios de produção de acordo com o plano econômico elaborado por todo o povo trabalhador. As massas de operários e dos camponeses dos kolkhoses eram mobilizadas através de vários órgãos de controle para vigiar o processo produtivo e evitar qualquer desperdício ou esbanjamento de recursos. Agora, as grandes decisões econômicas ficaram restritas às direções das empresas e dos ministérios com base na autogestão financeira. O critério da "eficiência" passou a ser o lucro. Os produtores





Sabaudin Xhaferi

diretos perderam o controle sobre o processo produtivo. Os trabalhadores voltaram a ser tragados como meras peças no redemoinho da expansão do Capital, agora camuflado, em busca do lucro.

É evidente que este processo não se verifica sem contradições e percalços. Desde a sua implementação, e em particular nos últimos anos, tem havido uma luta aberta no Estado e no Partido da URSS entre diferentes setores de mando na economia. De um lado, dirigentes de ministérios centrais e seus protegidos se esforçam por manter a tutela sobre os dirigentes de empresa, restringindo seu grau de autonomia e dando cobertura às falhas econômicas dos diretores "fiéis". De outro, diretores de empresa lutam por aumentar a "eficiência" da economia am-

pliando a força reguladora do mercado. Exigem que os princípios da Reforma sejam levados às últimas conseqüências, para aumentar seus próprios poderes e autonomia.

Na curta administração de Andropov, e atualmente com a consolidação do mandato de Gorbachev, esta última perspectiva nitidamente levou a melhor. É por isso que a direção do PCUS hoje ataca abertamente o "esbanjamento, desperdício e corrupção" do período de Brejnev, propondo disciplinar a atividade de todas as empresas através do "aumento da responsabilidade, inclusive jurídica, de pessoas concretas (diretores-L.F.) pela conservação e devida utilização dos bens" (11). O importante é ressaltar que ambas as posições se dão nos marcos

da Reforma que reestruturou globalmente a economia soviética em bases capitalistas após a ascensão do grupo Brejnev/Kossiguin ao poder.

A EXPORTAÇÃO DE CAPITAL PELA URSS

Outro argumento predileto dos neo-revisionistas é negar a validade da tese do "social-imperialismo soviético", alegando que ela foi formulada pela direção maoísta do PC Chinês tendo em vista unicamente a disputa territorial com a URSS. Os partidos e organizações marxistas-leninistas teriam "caído no conto do vigário", cometendo o erro básico de tratar o imperialismo como uma mera política externa, e não como um sistema onde predomina a exportação de capital excedente pelos grandes monopólios.

Na verdade, a análise marxista-leninista vai bem mais fundo do que a imaginação simplista dos capituladores pode vislumbrar. Ela estuda sobretudo o processo pelo qual, com a implementação das medidas da Reforma Econômica, algumas empresas e às vezes ministérios começaram a levantar que não podiam usar integralmente os seus fundos de investimentos internamente nas unidades, pois a lucratividade das inversões sofreria uma queda. Isto nada mais é do que a formação de um capital excedente que acaba pressionando no sentido da expansão externa, para assegurar maiores lucros às custas da exploração da mão-de-obra em outros países. A política de agressão a outros povos, como nos casos da Checoslováquia, Eritreia e Afeganistão, é uma conseqüência do impulso expansionista que voltou a operar no sistema econômico soviético com a reintrodução de mecanismos capitalistas de gestão

O artigo publicado na PRINCÍPIOS 3 traz bastantes dados sobre as diversas formas utilizadas pela URSS para exportar seu capital. Nos últimos anos este processo não só se incrementou, como vem assumindo feições cada vez mais abertas e diversificadas. A imprensa nacional noticiou a visita ao Brasil de uma missão econômica soviética na segunda quinzena de novembro integrada, entre outros, por dois ministros. O princi-

pal negócio por trás da viagem é uma proposta soviética de investir capital no Brasil para a construção de um alto-forno para a produção de ferro gusa. O pagamento deste investimento será feito com a venda do ferro gusa à própria URSS! Este é um pequeno exemplo da ofensiva que o capital soviético tem dado nos últimos tempos em direção à América Latina, região considerada até aqui "quintal" exclusivo do imperialismo norte-americano. O próprio Gorbachev anunciou sua disposição de desenvolver ainda mais novas formas de contatos econômicos que vão além de simples relações comerciais visando "a exploração conjunta das novidades técnico-científicas, o projeto e construção de empresas e a extração de matérias-primas" em outros países (12).

A CHAMADA "VIA NÃO CAPITALISTA"

Os investimentos soviéticos nos países da Ásia, África e América Latina são defendidos pela direção do PCUS como uma forma de ajudar os países receptores a se desenvolverem por uma via "não capitalista". Os marxistas-leninistas sempre denunciaram estes argumentos como mera demagogia revisionista. É difícil explicar como o Brasil ficará "menos capitalista" ao aceitar investimentos soviéticos para construir um alto-forno de ferro gusa. Agora os capituladores "descobriram" que Lênin e a Internacional Comunista também defenderam a tese de "desenvolvimento não-capitalista" propugnada hoje pelo Krêmlin.

As formulações de Lênin, no entanto, não têm nada a ver com a atual política de investir capitais em países dependentes com governos burgueses. Ele sempre vinculou a possibilidade da passagem dos países coloniais ao socialismo, sem passar pela fase de desenvolvimento capitalista, à conquista da hegemonia do processo nacional-revolucionário pela classe operária através do seu Partido Comunista. Só assim a revolução poderia "queimar etapas" com a ajuda estatal de nações socialistas mais desenvolvidas para chegar ao so-

cialismo por uma via não-capitalista.

Veamos como a questão é tratada nos documentos do Segundo Congresso da Internacional Comunista, que é citado pelos neo-revisionistas: "Na sua primeira etapa a revolução nas colônias deve ter um programa que inclua reformas pequeno-burguesas, tais como a distribuição de terras. Mas isso não implica necessariamente que a direção da revolução deve ser entregue à democracia burguesa. O partido proletário deve, pelo contrário, lançar uma propaganda intensa e sistemática a favor dos soviets e organizar soviets de camponeses e de operários. Esses soviets deverão trabalhar em estreita colaboração com as repúblicas avançadas, em ordem à vitória final sobre o capitalismo no mundo inteiro. Assim, as massas dos países atrasados, conduzidas pelo proletariado consciente dos países desenvolvidos, alcançarão o comunismo sem passar pelas diferentes etapas do desenvolvimento capitalista" (13).

Outra condição para que as nações socialistas mais desenvolvidas possam prestar ajuda a movimentos de emancipação nacional na transição para o socialismo é a existência de um mercado socialista mundial em oposição ao mercado capitalista mundial. Na seqüência da formação do campo socialista após a Segunda Guerra Mundial, o mercado capitalista único mundial se desintegrou com a formação de dois mercados opostos, um capitalista e outro socialista. Após as reformas da década de 60, a economia da URSS e de seus aliados voltou a se reintegrar plenamente no mercado capitalista mundial. Assim, tornou-se impossível para a URSS polarizar o desenvolvimento de nações que passaram por revoluções nacionais e democráticas no sentido do socialismo.

Em relação a este aspecto, é bastante elucidativo um trecho do livro "Eurocomunismo e Estado" do arquiteto-revisionista espanhol Santiago Carrillo, justificando por que não defende a expropriação das multinacionais no seu país: "Hoje, mesmo na URSS, estabelecem-se muitos bancos de

países capitalistas, oferecem-se contratos a empresas japonesas para organizar a exploração e utilização em comum do gás siberiano, instala-se uma filial da FIAT e fazem-se acordos semelhantes com empresas francesas e de outros países... Os capitalistas, desta forma, obtêm seus ganhos mas, ao mesmo tempo, ajudam o desenvolvimento econômico do socialismo... E, sendo assim, é evidente que uma democracia socialista na Espanha teria de manter uma política aberta às inversões estrangeiras e às multinacionais que conviessem ao nosso desenvolvimento econômico" (14). A própria prática soviética, portanto, não impulsiona as nações recém-libertadas a romper os laços de dependência econômica ao grande capital ocidental. A capa da "via não capitalista" só serve mesmo para a URSS disputar em melhores condições espaços econômicos com o imperialismo ocidental em países como a Argélia, Afeganistão, Etiópia, Tanzânia, Congo, Guiné-Bissau, Angola etc.

A QUESTÃO DA TRANSIÇÃO PACÍFICA PARA O SOCIALISMO

Um dos argumentos centrais também apresentados para "justificar" o retorno do PCUS ao marxismo revolucionário é de que a atual direção do Partido renegou a tese da "transição pacífica para o socialismo" que havia sido elaborada por Krushev no XX Congresso. De fato, a Conferência de 1969 faz uma certa "flexão" em relação à política anterior de Krushev. Critica-se a "tendência a ver numa eventual vitória eleitoral a única possibilidade de realizar a revolução socialista por via pacífica e a considerar a luta parlamentar como o meio principal e exclusivo que conduz ao socialismo" (15). Mas continua-se afirmando que os partidos farão tudo ao seu alcance para que a transição ao socialismo se dê por meios pacíficos, sem no entanto afastar a possibilidade da luta armada. O recente relatório elaborado por Gorbachev para o XXVII Congresso do PCUS que se realizará em fevereiro de 1986 reafirma esta mesma política.

Embora a aparente correção de rumo, a questão continua sendo colocada em bases inteiramente falsas pelos revisionistas soviéticos. Marx e Lênin chegaram a vislumbrar a possibilidade da transição pacífica para o socialismo como uma perspectiva inteiramente excepcional e rara. Lênin chega a escrever — “em casos particulares, a título excepcional — por exemplo, nalgum pequeno Estado depois de um grande vizinho ter realizado a revolução social — será possível a cedência pacífica do poder pela burguesia, se esta se convencer de que a sua resistência será inútil e preferir conservar a cabeça”.(16) O problema fundamental é que não depende do proletariado nem do seu Partido se o processo de revolução vai ser pacífico ou não. Tudo depende de como a burguesia e demais classes dominantes responderão ao clamor e à luta das massas trabalhadoras por mudanças profundas na estrutura social.

Até hoje, não existiu um processo revolucionário sequer onde as classes dominantes tenham aberto mão dos seus privilégios, sem utilizar o terror e a violência mais extremada. Ao proletariado e aos povos cabe estar preparados para defender com energia e por todos os meios necessários os avanços democráticos e as conquistas populares. Pregar a transição pacífica como uma “opção” dos comunistas implica relaxar a vigilância e a mobilização revolucionária dos povos, única força capaz de convencer as classes dominantes a “conservar suas cabeças”.

O que está por trás da nova valorização da possibilidade da luta armada pelo PCUS, na verdade, é a nova etapa nas relações entre URSS e EUA no mundo. No período de Krushev, o que estava no centro era o esforço de reaproximação e colaboração com o imperialismo norte-americano. Por isso, em relação aos partidos comunistas se absolutizou a questão da transição pacífica. Mas ao par da reintegração da URSS no sistema capitalista mundial, a transformação do país numa potência igualmente expansionista gerou também uma tendência à confrontação com os EUA pela



Ilir Pojani

hegemonia do sistema. Aqui passou a interessar aos soviéticos explorar conflitos que debilitassem as bases do imperialismo norte-americano em diferentes regiões do mundo. Para estes casos, não se poderia descartar teoricamente a perspectiva da luta armada.

É neste mesmo contexto que se dá a alegada “mudança de posição” do movimento marxista-leninista nas críticas à política externa da URSS. Os neo-revisionistas consideram uma “incoerência” que antes se criticasse Krushev por sua colaboração com o imperialismo norte-americano e depois se denunciasse Brejnev e seus sucessores por se armar para o confronto com os EUA. O que

eles não conseguem, ou não querem ver é que o que mudou de fato foi a fase nas relações EUA x URSS no mundo.

Ao se reintegrar no sistema capitalista mundial como uma potência expansionista, a União Soviética teve de compensar sua relativa fraqueza econômica com o recurso rápido à força militar para responder às tentativas norte-americanas de minar e abalar suas posições. Na década de 60, e sobretudo na década de 70 com Brejnev, à medida que aumentavam os focos de disputa com os EUA, a URSS se voltou para uma impressionante escalada armamentista, montando uma agressiva máquina de guerra para a intervenção em

todo o mundo. A invasão da Checoslováquia em 1968 marcou a entrada em operação do novo belicismo intervencionista soviético. Hoje, em oposição aos 450 mil soldados que os Estados Unidos mantêm permanentemente no exterior distribuídos por 1.500 bases e facilidades militares em 32 países, a União Soviética mantém mais de 720 mil soldados estacionados fora de suas fronteiras, espalhados por 26 países do mundo.

Isto nada tem a ver com a política de se armar para a defesa do socialismo praticada no período de Stálin. Aqui, mesmo sob a mira das armas atômicas de Washington, a URSS nunca deixou de dar integral apoio às lutas revolucionárias dos povos contra o imperialismo. Hoje, alcançada a paridade bélica com os EUA, a União Soviética sacrifica as lutas de emancipação nacional dos povos e usa seu gigantesco poderio militar para impor seus próprios interesses hegemônicos de Estado, como no Afeganistão e na Eritreia. É evidente que as críticas dos partidos e organizações marxistas-leninistas ao revisionismo soviético não poderiam deixar de acompanhar esta evolução.

GRAVE PERIGO PARA A LUTA DOS POVOS

Por tudo que vimos acima, somos forçados a concluir que qualquer reconciliação política ou ideológica com o revisionismo soviético representa um grave perigo para a luta de emancipação do proletariado e dos povos. Não será este o caminho para o movimento marxista-leninista conseguir abordar concretamente o problema político das vias de transição ao socialismo em cada país. Muito se tem falado ultimamente sobre as alegadas diferenças de princípio entre o PCUS e os partidos eurocomunistas. Mas a verdade, como vimos acima, é que tanto as formulações dos eurocomunistas como as dos revisionistas chineses não fazem mais do que levar às últimas conseqüências as bases políticas e ideológicas do revisionismo soviético. O que o PCUS de fato abomina nos demais é que estes não se submetem automaticamente ao ditame político do Krêmlin.

Para os marxistas revolucionários é especialmente doloroso constatar esta evolução na pátria de Lênin, berço da primeira revolução socialista no mundo. Mas não podemos cair na política da avestruz, que não quer ver, substituindo a triste realidade do PCUS com Krushev e seus seguidores pelos nossos desejos de ter na URSS um poderoso baluarte da luta pelo socialismo no mundo. Justamente a principal lição que aprendemos com a experiência da revolução soviética é a mais absoluta necessidade dos partidos comunistas romperem com qualquer concepção ideológica revisionista para poder traçar o rumo político que leve a luta de emancipação dos povos à vitória.



Os revisionistas contemporâneos desprezaram a teoria revolucionária de Lênin.

NOTAS

1. Mikhail Gorbachev- "Relatório sobre a convocação do XXVII Congresso Ordinário do PCUS", publicado no livro "URSS- Uma Nova Etapa" da Editora REVAN em 1985.

2. Li ji e Guo Qingshi — "Princípios que Rege as Relações com outros Partidos Comunistas", artigo publicado na revista "China" y el Mundo" n.º 4 da Beijing Informa.

3. V. Chevstov- "O PCUS e o Estado na Sociedade Desenvolvida", livro publicado pela Editora Progresso de Moscou em 1981, p. 9.

4. Ver o livro de Xue Muqiao: "Problemas de la Economia Socialista de China" publicado pelas Edições em Línguas estrangeiras de Beijing em 1981.

5. Op. Cit., Chevstov, p. 13 e p. 16.

6. Op. Cit., Chevstov, p. 25.

7. Chevstov, p. 96.

8. "Carta de Engels a Augusto Bebel" publicada nas obras Escolhidas de Marx e Engels de Editora Alfa-Omega em São Paulo, pp. 229-230

9. Omarov- "Organização da Indústria e Construção na URSS", publicado pela Editorial Estampa, Lisboa, em 1976, p. 99.

10. OP. Cit., Gorbachev, p. 19.

11. Gorbachev, p. 48

12. "Resoluções do Segundo Congresso" publicado no livro "Os Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista" das Edições Maria da Fonte, Lisboa, pp. 182-183.

13. Santiago Carrillo- "O Eurocomunismo e o Estado" publicado pela Editora DIFEL, Rio de Janeiro, em 1978, p. 97.

14. Lênin- "Sobre a Caricatura do Marxismo e o "Economicismo Imperialista" publicado na coletânea "Contra el Revisionismo" da Editora Progresso, p. 326.

15. V. Zagladine- "O Movimento Comunista Internacional"- 1.º Volume publicado pelas Edições AVANTE, Lisboa, em 1977, p. 79.

“Multiplicarei os sofrimentos de teu parto”

“Tu parirás teu filho em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido e ele te dominará” (Gênesis)



Ieda Romero

A mulher e a educação

Maria do Socorro Jô Moraes

A condição de subalternidade da mulher vem sendo explicada e reproduzida, ao longo dos tempos, sob as mais diferentes formas. As justificativas apresentadas para expor e reforçar esta situação vão desde as razões biológicas que apontam a condição de reprodutora como indicação de sua “fragilidade” até sua destinação histórica de ser complementar do homem em todas as suas atividades. Mas a mulher não nasceu destinada à submissão nem é, por natureza, um ser inferior. Nos tempos iniciais da história humana ela dividia com os homens a responsabilidade dos meios de exis-

tência. Por isso mesmo, gozava dos direitos comuns aos componentes das tribos.

A diferenciação se inicia com a acumulação de riquezas nas mãos dos homens que, no cumprimento das tarefas de sua responsabilidade, vêm expandir-se novas fontes de alimento e os instrumentos necessários para sua busca. E assumem, conseqüentemente, uma situação mais importante na família. O homem passa a governar também na casa e a mulher passa a ser encarada como simples instrumento de reprodução. Essa diferenciação surge na família ao mesmo tempo em que, na sociedade, se estabelecem as diferenças entre os que acumulavam

Alexandre — Mas na prostituição tem o problema da mulher...

Djalma — É barra pesada. Muitas dessas mulheres encaram o tóxico pra poder enfrentar essa barra. A realidade aí é dura. Essas mulheres às vezes foram até casadas, e se tivessem um trampo não entravam nessa, não.



César Diniz

Tereza, Rute e Elizete

Enéas — Eu sei que esse negócio de tóxico e prostituição é problema de estrutura, mas na fábrica o pessoal também faz uso de tóxico, mesmo procurando esconder da chefia, mas faz. Eu acho que não deve ser reprimido, não. Você vai lá e diz que esse dinheiro que ele está dando vai pra alguém que não tem nada a ver com ele, que não está a fim de nada. Acho que tem que ir em cana o cara que lucra com o comércio. Na questão da prostituição e da pornografia, do mesmo jeito.

Rute — Eu acho o seguinte: a burguesia percebe que o trabalhador trabalha pra caramba, ganha pouco, não tem nenhuma perspectiva de lazer, e aí ela joga pesado, solta um monte de revistas pornográficas, filmes, e até ganha com isso; explora o mais que pode.

Teresa — Às vezes isso tem a ver com a família, com a falta de orientação e educação. Lá em casa meu pai ensinava que sexo era coisa feia, horrível, que não podia, que era pecado. Mas um dia eu lembro que ele comentou que muitos pais possuem a própria filha. Aí eu vi que muitas prostitutas já vêm de casa com o problema, e a única maneira de sobreviver é a prostituição.

Rute — Aí o problema familiar vira econômico.

Apolinário — E o sexo antes do casamento: pode, não pode, deve, não deve?

Elizete — Eu acho que a sociedade incentiva a prostituição. Antigamente você via a menina que chegava do Nordeste, ou do Interior, e era esperada na rodoviária para ser levada a uma casa de prostituição. Hoje você pega o jornal e tá lá: precisa-se de modelos, moças para televisão ou teatro. Tenho um amigo que hoje está na UJS e que já trabalhou com fotografia para revistas pornográficas a quem muitas amigas iam procurar para serem fotografadas, com essa ilusão de cinema, teatro. Era uma que não tinha

dinheiro para pagar a faculdade, outra que queria se vestir melhor, e aí ela já não acha que seja prostituição. Essa é a prostituição mais sofisticada, mas tão degradante quanto a outra.

Enéas — Por falar em sexo antes do casamento, quando eu fui casar tinha um curso na Igreja, e numa determinada palestra a mulher que dava o curso falou, olhando pra cara de todo mundo: "Aqui 30% das meninas estão grávidas e o restante usa anticoncepcional (risos). Eu olhei pra trás, para ver se as meninas tinham ficado vermelhas: nada! todo mundo normal."

Aldo — Qual era o seu caso? (risos).

Enéas — O meu caso era... dos 30% (risos). Eu sempre encarei normalmente esse negócio de sexo antes do casamento.

Aldo — Já está explicado (risos).

Tizil — Uma coisa que eu gostaria de lembrar é com respeito à própria virgindade. A sociedade impõe a virgindade para a mulher, mas a conversa é outra em relação ao homem...

Aldo — Homem virgem é donzelo, caixão branco (risos).

Tizil — É uma forma de discriminar.

Teresa — Eu não sou contra ter relação sexual antes do casamento, contanto que as pessoas estejam conscientes do que estão fazendo.

Rute — Eu acho que você tem que ser livre para ser ou não virgem. É falso liberalismo você achar que é avançado porque transa todo dia, cada dia com uma pessoa, ou com um cara. Isso também não é ser livre.

Tizil — Mas hoje a própria Igreja já discute esse negócio da virgindade de Maria. Jesus, por ser filho de Deus, não poderia ser filho comum de um casal qualquer; tinha que ser filho da virgem, concebido pelo Espírito Santo, para ter o dom da divindade, o que já constitui uma discriminação.

Raimundo — Mas isso está sendo questionado pela sociedade, que se desenvolve. Mesmo aquela mulher criada para ser virgem está questionando se deve conter os impulsos dela e do namorado. Agora eu acho que isso deve ser planejado e discutido, porque também tem o outro lado: já pensou o que é casar ela virgem e você um cabaço, ou como vocês chamam...

Apolinário — Donzelo.

Raimundo — Isso mesmo, deve ser gostoso demais. Tem muito de psicologia: tem mãe de 10 filhos que brinca com o marido como se os dois fossem virgens.



Djalma

os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido que eles têm tido da educação das mulheres e ao falso suposto de pensarem nelas como um traste de casa."

A luta da mulher para ver reconhecido, pela sociedade, o seu direito à instrução, e a importância deste para o progresso do país, tem sido uma luta permanente contra o atraso e os preconceitos. "O ensino da infância nas mãos de uma mulher equivale ao ensino por mestres de 10 anos e, em tais mãos, ficará o futuro da humanidade graças ao poder das primeiras impressões (...) A conclusão é uma e única. Nenhum papel deve ser confiado à mulher atual na direção intelectual das gerações" (Tito Lívio Castro, 1893). Ainda em 1942, vozes do retrocesso continuavam ameaçando o direito da mulher à instrução que tinha alcançado uma conquista importante com a legalização da co-educação, nas escolas primárias, no ano de 1879. A Reforma Gustavo Capanema, sessenta e três anos depois daquela conquista, sugeria, no seu título III: "é preferível que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimento de ensino de exclusiva frequência feminina."

Dado ilustrativo que mostra os avanços mas também as diferenças que ao longo do tempo ainda se mantiveram no acesso à educação é o número dos que concluíram curso universitário no ano de 1964: 20.282 homens e 6.890 mulheres.

NO MERCADO DE TRABALHO

Com o desenvolvimento econômico do país e a conseqüente integração da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho, com ampliação de conquistas sociais impostas pela luta dos trabalhadores e com o crescimento e mobilização das movimentações feministas, vêm caindo as barreiras formais para o acesso da mulher à instrução. A taxa de alfabetização feminina vem se igualando à taxa de alfabetização masculina, chegando a superá-la nos grupos mais jovens. Até 1978 o número relativo de mulheres alfabetizadas era inferior ao dos homens. Neste ano, segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio, 56% dos analfabetos eram mulheres. Ainda tendo como referência o ano de 1978 vamos encontrar uma partici-

pação feminina de 49,9% no 1º grau, 53,3% no 2º grau e 48,8% no nível superior. No entanto, o crescimento do acesso da mulher à instrução não pode ser entendido como o término das discriminações tanto quanto às oportunidades como quanto ao conteúdo da educação que é ministrada.

A participação feminina nas escolas superiores se dá, principalmente, naquelas que preparam para o magistério secundário e em carreiras menos privilegiadas. A exceção existente nas escolas de Medicina onde vem crescendo a participação feminina é acompanhada simultaneamente pelo assalariamento do médico e a perda de seu prestígio como profissional liberal. A integração da mulher no ensino superior mantém a dicotomização entre carreiras masculinas e carreiras femininas. Por isso, no seu relatório de balanço da década, compilado por Carmem Barroso, a UNICEF afirma: "Pode-se concluir que o ensino formal, em seus diversos níveis, apesar da igualdade constitucional de oportunidades educacionais entre homens e mulheres, e da co-educação teórica e legal nas escolas, vem atuando no sentido de separar os sexos por ramos e áreas de conhecimento."

EDUCAÇÃO COM DISCRIMINAÇÃO

O papel de subalternidade da mulher vem sendo reforçado, principalmente, através da educação diferenciada que procura impor, desde criança, um tipo padrão para os homens e um tipo padrão para as mulheres. Em casa, na escola, nos meios de comunicação, na literatura infantil, nas atividades culturais a mulher sempre aparece caracterizada por suas "especificidades" de docilidade e fragilidade e o homem pelas suas características de força e supremacia.



Em casa, antes de nascer, a diferenciação é preparada através de um enxoval que indica a cor rosa para a menina e a cor azul para o menino. O "Saco Roxo" é comemorado por pais e avós entusiasmados como mais um braço a ajudar na casa, enquanto o nascimento feminino é recebido com certa frustração, como um peso a mais. As meninas não podem brincar na rua, devem restringir-se a brincar de casinha, varrendo, cozinhando, costurando, aprendendo o que mulher tem de fazer quando crescer. Os meninos

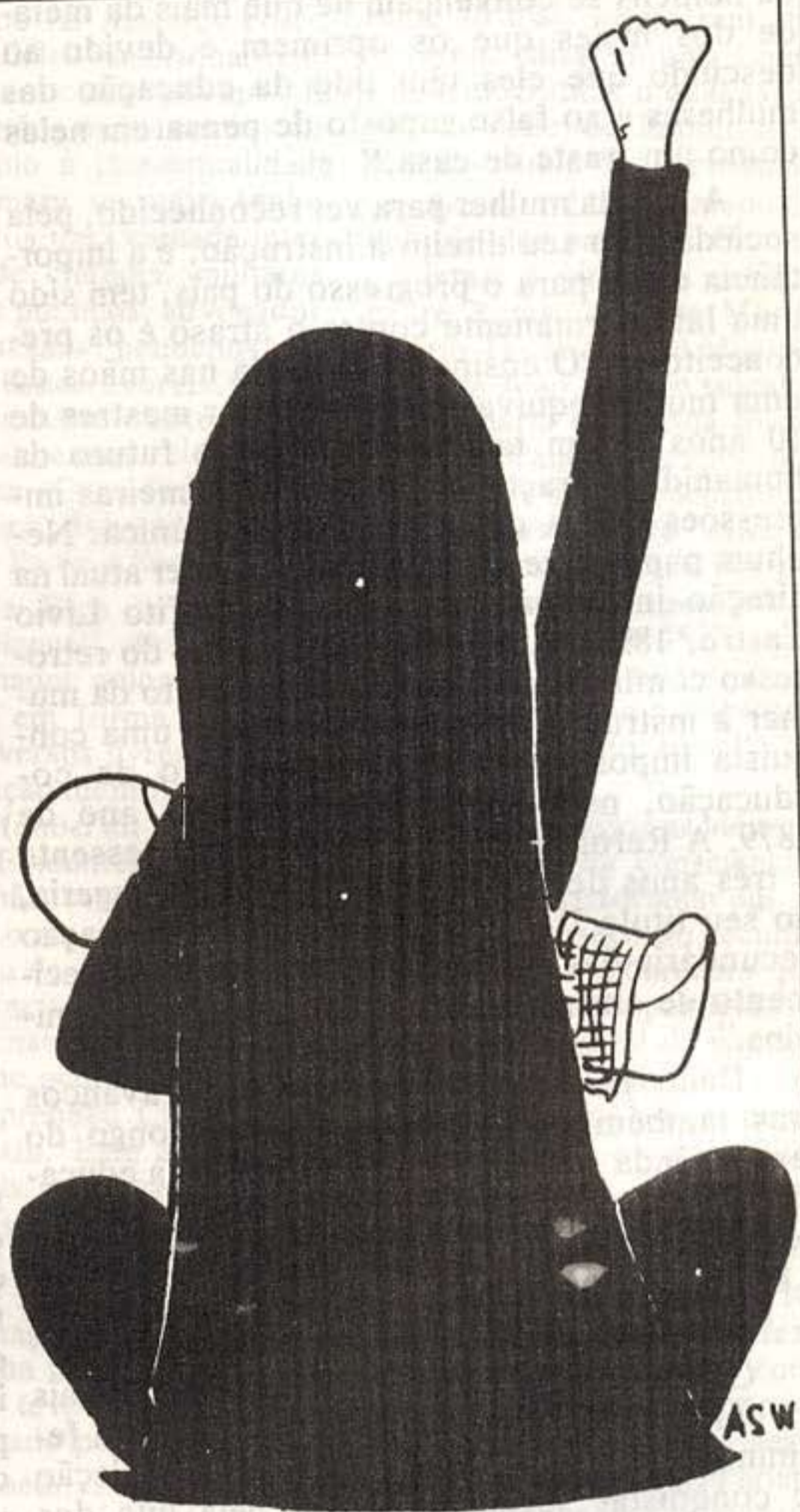
podem ter iniciação sexual precoce com as "brincadeiras de doutor" e outras experimentações infantis rigorosamente proibidas para as meninas, como se os possíveis desaconselhamentos da precocidade de tais atividades tivessem alguma coisa a ver com o sexo. Os meninos acompanham os pais para os campos de futebol, para os sindicatos, as meninas vão à missa ou aos cultos com a mãe, visitam a família e os vizinhos e quando são mocinhas podem ir aos bailes, desde que acompanhadas. Para casar, os homens devem garantir a casa e os móveis da casa e a mulher leva o enxoval composto de lençóis, toalhas de mesa, rendadas de preferência, panos de prato etc.

Na propaganda, as mulheres servem para embelezar o produto, os homens para lhes dar confiabilidade e segurança. Computadores, seguros, bancos são sempre "vendidos" por homens. Roupas, cosméticos, carros são "apresentados" com mulheres.

As histórias infantis tradicionais seguem o padrão da frágil cinderela que encontra um lindo e rico príncipe para lhe resolver todas as dificuldades de sua existência. A docilidade, a fragilidade e até mesmo a inconseqüência estão expressas na dedicada Branca de Neve, na ingênua Bela Adormecida, na imprevidente Chapeuzinho Vermelho, que encontram 7 sábidos anõezinhos (nenhum é mulher) ou um corajoso caçador para resolver todos os problemas e assegurar o final feliz.

A escola reproduz esses modelos tanto na sua atividade como no conteúdo de seus materiais didáticos. Uma tese do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro para o II Congresso da Mulher Fluminense, de 1981, explica: "A escola repete essa atitude (de diferença de comportamento), quando a professora combina que as meninas vão varrer o chão e os meninos transportar as carteiras, quando faz uma horta e aos meninos cabe capinar e preparar o terreno e às meninas regar as plantas e tirar os matinhos. E não faz muito tempo, aos meninos era ensinado carpintaria e às meninas, bordado. Na escola, mais uma vez, as tarefas difíceis cabem aos homens e as sem graça às meninas.

Quando da comemoração do Dia das Mães, costumeiramente a escola dá aos alunos poemas e textos reforçadores da especificidade da vida feminina e da condição de subalternidade da mulher. "Ela é dona de tudo, ela é a rainha do lar..." "Ser mãe é desdobrar fibra por fibra..." "...carrego papai no bolso e mamãe no coração." Na verdade ela não é dona nem mesmo dos negócios do lar, tendo que submeter ao marido as decisões maiores. Na verdade ser mãe é desdobrar-se numa dupla jornada no



trabalho fora e em casa, impedindo-a do necessário descanso.

Em 1981, Regina Pahim Pinto, analisando 48 livros aprovados por uma comissão de leitura da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo encontrou uma personagem feminina para quatro masculinas e no mesmo material dentre os personagens masculinos, 57% são descritos como profissionais enquanto que entre os femininos apenas 19% se encontravam na mesma situação.

E o que é mais grave nisso tudo é que, como indica o relatório da UNICEF, "os centros produtores e difusores de conhecimento não alçaram a questão da discriminação contra a mulher do nível de um problema que exige sua eliminação". Ao mesmo tempo em que "não existe qualquer recomendação governamental, no passado e no presente, que vise a combater



as discriminações sexuais em currículos e materiais didáticos”.

MUDAR É PRECISO

O avanço da luta emancipacionista feminina vem alcançando conquistas importantes particularmente no terreno ideológico com a adesão dos agentes de educação ao debate e o tratamento da questão da mulher. Nas escolas secundárias e nas universidades têm sido frequentemente abordados temas que envolvem a discriminação feminina. Ao mesmo tempo em que as entidades do magistério vêm procurando introduzi-los nos seus congressos e nas atividades culturais.

O momento pré-constituente é importante oportunidade para se desenvolver o debate sobre estas questões e se mobilizar os interessados para assegurar o reconhecimento formal das soluções encontradas. Vejamos algumas preocupações a serem debatidas e ampliadas, a fim de podermos avançar de forma efetiva no combate a toda discriminação da mulher, na esfera da educação:

1— Eliminação dos modelos padrões dos papéis masculinos e femininos nos livros didáticos através de recomendação oficial.

2— Introdução do tema sobre a condição feminina nos currículos e programas escolares. Aprofundamento do debate e busca de métodos

pedagógicos e de atividades educacionais que combatam os modelos sexuais estereotipados.

3— Valorização do magistério, mesmas oportunidades de carreira para ambos os sexos e igualdade salarial em todos os níveis.

4— Reforço da co-educação em todos os níveis, tanto na cidade como no campo e combate ao tratamento disciplinar diferenciado existente até mesmo em escolas modernas.

5— Garantia das mesmas oportunidades culturais e de desportos.

No que se refere à mobilização dos agentes educacionais:

— intensificação do debate sobre o tema nos fóruns internos: congressos, seminários etc.

— utilização das atividades nas salas de aula para reconceituação dos papéis masculinos e femininos introduzindo a questão da igualdade, aproveitando o Dia da Mãe, Dia dos Pais e outros.

— programação de atividades culturais paralelas que combatam a discriminação e reforcem a igualdade com base em literatura sobre o tema.

— introdução nas bibliotecas das escolas de literatura específica sobre a questão da condição feminina.

“A questão da inferiorização da mulher, que é passada de geração a geração, precisa ser pensada por nós. Queiramos ou não, enquanto professoras somos responsáveis pela transmissão dessa visão discriminatória. Precisamos começar um trabalho no nosso dia a dia, na sala de aula, ao lidarmos com os meninos e meninas que educamos”.

(Comissão do Sindicato dos Professores do RJ).

BIBLIOGRAFIA:

SAFIOTI, Heleieth — A Mulher na Sociedade de Classes — Vozes, 1976.

UNICEF — Mulher, Sociedade e Estado no Brasil — Brasiliense, 1982

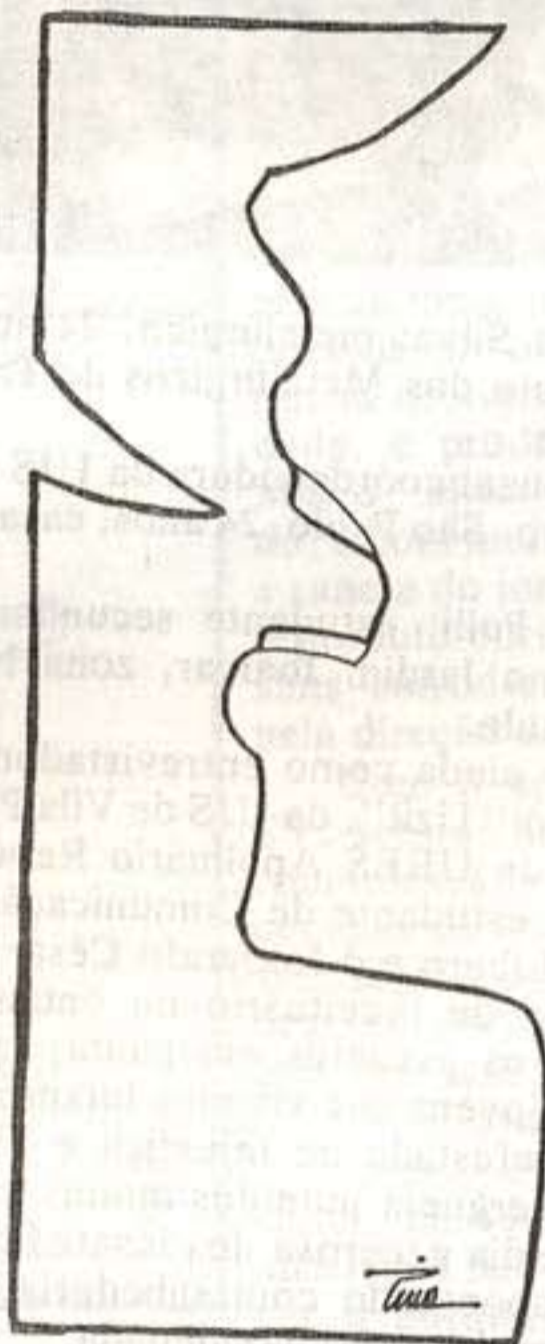
MARX, Engels Lenim — Sobre a Mulher — Global Editora, 1979

MORAES, Luiza — Em Defesa dos Direitos e da Emancipação da Mulher — Editora Anita Garibaldi, 1984.



Fala Juventude:

Jovens das fábricas, do campo, escolas e bairros,
falam de suas lutas e
preocupações no Ano Internacional da Juventude.



Tina

Tina

Aldo Rebelo*

O que acontece quando jovens de diferentes atividades e origens sociais reúnem-se para discutir temas como o socialismo, sexualidade, revolução, movimento sindical, droga, pornografia, esporte e religião? A União da Juventude Socialista reuniu metalúrgicos, estudantes, um dirigente sindical do campo, todos jovens, para um debate que rendeu mais de quatro horas em fitas gravadas, a ser publicado em livro no início do próximo ano. Neste número de "Princípios", uma amostra do que pensa a parcela avançada da juventude brasileira, até que o livro nos traga a íntegra da entrevista.

Nossos entrevistados:

Djalma Pedro: operário metalúrgico demitido na

última greve geral de novembro, pernambucano de Caruaru, Coordenador de Assuntos Sindicais da UJS de São Paulo.

Raimundo Chaves: presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Poranga, Ceará, 21 anos.

Rute Imanishi: estudante secundarista, 16 anos, Coordenadora de Finanças da UJS de Osasco.

* Aldo Rebelo é jornalista, ex-presidente da UNE, suplente de deputado federal pelo PMDB-SP e coordenador nacional da União da Juventude Socialista.



César Diniz

Enéas Santos Silva: metalúrgico, 24 anos, ex-diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Pindamonhangaba.

Elizete de Souza: coordenadora da UJS no bairro de Santo Amaro, São Paulo, 24 anos, casada, uma filha.

Ana Tereza Polli: estudante secundarista, 16 anos, residente no Jardim Joamar, zona Norte da cidade de São Paulo.

Participaram ainda como entrevistadores, José Carlos Cardoso, o "Tizil", da UJS de Vila Prudente; o ex-presidente da UBES Apolinário Rebelo; Alexandre Nicolosi, estudante de Comunicação da Faculdade Cásper Líbero e o fotógrafo César Diniz.

Não se trata de receituário ou enunciado de conselhos sobre os assuntos em pauta; apenas da manifestação de jovens que vivem e lutam dentro de uma sociedade infestada de injustiça e hipocrisia, contra a qual se erguem munidos muitas vezes tão somente da rebeldia generosa dos insatisfeitos, mas por momentos apontando com sabedoria ímpar as rachaduras de sua estrutura condenada.

No ano dedicado à juventude, é mister escutar seus clamores e inquietações, se se quer trilhar com ela as veredas que conduzem à liberdade, ora transparentes como a luz do dia, ora misteriosas como os sonhos que acalentam a madrugada.

Aldo — Para início de conversa, seria importante que cada um falasse sobre sua experiência pessoal; como veio a participar do mundo da luta e da política.

Djalma — Eu tive uma infância muito voltada para o futebol, o que não deu certo porque a família não era favorável a isso; tinha que estudar, e com o futebol eu não teria condições de seguir os estudos. A gente foi tomando conhecimento da realidade das coisas pelos movimentos populares dos bairros, pegando interesse pela realidade geral do País. Por aí tomei conhecimento das idéias revolucionárias e aderi a elas.

Aldo — E no campo, Raimundo, onde as coisas são mais difíceis, com a organização partidária e sindical muito mais fraca, como é que você entrou nessa?

Raimundo — Aos 16 anos eu comecei a participar

quando entrei no Mobral, onde fui estudante e depois professor. Por esse tempo eu estudava e plantava...

Aldo — Plantava o quê?

Raimundo — Milho, feijão, mandioca, até que, aos 20 anos, me aproximei do movimento sindical, vendo que nosso Sindicato precisava de uma diretoria combativa, que levasse o movimento pela reforma agrária. Os companheiros começaram a me incentivar e começamos a fazer um movimento de esclarecimento sobre o que era o Sindicato, fazendo uma avaliação daquela diretoria que estava lá. Fomos à eleição sindical, deu quórum na primeira convocação. Foi chapa única. Nossos adversários não tiveram condições de nos enfrentar, e na posse compareceram mais de dois mil trabalhadores dos quatro mil filiados.

Enéas — Eu entrei para a atividade política quando estava no Centro Cívico da Escola Vital Fogaça — o Malacaxeta —, onde tinha uma diretora que era muito reacionária e nós fizemos um panfleto para denunciar a repressão. Na escola entrava polícia e até cavalaria. Nesse dia ninguém entrou para estudar, ficou todo mundo na porta da escola. Depois disso eu servi no Exército e fui trabalhar como metalúrgico em Taubaté e Pinda.

Tereza — Eu comecei a participar por causa da minha irmã. Ela começou a participar dos movimentos estudantis e eu vi que desenvolveu mais a cuca dela. Ela conseguia discutir com meu pai quando ele não deixava a gente fazer nada; não deixava sair; não deixava participar de qualquer movimento. Conheci a UJS, concordei com essas idéias e acho que estou no caminho certo.

Elizete — Eu vim de uma família operária — pai e mãe —, senti muito de perto o problema do desemprego em casa. Meu pai, apesar de muito dedicado e esforçado, sempre fazendo de tudo para não faltar nada em casa, tinha problemas de alcoolismo. Ele e minha mãe não se entendiam muito bem e eu fui criada em cima de um clima de muita violência, uma repressão muito grande, não só em cima de mim, mas

também em cima de meus irmãos. Eu, de certa forma, procurava me refugiar e aí comecei a participar de grupos da Igreja. Desde criança participei do grupo "Perseverança", que era a forma de me livrar das pressões que existiam dentro de casa. Depois participei de grupo de comunidade...

Apolinário — Onde era essa comunidade?

Elizete — A comunidade do Parque Santa Madalena, lá no Sapopemba. Fizemos um grupo de teatro dentro da Igreja, ainda contra a vontade de meu pai. Cheguei até a fazer greve de fome. Fiz greve de fome de uma semana para meu pai entender que eu tinha que participar, me sentir útil de uma forma ou de outra. Meu pai era operário mas tinha idéias atrasadas. Ele ouvia falar em movimento grevista, que a gente tinha uma simpatia, mas meu pai de certa forma combatia, dizia que greve levava o operário a ser demitido.

Tizil — E o trabalho com a Igreja?

Elizete — Devagar a Igreja começou a dar um certo espaço. A gente ia discutindo a "Teologia da Libertação", sendo tachado de comunista, subversivo, e eu fui tendo curiosidade por essas palavras: o que era subversivo, o que era comunista? Em 79, quando estourou a greve dos metalúrgicos, eu era metalúrgica e fazia parte da Pastoral Operária da Igreja. A Igreja, de certa forma, mobilizou-se para apoiar a greve, alguns seminaristas mais avançados, e eu também fui apoiar a greve. Era minha primeira experiência. Ficamos lá no comando de Vila Alpina, e de repente eu comecei a ver outro mundo, o mundo da classe operária, e achei uma coisa muito bonita. De repente vi meu pai, que era um operário atrasado, na liderança da greve. Na época ele era operário da Ford.

Aldo — Aí ele entrou na greve?

Elizete — É. Ele entrou na greve, e eu nem pensava que meu pai fosse parar. Também foi a primeira experiência dele. Eu estava no comando de greve outro dia, quando vi meu pai entrar com um batalhão de operários da Ford. E o velho animado, pra lá e pra cá.

Apolinário — E você não fez nenhuma cobrança — como é, você pode e eu não posso?

Elizete — Aí eu não quis fazer nenhuma cobrança pra ele, porque eu sabia que meu pai era muito orgulhoso. Mas vi que, na prática, a coisa já era outra. Ele falou uma coisa que até hoje eu me lembro:

"Olhe, minha filha, até parece que eu estava há muitos anos dentro de um buraco escuro, sem ver a luz, de repente, o buraco se abriu e eu comecei a sair, que nem um passarinho, e estou voando".

Pai de Elizete

— "Olhe, minha filha, até parece que eu estava há muitos anos dentro de um buraco escuro, sem ver a luz, de repente o buraco se abriu e eu comecei a sair que nem um passarinho, e estou voando".

Foi uma coisa muito bonita, e a partir daí, dessa

greve, começou a abrir um horizonte novo na minha casa. Ele começou a respeitar mais a gente. Continuei participando dos movimentos mais avançados dentro da Igreja, que eram a Pastoral Operária e a Pastoral dos Direitos Humanos. Aí a gente começou a sentir que havia uma reação dentro da Igreja. A Igreja começou a podar esse avanço, houve um processo de muita discussão e eu terminei sendo expulsa da Igreja. Tanto eu como meu irmão.

Aldo — Foi excomungada?

Elizete — Não fui excomungada, não (risos).

Apolinário — E como ficou a relação com teu pai?

Elizete — Ele passou a ter mais confiança em mim. Até o preconceito começou a acabar — esse negócio de que você é mulher e não pode sair à noite —, e se eu passasse a noite fora, fosse para uma pixação ou para um baile, não tinha mais problema. Antes disso eu não podia ficar fora de casa nem até 10 horas da noite, principalmente eu, porque era mulher.

Aldo — E no campo, Raimundo, como é essa batalha?

Raimundo — É trabalho de segunda à sábado...

Apolinário — Apesar da crise por que passa o País, o futebol continua vivo no campo?

Raimundo — Tem o futebol até hoje; é uma forma de o pessoal se conhecer, de visitar uns aos outros. Tem jogo de casados contra solteiros. No campo a maioria é casada: as mulheres torcem pelos casados; as moças pelos solteiros.

Apolinário — É o forró?

Raimundo — É a primeira festa do Interior.

Tereza — Ainda existe muito machismo?

Raimundo — Existe. O homem — pai, marido — é quem diz como vai ser a coisa. Diálogo em casa não tem, é ordem: Faça isso, faça aquilo...

Rute — Muita gente, como você, procura se informar, participar?

Raimundo — Não é comum. Ainda é muito pequeno o número de jovens que tem consciência, que se interessa pelo movimento sindical. Muitos vão para a cidade, para os grandes centros, em busca de oportunidade.



Cesar Diniz

Raimundo

Aldo — E na cidade, Djalma, o jovem operário?

Djalma — O negócio é levantar às cinco horas da manhã, sair muitas vezes sem café. A maioria leva de 50 a 80, 90 minutos pra chegar no trabalho, onde pega normalmente às sete horas. Muitos que estudam não

têm tempo de ir em casa e vão direto para a escola, sem jantar; saem pelas onze horas, dormem pela meia-noite, meia-noite e meia. E o dia dentro da fábrica não é brincadeira: esse ano eu deixei de estudar por sentir o peso do trampo.

Tizil — E como fica o contato do pessoal com livros, jornais?

Djalma — Em diversos lugares em que trabalhei chamava a atenção por estar sempre carregando um livro ou um jornal debaixo do braço. “Que diabo esse camarada, que vive com livro e jornal prá cima e prá baixo?” Era a curiosidade do pessoal. Acho que das 400 pessoas da firma, umas cinco compram jornal; dessas umas três compram “Notícias Populares”. O que se vê é que o pessoal tem um interesse, quer saber onde fica aquela região onde está havendo guerra; o que é Cone Sul... Mas o jornal todo ninguém lê. Mas aí você leva um recorte e todo mundo lê. Uma coisa que dê para ler rápido, você passa pelas seções da fábrica e todo mundo acaba lendo. Mas o operário ainda é muito desinformado.

Aldo — Mas pelo menos ele sabe que está sendo explorado?

Djalma — Saber ele sabe, o que ele não sabe é como resolver o problema.

O que a gente vê é um projeto do governo, muito lento, e outro da base do movimento sindical, das massas do povo, que precisam de terra e da reforma agrária, que tem que ser feita na lei ou na marra.

Raimundo

Aldo — Às vezes pensa que é com o Jânio.

Djalma — Tem o pessoal que leva como privilégio trabalhar perto de casa, ser amigo da chefia. Ele fica danado e não vê a exploração da hora-extra, da insegurança, que a firma está levando tudo e ele não fica com nada. Ele não consegue analisar, não vê a importância do Sindicato. Mas se você começa a discutir, a dar informações, ele vai juntando uma coisa com a outra. Daí a importância do ativista dentro da fábrica. Tem que ter uma ponta lá dentro. De fora as coisas ficam muito difíceis.

Apolinário — Também deve ter muita conversa sobre futebol e mulher dentro da fábrica...

Djalma — É o que mais pega no jovem operário: a questão do esporte e a questão da mulher. O esporte está sendo muito usado pelo patronato para se fazer amigo do operário; faz jogos entre empresas, com a direção da fábrica metida no meio.

Tizil — Eu gostaria de saber do Enéas como é essa questão da solidariedade operária e como ele vê a participação da juventude no movimento sindical.

Enéas — O operário geralmente é muito solidário. Acontece uma coisa dentro de uma fábrica e na outra ele já sente. Na Aços Villares, quando tem acidente é fatal; um tempo desses caiu uma quantidade de aço em cima de um operário e matou na hora: quase houve uma revolta na seção, porque o peão morreu e ficou lá jogado, enquanto a seção inteira teve que continuar a trabalhar porque não podia parar o for-

no. Quando é época de greve o pessoal mantém os ativistas que as empresas mandam embora — foram 107 na última greve.

Tizil — Como fica a luta pela reforma agrária depois desse projeto do governo, Raimundo?

Raimundo — O campo vive hoje em torno de uma necessidade: terra para se trabalhar.

O que a gente vê é um projeto do governo, muito lento, e outro da base do movimento sindical, das massas do povo, que precisam de terra e da reforma agrária, que tem que ser feita na lei ou na marra. E vai ter que ser feita assim porque latifundiário não obedece lei, nem Código Civil ou Estatuto da Terra.

Aldo — O pessoal já se arma?

Raimundo — No campo as armas mais usadas são a foice, a enxada e o machado, chamados de três paus santos. Alguns também se armam de revólver, espingarda e rifle. Mas atualmente quem tem as armas nas mãos são os latifundiários; e a primeira arma deles é a Polícia. Nos conflitos de terra a Polícia intervém matando, prendendo, açoitando. A reforma agrária vem, então, dessa necessidade: ou conquisto a terra ou morro de fome.

Apolinário — O Enéas serviu no Exército: como foi a experiência?



Cesar Diniz

Eneas

Enéas — Eu servi na base Aérea, mas fiquei lá só três meses. Sou filho único e o pessoal teria que ir para a fronteira. Eu queria aprender a usar arma: o que era a guerra, e achava que no Exército eu poderia fazer isso. Na época eu estava começando a participar de atividades políticas mas não tinha contato com partidos. Então os caras diziam pra gente ter cuidado, pois os comunistas iam chegar pra pegar a gente, invadir a Base Aérea. Eu ficava ali: quero ver só. Recruta não tem muito essa preocupação. Ele quer mais é se divertir, andar por aí.

Tizil — Outra questão importante enfrentada pela juventude é a do consumo de drogas, além da pornografia, prostituição. Acho que temos que trocar algumas idéias sobre estas questões.

Elizete — Eu acho que a droga vem muito da falta de perspectiva do jovem.

Djalma — Em certos meios até a fome leva o pessoal a usar droga. Uns usam droga porque não têm nada, outros porque já têm tudo. Mesmo alguns que dizem “eu sou contra isso aí”, usam porque têm curiosidade. É o mesmo que ocorre com a prostituição.

Alexandre — Mas na prostituição tem o problema da mulher...

Djalma — É barra pesada. Muitas dessas mulheres encaram o tóxico pra poder enfrentar essa barra. A realidade aí é dura. Essas mulheres às vezes foram até casadas, e se tivessem um trampo não entravam nessa, não.



Cesar Diniz

Tereza, Rute e Elizete

Enéas — Eu sei que esse negócio de tóxico e prostituição é problema de estrutura, mas na fábrica o pessoal também faz uso de tóxico, mesmo procurando esconder da chefia, mas faz. Eu acho que não deve ser reprimido, não. Você vai lá e diz que esse dinheiro que ele está dando vai pra alguém que não tem nada a ver com ele, que não está a fim de nada. Acho que tem que ir em cana o cara que lucra com o comércio. Na questão da prostituição e da pornografia, do mesmo jeito.

Rute — Eu acho o seguinte: a burguesia percebe que o trabalhador trabalha pra caramba, ganha pouco, não tem nenhuma perspectiva de lazer, e aí ela joga pesado, solta um monte de revistas pornográficas, filmes, e até ganha com isso; explora o mais que pode.

Teresa — Às vezes isso tem a ver com a família, com a falta de orientação e educação. Lá em casa meu pai ensinava que sexo era coisa feia, horrível, que não podia, que era pecado. Mas um dia eu lembro que ele comentou que muitos pais possuem a própria filha. Aí eu vi que muitas prostitutas já vêm de casa com o problema, e a única maneira de sobreviver é a prostituição.

Rute — Aí o problema familiar vira econômico.

Apolinário — E o sexo antes do casamento: pode, não pode, deve, não deve?

Elizete — Eu acho que a sociedade incentiva a prostituição. Antigamente você via a menina que chegava do Nordeste, ou do Interior, e era esperada na rodoviária para ser levada a uma casa de prostituição. Hoje você pega o jornal e tá lá: precisa-se de modelos, moças para televisão ou teatro. Tenho um amigo que hoje está na UJS e que já trabalhou com fotografia para revistas pornográficas a quem muitas amigas iam procurar para serem fotografadas, com essa ilusão de cinema, teatro. Era uma que não tinha

dinheiro para pagar a faculdade, outra que queria se vestir melhor, e aí ela já não acha que seja prostituição. Essa é a prostituição mais sofisticada, mas tão degradante quanto a outra.

Enéas — Por falar em sexo antes do casamento, quando eu fui casar tinha um curso na Igreja, e numa determinada palestra a mulher que dava o curso falou, olhando pra cara de todo mundo: "Aqui 30% das meninas estão grávidas e o restante usa anticoncepcional (risos). Eu olhei pra trás, para ver se as meninas tinham ficado vermelhas: nada! todo mundo normal."

Aldo — Qual era o seu caso? (risos).

Enéas — O meu caso era... dos 30% (risos). Eu sempre encarei normalmente esse negócio de sexo antes do casamento.

Aldo — Já está explicado (risos).

Tizil — Uma coisa que eu gostaria de lembrar é com respeito à própria virgindade. A sociedade impõe a virgindade para a mulher, mas a conversa é outra em relação ao homem...

Aldo — Homem virgem é donzelo, caixão branco (risos).

Tizil — É uma forma de discriminar.

Teresa — Eu não sou contra ter relação sexual antes do casamento, contanto que as pessoas estejam conscientes do que estão fazendo.

Rute — Eu acho que você tem que ser livre para ser ou não virgem. É falso liberalismo você achar que é avançado porque transa todo dia, cada dia com uma pessoa, ou com um cara. Isso também não é ser livre.

Tizil — Mas hoje a própria Igreja já discute esse negócio da virgindade de Maria. Jesus, por ser filho de Deus, não poderia ser filho comum de um casal qualquer; tinha que ser filho da virgem, concebido pelo Espírito Santo, para ter o dom da divindade, o que já constitui uma discriminação.

Raimundo — Mas isso está sendo questionado pela sociedade, que se desenvolve. Mesmo aquela mulher criada para ser virgem está questionando se deve conter os impulsos dela e do namorado. Agora eu acho que isso deve ser planejado e discutido, porque também tem o outro lado: já pensou o que é casar ela virgem e você um cabaço, ou como vocês chamam...

Apolinário — Donzelo.

Raimundo — Isso mesmo, deve ser gostoso demais. Tem muito de psicologia: tem mãe de 10 filhos que brinca com o marido como se os dois fossem virgens.



Djalma

Isso foi construído pelos dois, acredito que com muito amor.

Aldo — Antes da nossa conversa chegar ao fim, acho importante uma troca de idéias em torno de dois assuntos de grande atualidade e importância: a revolução e o socialismo. Vamos ver o que podemos dizer sobre o assunto e o que significa para a juventude.

amadurecido da luta do povo; é quando o povo deixa de acreditar totalmente em mudanças eleitorais, presidenciais. É a última esperança do povo em mudanças verdadeiras, quando ele enfrenta seus inimigos cara a cara e, ou mata ou morre. A juventude tem muito a ver com revolução, porque ela luta contra o que é velho, ultrapassado, reacionário.

Alexandre — Revolução, pra mim, é uma revolta da



Tina

Raimundo — Eu não acho que revolução diga tudo. Tem de falar em revolução e saber pra' quê a revolução. No Brasil teve uma revolução capitalista em 64. Agora precisa de uma que se contraponha a ela. Revolução pra' mim é como se fosse um momento de conquista, uma conquista organizada. Revolução é uma coisa para evoluir, mudar e transformar.

Teresa — Ah, pra' mim, revolução é uma mudança brusca pra' uma coisa melhor.

Enéas — Eu acho — acho, não, tenho certeza — que não existiu revolução em 1964. Para mim existem duas coisas: o explorado e o explorador. Em 64 houve um acomodamento: uma parte da burguesia trocou o governo eleito por um bando de generais. Revolução de verdade é botar tudo de cabeça pra' baixo, mudar tudo. De outro jeito não é revolução.

É por isso que a gente espera muito de uma revolução e compreende que não se faz do dia para a noite. Não se pode é perder o controle, para não virar um negócio como o do ayatolá Komeini.

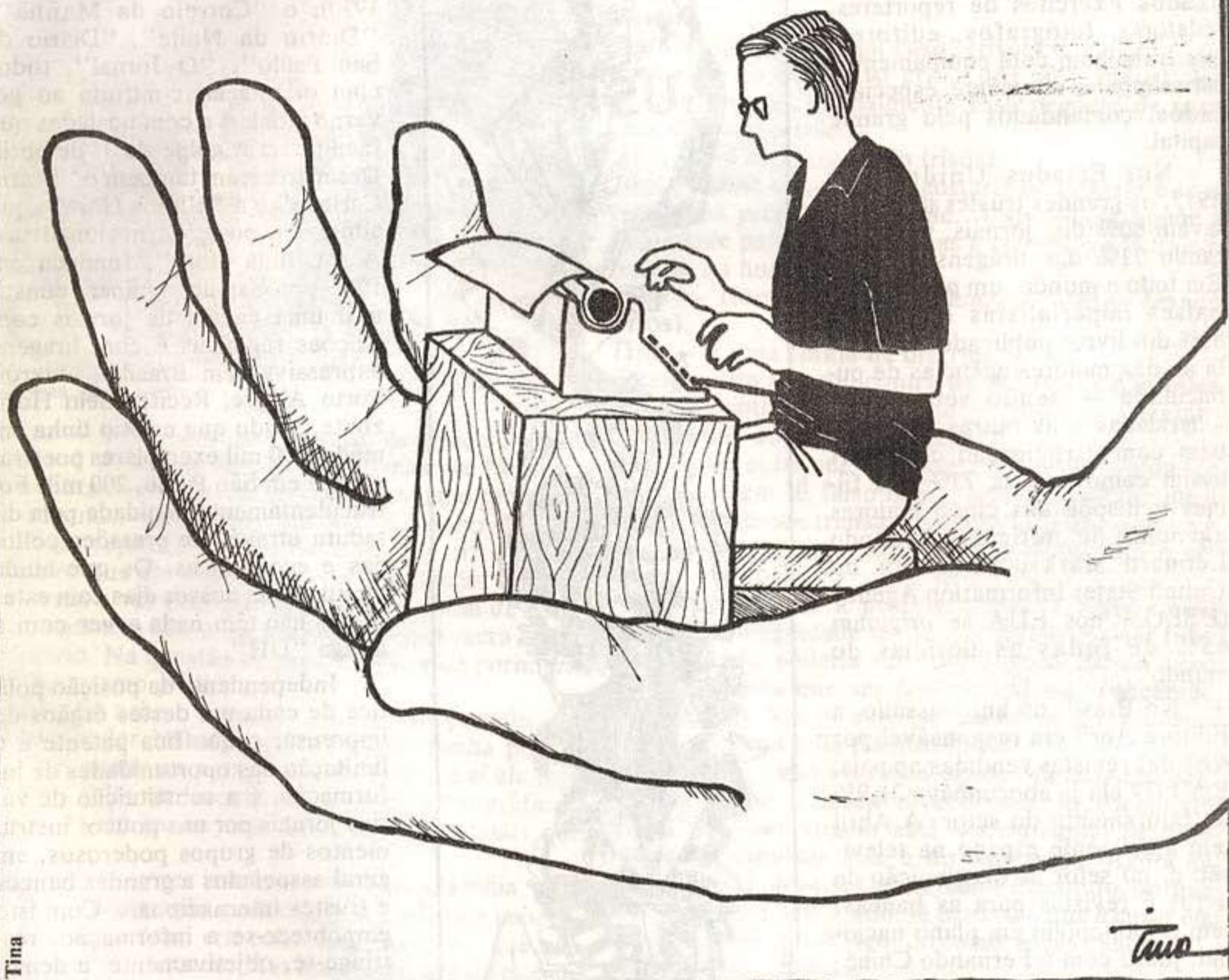
Rute — Eu acho que, além de mudança brusca, é mudança positiva, mudar para melhor, passar de um estágio para outro, quando a classe explorada toma o lugar da classe exploradora para acabar com a exploração. E isso só com uma revolução socialista.

Elizete — Revolução é o estágio mais avançado e

sociedade, contra o interesse econômico do grupo capitalista, visando a igualdade, a distribuição de riqueza, dando ao povo melhores condições de vida.

Djalma — Eu imagino o socialismo como uma sociedade de direitos iguais, onde o operário, por exemplo, tenha direito ao estudo, direito de comer, de descansar, ter conhecimentos intelectuais, de lazer, de viajar. Tem muito operário que não conhece o centro de São Paulo, apesar de morar nessa cidade, quanto mais conhecer o interior ou outras cidades do Brasil. Imagino que no socialismo as pessoas vão ter horário de trabalho e também de descanso; mas é descansar mesmo, se divertir, e não ficar só em casa, pensando no dia de amanhã. Acho que as coisas serão muito mais organizadas; quem mora na zona Norte não vai ter que ir trabalhar na zona Sul. Tem que ter igualdade de informação, do operário saber o que acontece de verdade no País, e também expor o que pensa; ter acesso à arte e à cultura que hoje não tem. Por isso eu gostaria que a luta da juventude não ficasse num círculo fechado. Quero que essa luta se expanda, vá em frente, e com muita garra. A juventude é uma grande força política, além do que o trabalho no meio dela pode salvar milhares de jovens da alienação, e não haverá transformação se a juventude não estiver preparada para a luta.

A Imprensa e a informação sob o jugo dos monopólios



Rogério Lustosa*

Em São Paulo o leitor que busca informações é constrangido a escolher entre dois ou três órgãos de imprensa. No Rio as opções são igualmente limitadas. Nos outros Estados a situação é ainda mais grave, pois em geral a pobreza do noticiário dos jornais obriga os cidadãos a recorrerem a um dos grandes diários do Rio e São Paulo, que têm alcance nacional.

A imprensa, como empresa

capitalista, segue a tendência geral de monopolização da economia, brutalmente acelerada pela política dos generais depois do golpe de 1964. Na televisão o fenômeno é ainda mais acentuado. O próprio sistema de concessão de canais de TV a grupos particulares leva a uma concentração brutal deste meio de comunicação. E a Rede Globo sozinha já estabeleceu um controle quase absoluto no país.

A informação se tornou uma

mercadoria e sua produção é feita hoje por uma indústria de ponta que exige investimentos fabulosos e emprega tecnologias em rápida evolução. Sofisticadas máquinas de composição substituíram os velhos linotipos, técnicas com raio laser e processos eletrônicos de

* Rogério Lustosa é jornalista, diretor do semanário nacional *Tribuna Operária* e membro do Conselho Editorial da Revista *PRINCÍPIOS*.

reprodução e impressão instantâneos avançam por todo lado, satélites artificiais rasgam os céus permitindo a comunicação imediata entre todos os pontos do globo, arquivos de microfilmes e bancos de dados apoiados em computadores acumulam e cruzam um número incalculável de informações.

Para que os fatos cheguem a ser noticiados nos jornais, revistas, rádios e televisões, são mobilizados exércitos de repórteres, redatores, fotógrafos, editores, que trabalham com equipamentos caríssimos e altamente especializados, comandados pelo grande capital.

Nos Estados Unidos, em 1977, os grandes trustes já controlavam 60% dos jornais, representando 71% das tiragens do país. Em todo o mundo, um punhado de países imperialistas edita hoje 83% dos livros publicados, controla as dez maiores agências de publicidade — sendo sete norte-americanas e as outras três também com participação dos EUA assim como produz 77% dos filmes e dispõe das cinco maiores agências de notícias. Segundo Leonard Marks, ex-diretor da United States Information Agency (USIA), “nos EUA se originam 65% de todas as notícias do mundo”.

No Brasil, no ano passado, a Editora Abril era responsável por 69% das revistas vendidas no país. Em 1979 ela já abocanhava 21,9% do faturamento do setor. A Abril tem atualmente espaço na televisão e, no setor de distribuição de livros e revistas para as bancas, tem o monopólio em plano nacional, junto com a Fernando Chinaglia.

A Rede Globo controlava, em 1981, 49 canais de televisão, nove estações de rádio, um jornal, duas editoras, um centro de programação audiovisual, uma gravadora de discos e um centro de teleeducação. Atualmente a TV Globo atinge 3.918 municípios no país, chega a 17,6 milhões de lares abrangendo um público de aproximadamente 80 milhões de telespectadores, com cerca de 80% da audiência no Rio e em São Paulo. Ampliando ainda mais seu raio de ação, já dispõe de um canal de TV em Monte Carlo, que atinge uma

parte da audiência da Itália, segundo o Dr. Luiz de Camargo Aranha Neto, advogado da Rede Globo em São Paulo.

EMPOBRECIMENTO DA INFORMAÇÃO

No terreno específico dos jornais diários — no qual concentramos maior atenção — em 1979, “O Estado de S. Paulo”, a “Folha

da confiança dos donos do poder dava a certos empresários mais facilidades para obter créditos e preferência na publicidade, e portanto melhores condições para permanecer à tona.

Depois de 1964 desapareceram diários de certa tradição, com tiragens na época equivalentes às dos maiores jornais de hoje. Assim, deixaram de circular o “Diário de Notícias” (fundado em 1930), o “Correio da Manhã”, “Diário da Noite”, “Diário de São Paulo”, “O Jornal”, todos com orientação contrária ao governo Goulart e com posições que facilitaram o golpe de 1º de abril. Desapareceram também o “Diário Carioca” e a “Última Hora”, que adotavam posições nacionalistas. A “Última Hora”, fundada em 1955 por Samuel Wainer, constituiu uma cadeia de jornais com edições regionais e com tiragens expressivas em Brasília, Niterói, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, sendo que no Rio tinha em média 150 mil exemplares por tiragem, e em São Paulo, 200 mil. Foi truculentamente liquidada pela ditadura através de pressões políticas e econômicas. Os que ainda circulam em nossos dias com estes títulos não têm nada a ver com a antiga “UH”.

Independente da posição política de cada um destes órgãos de imprensa, o que fica patente é a limitação das oportunidades de informação, é a substituição de vários jornais por uns poucos instrumentos de grupos poderosos, em geral associados a grandes bancos e trustes internacionais. Com isto empobrece-se a informação, restringe-se, objetivamente, a democracia.

Como resultado deste processo, no início da década de 50, publicavam-se no país uma média de 10,6 diários para cada 1.000 habitantes. No início dos anos 60 este número caiu para 5,4 e na década de 70 para 3,5. No período do “milagre”, sob o impulso dos altos índices de crescimento econômico, as tiragens dos grandes jornais e revistas se elevaram, mas sem compensar o crescimento da população e a liquidação de tantos órgãos de imprensa nestas décadas. E o interesse da burguesia desloca-se cada vez mais da im-



de São Paulo” e o “Jornal do Brasil” monopolizavam 46% do patrimônio líquido e 57% do faturamento total do setor no país.

Nos últimos 30 anos — principalmente no período da ditadura — um grande número de diários sucumbiu à avalanche do monopólio. Não eram menos criativos ou menos capazes do ponto de vista do jornalismo. Simplesmente não tiveram como enfrentar a guerra implacável da concorrência capitalista. É claro que o fato de gozar

prensa escrita para a televisão principalmente. A tal ponto que o número de estações transmissoras de TV cresceu de 23 em 1961 para 52 em 1971 e para 68 em 1981. O número de domicílios com aparelhos de televisão subiu aproximadamente de 2,4 milhões em 1966 para 18 milhões em 1980. E da verba total de publicidade destinada aos meios de comunicação, em 1984, a televisão ficou com 61,4%, enquanto os jornais ficaram com apenas 12,3%. A disparidade é tão grande que alguns estudiosos do assunto se declaram pessimistas quanto às possibilidades de sobrevivência do jornalismo escrito.

Alguns dados servem para ilustrar como a produção de jornais se tornou proibitiva para quem não dispõe de grandes recursos. Entre 1943 e 1963, num espaço de 20 anos, portanto, o custo do papel de imprensa importado (que naquela época tinha domínio absoluto do mercado) subiu 5.744% — de Cr\$ 2,50 para Cr\$ 135,00 o quilo. Enquanto isso, num espaço de menos de dois anos, de janeiro de 1984 até outubro de 1985, a elevação do preço do papel foi de 745% — de Cr\$ 671 para Cr\$ 5.670. Só neste ano, de janeiro a outubro de 1985, a diferença foi de 130%. Já os custos de transportes subiram aproximadamente 121% e os custos gráficos mais de 160%. É claro que as grandes empresas, por diversos meios, como por exemplo através da participação acionária em fábrica de papel, conseguem preços menores, mas sem alterar substancialmente os dados acima.

Com isto, uma edição dominical do jornal "O Estado de S. Paulo", com 172 páginas, além de outras 60 páginas tamanho tablóide dos encartes, custa, apenas de papel, Cr\$ 6.472, quando o preço de cada é de apenas Cr\$ 2.500. Somando-se os gastos com transportes, gráfica, pessoal, etc., considerando-se também que os jornalistas ficam com uma percentagem de 30% das vendas e que os encalhes nas bancas de 50% ou mais são normais, percebe-se como o custo de produção fica distante do preço de capa. Nos dias de semana, com menos páginas, a defasagem é menor, mas o problema permanece. Esta diferença é

financiada fundamentalmente pela publicidade, ou por aplicações a fundo perdido por interesses políticos ou de outra natureza.

Fica evidente que tudo caminha para restringir a atividade da imprensa aos grandes grupos capitalistas. Os dados acima, sem contar com as pressões políticas, a falta de créditos, o cerco estabelecido pelas agências de publicidade, o controle da distribuição dos jornais nas bancas e outras formas de concorrência, demonstram as dificuldades enfrentadas pela imprensa popular ou de pequenos empreendimentos democráticos,

tentadores incentivos para importar e obter empréstimos externos, as grandes empresas editoriais se jogaram de cabeça na "modernização" de seus equipamentos. O Brasil passou a ter o segundo maior parque gráfico do mundo — hoje com imensa capacidade ociosa. Mas todos os diários brasileiros juntos não alcançam os seis milhões de exemplares do Ashashi Shimbun, do Japão, que, no entanto, tem um equipamento gráfico muito mais modesto que o nosso.

"O Estado de S. Paulo", tradicional veículo de comunicação



que vivem basicamente das vendas e ocasionalmente de campanhas financeiras apoiadas basicamente nos simpatizantes e nas massas trabalhadoras.

A EMPRESA CONTROLA A IMPRENSA

Na década de 60, o sr. Octávio Frias, tradicional empresário de aves e ovos, através de um investimento de aproximadamente 8 milhões de dólares, montou o mais moderno parque gráfico do Continente, só superado por duas outras gráficas no resto do mundo. Implantou-se pela primeira vez no Brasil, a impressão a *offset*. O grupo "Folhas", que antes funcionava com 48 linotipos produzindo a "Folha de S. Paulo" e mais três jornais, passou a imprimir nove jornais, com uma produção equivalente a 250 linotipos.

Nos anos do "milagre", com

do que existe de mais conservador e entreguista no país, faz parte hoje de um gigantesco conglomerado que inclui a Rádio Eldorado, a Gravadora Eldorado, a Transportadora OESP, a Agência Estado, uma firma de planejamento e administração, além da participação majoritária na fábrica de papel PISA (Papel de Imprensa S/A). O jornal passou a ser apenas uma das muitas atividades do grupo no qual, só para dar uma idéia, o número de engenheiros é maior do que o de editores e o contingente de guardas de segurança equivale ao de jornalistas.

A PISA, estabelecida em Jaguariaíra, no Paraná, é a maior produtora de papel de imprensa do país, com uma produção de 10 mil toneladas de papel por mês, e com capacidade instalada de 186 mil toneladas por ano. É a responsá-

vel por quase todo o papel de imprensa consumido no país. Ligada a ela existe um reflorestamento com cerca de 25 mil hectares e aproximadamente 45 milhões de árvores (pinus) plantadas. O "Jornal do Brasil" é também sócio deste imenso empreendimento.

Este processo de monopolização torna a imprensa vulnerável às crises econômicas e a envolve na marcha irrefreável de associações comandadas pelo grande capital financeiro.

Em junho de 1983, "O Estado de S. Paulo" teve que separar a editoria do jornal de sua operação industrial, um artifício legal, criando a Gráfica OESP e vendendo títulos no valor de 11 milhões de dólares a um pool de bancos, entre os quais Bradesco, PCN, etc., liderados pelo Itaú.

Neste mesmo período, o "Jornal do Brasil" fez operação semelhante, criando a JB Indústrias Gráficas, vendendo 3,6 bilhões de cruzeiros em títulos aos bancos Bradesco, Bamerindus, Itaú e outros, liderados pelo Nacional. Em agosto de 1982, a "Gazeta Mercantil" já havia também passado 35,5% de seu capital a 12 investidores, entre eles o Itaú, o Bradesco, o Grupo Votorantim, etc. E em janeiro de 1984, a "Gazeta Mercantil" comprou a revista "Isto É".

Em junho de 1984, com dívidas de bilhões de cruzeiros, o grupo Caldas Junior, do Rio Grande do Sul, teve que encerrar as atividades do tradicional "Correio do Povo", que circulava há 89 anos, e da "Folha da Tarde", sendo que em 1980 já havia desativado a "Folha da Manhã".

Nesta ciranda, a informação se concentra em poucas mãos, pondo fim à diversidade de opiniões que caracteriza a democracia burguesa. A liberdade de imprensa é submetida por interesses maiores, atrelada à liberdade da empresa, sem nenhum trocadilho.

A REALIDADE DEFORMADA

No Brasil e em todo o mundo manifesta-se uma contradição flagrante. Cresce a necessidade de mais informação, maior organização das notícias e mais análise. Mas a imprensa entra em crise, estagnada, concentrada em pou-

cas mãos, com muitos jornais saindo de circulação. Ao mesmo tempo as notícias cedem espaço à publicidade e para os serviços-indicações sobre a bolsa de valores, lazer, turismo, etc. E ainda mais, avalia-se que hoje, no Brasil, cerca de 10% das publicações vendidas em bancas são revistas pornográficas, tanto as "vulgares", para o povão, como as "refinadas", para os executivos.

Ocorre que informação é necessariamente seleção de notícias — que interessam a uns e não interessam a outros — esclarecendo a relação entre elas e o seu lugar na evolução dos acontecimentos. Assim, ao omitir certos fatos ou dar versões distorcidas sobre as coisas que mostra, a imprensa burguesa está agindo de acordo com sua condição de empresa capitalista de notícias. Objetivamente, vê a realidade de acordo com os interesses da classe a que é vinculada. E comprometida como está com a crise do sistema, não tem como informar cientificamente sobre suas mazelas, sob pena de suicidar-se.

A grande imprensa adota como paradigmas a honestidade, a imparcialidade e a objetividade. Entretanto, estes valores não são abstratos. Para um trabalhador, uma greve vitoriosa por aumento de salários é vista com alegria. Para seu patrão é um pesadelo pois ameaça seus lucros. Pelo contrário, uma onda de desemprego pode expulsar o operário de sua casa e atirá-lo numa favela. Mas para o capitalista pode ser um alívio, salvando momentaneamente sua empresa de uma situação difícil. A notícia sobre cada uma destas coisas será diferente de acordo com as concepções de quem informa. Mesmo as reportagens sobre as disputas de futebol, que envolvem um público considerável, dificilmente são feitas com isenção.

Em relação à Nicarágua, a imprensa nada diz sobre o combate ao analfabetismo, ao fornecer indicações sobre os avanços e problemas da produção agrícola e industrial, e nem sobre a organização dos trabalhadores em seus sindicatos. A coisa considerada mais importante, que está diariamente nos jornais, é a atividade dos *contra*, orientados pela CIA. E os

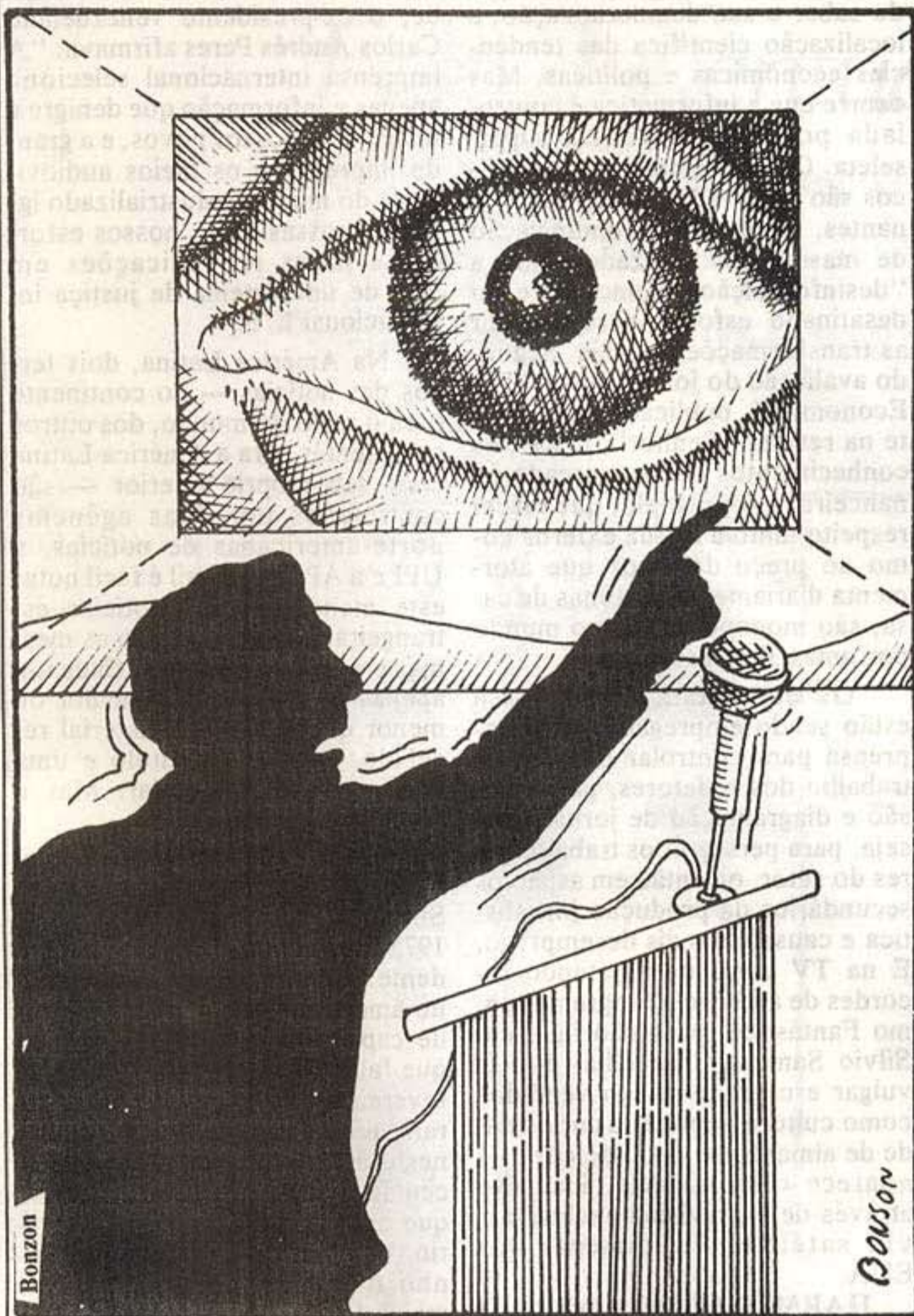
mesmos órgãos noticiosos que justificaram e defenderam o golpe militar no Brasil, tacham de crime imperdoável a decretação do Estado de sítio pelo governo nicaraguense visando barrar o invasor armado e treinado pelos Estados Unidos para assaltar o poder e liquidar a revolução sandinista.

Os jornais se referem aos líderes "extremistas" de El Salvador e aos "terroristas" da OLP e hoje falam do presidente "marxista" do Peru. Mas nenhum deles aponta o líder "reacionário" ou o presidente "capitalista" dos EUA ou de outros países. Ou seja, o normal, o padrão, é o capitalismo. A conservação do sistema é desejável e a sua contestação é condenada. A notícia é, portanto, uma mercadoria como qualquer outra, sujeita às regras sociais vigentes e a própria linguagem usada para divulgá-la segue a lógica do capital.

Não é casual, portanto, o rancoroso anticomunismo destilado pelos grandes jornais e pela televisão. A atuação dos comunistas no país é flagrantemente boicotada e distorcida. E muitas vezes tratam de confundi-los maldosamente com os revisionistas. Em relação à Albânia Socialista, a imprensa burguesa só abre espaço para denegri-la, para difundir informações truncadas e mentirosas. Em relação aos social-imperialistas soviéticos, os meios de comunicação exploram suas atividades antioperárias e anti-socialistas — em tudo semelhantes às das grandes potências ocidentais — mas tratam de apresentá-las como coisas dos comunistas, para confundir a opinião pública.

Entre o que acontece e a versão publicada encontra-se a máquina editorial capitalista, à qual os jornalistas são subordinados, independente de discordarem ou não de suas idéias. De acordo com o ponto de vista do patrão são feitas as pautas e a seleção de notícias, assim como decididas as formas de apresentá-las ao público. A partir desta constatação é que se pode compreender o que se informa, o que não se informa e como se informa.

Em 1978 a TV Globo deu grande destaque às "terríveis" conseqüências de uma gripe equina que se abateu sobre os cavalos



de corrida. Em contrapartida a "Vênus Platinada" não viu os primeiros comícios das diretas, que colocaram milhões de pessoas nas praças públicas. Enxergando também com a lente distorcida pelo interesse burguês, a "Folha de S. Paulo" afirmava "imparcialmente" que Tancredo Neves e Paulo Maluf eram igualmente ilegítimos pois ambos iam ao Colégio Eleitoral. O detalhe de que um tinha apoio maciço das forças democráticas e que o outro era repudiado pela nação era considerado "irrelevante". E a tal ponto esta miopia contaminou o jornal que, na edição do dia 15 de setembro de 1984, ele estampava duas chamadas de capa com pequena diferen-

ça de destaque. A primeira dizia: "INDIRETAS VÃO ÀS URNAS" — tratava-se do primeiro comício de Tancredo, em Goiânia, com cerca de 500 mil pessoas. A segunda, logo abaixo e pouco menor, anunciava: "DIRETISTAS ATACAM TANCREDO" — eram os petistas, que mal conseguiram reunir sete mil pessoas em Belo Horizonte, no mesmo dia. Para a "Folha" os dois fatos tinham aproximadamente a mesma importância.

Alguns órgãos de imprensa tentam apresentar sua "neutralidade" publicando em certas páginas matérias com pontos de vista discordantes. Ou entrevistando os dois lados numa disputa qualquer.

É uma falsa solução, que induz o leitor a uma armadilha. Os dois artigos podem conter opiniões e dados equivocados. Os cidadãos precisam é de informação que os orientem, baseadas em dados precisos e em análises científicas, para que entendam o conjunto das coisas, percebam a tendência dos acontecimentos e tenham condições de julgar. Mesmo ao noticiar o número de pessoas de um comício, por exemplo, é comum os jornais colocarem várias quantidades — "segundo os organizadores, segundo a PM, segundo a Polícia Federal" etc. — e no fim os leitores ficam sem saber o número que se aproxima da verdade.

Na TV a edição da notícia tem enorme influência na formação da opinião pública. A transmissão direta de imagens e de palavras das pessoas envolvidas dá uma aparência de isenção e de confiabilidade, e produz grande impacto. Mas o "olhar" da câmara é dirigido, e com muito mais rigor do que a caneta do jornalista. Só vai ao ar o produto burilado, com flashes e sons considerados "relevantes" pela direção do programa.

Com o aperfeiçoamento da TV, setores ligados aos meios de comunicação especulam com a superação da imprensa escrita. Talvez seja o que corresponda aos desejos das classes dominantes, mas não tem respaldo na realidade. A TV fornece a notícia na hora que o fato acontece. Mas para captar os detalhes que a câmara apressada não pode ver, para indicar o porquê daqueles acontecimentos e analisar o seu movimento, a imprensa escrita é indispensável. A notícia limitada à TV tem como consequência a apresentação das coisas de maneira ligeira e superficial. A leitura é fundamental para aprofundar o estudo e o conhecimento. Na TV a burguesia apresenta com mais facilidade o mundo fragmentado, destaca o curioso, o dramático, escondendo o essencial. Fala sobre uma enorme variedade de coisas, dando aos espectadores a impressão de que estão sendo muito bem informados quando na verdade ficam sabendo "de tudo um pouco" mas quase nada de tudo.

**MONSTROS DE
DESINFORMAÇÃO**

Com o noticiário, assim como nas novelas e outros programas de alcance nacional — e até internacional em certas transmissões via satélite — a TV uniformiza e massifica a informação e o modo de pensar. Dá a mesma notícia, difunde os mesmos comportamentos sociais, os mesmos valores, e da mesma forma, para o operário da Volks em São Bernardo do Campo, como para os assalariados da cana de Pernambuco ou para os garimpeiros de Serra Pelada, no Pará. Em escala gigantesca, tenta convencer o mundo a adotar um determinado modo de vida e uma determinada maneira de ver as coisas, tudo "made in USA".

Já no século passado Marx alertava para a tendência da imprensa burguesa de omitir "os vínculos invisíveis que conectam o particular com o geral". Na televisão isto é levado ao extremo, na desesperada tentativa dos trustes econômicos de monopolizarem também as mentes e os corações das pessoas e sujeitarem-nas à exploração.

O grande problema da burguesia é que os fatos, se analisados em seu conjunto e desenvolvimento, vão contra os interesses do capitalismo, revelam sua incapacidade para enfrentar os problemas sociais de nosso tempo e a necessidade de sua substituição por um novo regime. Por isso, para preservar o sistema, a lógica da informação capitalista é a de localizar "defeitos" nas instituições, como se fossem coisas locais ou pessoais, para camuflar sua falência no essencial; de apresentar os dramas de determinados indivíduos como se fossem exceções, fora da realidade social. Desta forma a revolta contra o *status quo* é prevenida com dosagens reguladas da "doença", como se faz na medicina com as vacinas. E a população é convidada a procurar soluções particulares, fora dos instrumentos de reivindicação coletiva estabelecidos.

Tudo isto prova, também no terreno da imprensa, a falência da burguesia como classe dirigente. Os imensos recursos da informática, os satélites de comunicação, os meios modernos de impressão e transmissão, permitem uma organização superior da notícia, o enri-

quecimento cultural, a evolução do saber e sua democratização, a localização científica das tendências econômicas e políticas. Mas ocorre que a informática é controlada por uma oligarquia super-seleta. Os conhecimentos científicos são reservados às elites dominantes, os meios de comunicação de massas são utilizados para a "desinformação" como parte do desatinado esforço para impedir as transformações sociais. Segundo avaliação do jornal inglês "The Economist", publicado em encarte na revista "Senhor", nº 239, os conhecimentos sobre mercado financeiro, por exemplo, que dizem respeito tanto à dívida externa como ao preço do arroz que atormenta diariamente as donas de casa, são monopolizados no mundo por umas 300 pessoas.

Os computadores no Brasil estão sendo empregados pela imprensa para controlar o ritmo de trabalho dos redatores, para revisão e diagramação de jornais. Ou seja, para perseguir os trabalhadores do setor, ou então em aspectos secundários da produção jornalística e causando mais desemprego. E na TV continuam batendo recordes de audiência programas como Fantástico, para não falar em Sílvio Santos, Chacrinha etc. O vulgar e o grotesco são vendidos como cultura popular, a curiosidade de almanaque — ou de circo — aparece como ciência, inclusive através de entrevistas exclusivas, via satélite, diretamente dos EUA.

HARMONIA DO LOBO COM O CORDEIRO

Um aspecto que merece atenção no estudo da monopolização da imprensa e no seu papel como controladora da opinião pública pela burguesia é o das agências de notícias. Já vimos no início deste artigo alguns dados alarmantes. Há décadas atrás o ex-presidente norte-americano Dwight Eisenhower, orientava o serviço de informação dos EUA para "levar aos habitantes das outras nações, por meio de técnicas de comunicação, evidências de que os objetivos e as políticas dos EUA estão em harmonia e farão avançar as suas legítimas aspirações de liberdade, progresso e paz".

Mais recentemente, avaliando

com bastante lucidez esta atividade, o ex-presidente venezuelano Carlos Andrés Peres afirmava: "A imprensa internacional seleciona apenas a informação que denigre a imagem de nossos povos, e a grande imprensa e os meios audiovisuais do mundo industrializado ignoram nossas lutas, nossos esforços e justas reivindicações em prol de um sistema de justiça internacional".

Na América Latina, dois terços das notícias — do continente para o resto do mundo, dos outros continentes para a América Latina e no seu próprio interior — são controlados por duas agências norte-americanas de notícias, a UPI e a AP. No Brasil é fácil notar este monopólio. As notícias estrangeiras, e as fotos, são as mesmas em todos os jornais. Cada um apenas decide se utiliza maior ou menor quantidade de material recebido, escolhe um título e uma diagramação particular. Mas o conteúdo é o mesmo.

Um exemplo flagrante de manipulação dos fatos ocorreu com o Suriname. Em 25 de novembro de 1975 este país tornou-se independente. Apenas cinco jornais latino-americanos deram chamadas de capa para esta notícia, dos 16 que falaram no assunto. Em 16 de fevereiro de 1980 os generais deram um golpe e tomaram o poder neste país. Isto, entretanto, mereceu farto noticiário. A tal ponto que apenas um diário, *El Mercurio*, da Venezuela, publicou sozinho uma quantidade de linhas maior do que as utilizadas pelos 16 diários juntos, na época da independência.

Usando a seu bel-prazer da seleção de notícias, as agências imperialistas forjam a idéia de que os países latino-americanos são incapazes de resolver seus problemas, confusos e incoerentes. Enquanto isso, o menor êxito dos padrões norte-americanos, em qualquer terreno, é alardeado como uma nova maravilha do mundo e prova irrefutável de sua superioridade.

Em articulação com a atuação das agências de notícias, a maior parte das pesquisas de opinião pública e de mercado do continente são realizadas por firmas norte-americanas ou por suas filiais lo-

cais. Servem aos magnatas das metrópoles na orientação dos gostos da população, facilitando a colocação de mercadorias, fornecem informações preciosas aos estrategistas e governantes estrangeiros sobre o estado de ânimo do povo e dão indicações-chave para a manipulação das idéias. Basta ver o papel decisivo das pesquisas eleitorais nas campanhas dos candidatos. As próprias pesquisas, em si, tornaram-se um componente básico da campanha. E o grande astro é o Instituto Gallup, ligado ao Gallup Internacional, dos EUA. Bastam dois pontos a mais para fulano e dois pontos a menos para cicrano, e a mídia se encarrega de fulminar: "enquanto tal candidato cresce, o outro despenca..." provocando reviravoltas radicais nas programações de cada um. E para especialistas na arte de ludibriar, dois ou três pontinhos não devem ser difíceis de arranjar, sem prejudicar a fama de "infalível". Estes mesmos pesquisadores, com sua imensa "sapiência e cientificidade", revelam também como os "comunistas atrapalham e tiram votos" fornecendo munição boa e barata aos reacionários.

"LIBERDADE É UMA CALÇA DESBOTADA"

Um capítulo à parte na influência do capital sobre a imprensa cabe às agências de publicidade. Em toda a América Latina a publicidade é a principal financiadora dos meios de comunicação. Nelson Werneck Sodré estimava, na década de 60, que 80% da renda dos jornais brasileiros vinham dos anúncios.

Em 1984, os investimentos em publicidade no país alcançaram cerca de Cr\$ 3 trilhões. As 350 maiores agências tiveram um faturamento de Cr\$ 2,36 bilhões, sendo que as dez principais foram responsáveis por 47% desta quantia, o que demonstra ser uma área extremamente concentrada, com imenso poder de pressão.

Entre as maiores agências no Brasil, a Alcântara Machado é a segunda colocada, sendo que o principal anunciante, seu cliente, é a Volkswagen. Enquanto isto, a McCann-Erickson, que é a oitava maior do mundo, é quinta em nosso país. Entre os anunciantes, os

cinco maiores são: o Grupo Pão de Açúcar, a Nestlé, a Mesbla, a Souza Cruz e a Dorsay. Isto é, o capital estrangeiro tem amplo domínio no terreno da publicidade, como aliás em toda a economia de nosso país.

Em toda a América Latina, a publicidade ocupa em média 46% do espaço nos jornais. Pegando-se ao acaso uma edição dominical de "O Estado de S. Paulo" com 168 páginas, encontramos 127 com publicidade e apenas 41 com matérias. Sem contar que entre os artigos boa parte é de serviços e não de informações e análises no sentido próprio do jornalismo. E sem computar as páginas dos encartes — com suplementos femininos, que são praticamente todos de publicidade e serviços. Tomando-se também aleatoriamente um exemplar de meio de semana da "Folha de S. Paulo", com 58 páginas, aproximadamente 23 continham matérias e 25 publicidade.

Cientes como o Mappin — que aliás é o décimo maior anunciante do país — tem muitas vezes mais de uma página de publicidade nas edições dominicais do "Estado" e gigantes da construção civil, como Julio Bogoricin e outros, dispõem também de enormes espaços. Seria ingenuidade imaginar que o tradicional órgão de imprensa da família Mesquita tivesse isenção para contrapor-se aos interesses dessas empresas. Assim como seria pedir muito que a associação com o Banco Itaú não influenciasse na simpatia do jornal pelo sr. Jânio Quadros — apesar de um ou outro atrito secundário surgido no percurso da campanha, fruto de contradições naturais entre as classes dominantes. Aliás esta simpatia tem mais efeito, em parcelas do público, se aparecer sutilmente como se fosse apenas o reconhecimento "imparcial" das "virtudes" do candidato.

Além de influir na linha editorial, na seleção de notícias e no seu destaque, a publicidade difunde, ela mesma, os seus conceitos — como a que afirmava que "liberdade é uma calça desbotada" e outras baboseiras, além da humilhante utilização de mulheres e crianças como instrumentos para comover os espectadores.

A publicidade — comercial e

estatal — joga peso extraordinário nos meios de comunicação. E não se submete propriamente às leis de mercado. É estreitamente ligada a interesses maiores, de natureza política. As alianças políticas tornaram-se com isto peças fundamentais na produção de um jornal, pois determinam o financiamento ou o boicote das poderosas agências de publicidade.

No período da ditadura, um exemplo ilustrativo foi o envolvimento do SNI para forçar os anúncios na revista "O Cruzeiro". Outro caso foi o do "Correio da Manhã", que embora tenha contribuído na preparação do golpe, opôs-se à violação das liberdades democráticas pelos generais depois de 1º de abril de 1964. Imediatamente teve as verbas de propaganda cortadas. E mesmo esgotando suas edições, avidamente procuradas pelo público, não teve como evitar a crise financeira e o colapso. Antes disso ainda aceitou um interventor ligado às empresas publicitárias e submeteu-se à vexaminosa imposição de dispensar o jornalista Carlos Heitor Cony e de proibir que o combativo Otto Maria Carpeaux assinasse qualquer matéria em suas páginas. Mesmo assim foi a pique.

UMA PARTE DA LUTA DE CLASSES

O jornalismo, longe do que apregoam hipocritamente as classes dominantes como atividade neutra e imparcial, é um terreno de disputa feroz pela opinião pública, dentro da luta de classes geral da sociedade. No sistema capitalista serve principalmente à burguesia, pelo controle cada vez maior desta atividade pelo capital monopolista, e pelo capital financeiro em particular. Por outro lado, não se pode esquecer que mesmo os jornais menores, desde que suas posições correspondam aos anseios das massas trabalhadoras, cumprem imenso papel na luta pela liberdade e pelo socialismo.

Neste sentido, na discussão da Constituinte, e na remoção do chamado entulho autoritário, é da maior importância o movimento popular e democrático batalhar por uma nova legislação a respeito da imprensa. É vital eliminar as restrições à livre manifestação do pensamento e os mecanismos de

perseguição aos jornalistas. Da mesma forma é urgente proteger a imprensa democrática e popular do massacre dos monopólios e criar meios de defesa contra a utilização da publicidade como instrumento de dirigir a informação. Encontros e congressos de jornalistas já formularam diversas sugestões a respeito que precisam ser estudadas e desenvolvidas pelos trabalhadores e estudiosos do assunto. Por exemplo, seria necessário que os pequenos e médios jornais contassem com subsídios oficiais para a compra de papel assim como para a utilização de gráficas além de outras facilidades.

Na televisão deve-se assegurar acesso para as correntes de opinião, em particular os partidos políticos, assim como para informações sobre a atividade parlamentar e sindical. O movimento democrático teria também que pressionar para dinamizar e conquistar lugar nos demais canais em mãos do governo, visando a incentivar a cultura popular, o debate de idéias, assim como a presença das lideranças de massas. Já se falou inclusive em criar uma TV do Congresso Nacional — ou horários nos canais já existentes, para ampliar os debates políticos sobre os problemas nacionais. Todas estas são tentativas de fazer os interesses sociais serem respeitados nos meios de comunicação. Dentro desta ótica impõe-se uma luta permanente contra o sistema exclusivista e discriminatório de concessão de canais de rádio e TV a grupos particulares.

Falta espaço para nos entendermos aqui sobre estas propostas visando a democratizar a informação. É bom apenas lembrar ainda que neste esforço é fundamental que o povo tenha acesso a auditórios maiores e melhores para conferências, exposições culturais e artísticas, atos políticos etc. Para se ter uma idéia da urgência disto, basta lembrar que os sindicatos hoje, para realizarem suas assembleias, são obrigados a sair para as praças, com os trabalhadores de pé, sem condições apropriadas para uma discussão.

Estas formas de resistência democrática têm imenso valor. Mas é preciso que se tome cons-

ciência de que elas são insuficientes para resolver o problema da liberdade de imprensa e de informação. Não se pode pensar em deter a marcha da monopolização da economia, inerente à etapa imperialista do capitalismo. A solução dos problemas dos trabalhadores não pode ser encontrada tentando frear a história. Pelo contrário, o progresso social depende de transformações mais aceleradas, e da substituição deste sistema atual, caduco, pelo novo, que liberte a sociedade das amarras da propriedade privada. Que transforme o monopólio em propriedade social.

Lênin já indicava que: "Com vistas a conquistar a igualdade efetiva e a verdadeira democracia para os trabalhadores, para os operários e camponeses, é preciso começar por privar o capital da possibilidade de alugar escritores, de comprar editoriais e subornar jornais, mas para isto é necessário destruir o jugo do capital, derrubar os exploradores e vencer sua resistência (...) Os capitalistas denominam liberdade de imprensa, a liberdade de suborno da imprensa pelos ricos, a liberdade de utilizar a riqueza para forjar e falsear a chamada opinião pública".

Só com a propriedade social dos meios de produção é possível colocar o imenso poderio da indústria da informação a serviço da grande maioria. Em vez da seleção de notícias para manter o público desinformado, ou para levar os povos a pensarem que "os objetivos e políticas dos EUA estão em harmonia com suas aspirações" — como orientava Eisenhower — os computadores, os satélites, os raios laser, serão utilizados pelo proletariado para elevar o nível de conhecimento e permitir que as grandes massas participem consciente e planejadamente da construção do mundo. A informação deixará de ser uma mercadoria para se tornar ferramenta poderosa na defesa dos interesses sociais.

Vale notar que enquanto em todo o mundo capitalista a imprensa se debate numa crise cada dia mais profunda, na Albânia Socialista é uma atividade em franco crescimento. Em 1979 eram editados neste país 60 vezes mais livros

e 17 vezes mais jornais que em 1938, último ano antes da invasão das tropas fascistas na Segunda Guerra Mundial. Em 1981 a Albânia publicava cinco vezes mais jornais por habitante que o Brasil — proeza invejável para uma nação que em 1944, quando se libertou, tinha um índice de analfabetismo em torno de 80%, além de uma economia devastada pela guerra.

Bibliografia:

Nelson Werneck Sodré - História da Imprensa no Brasil

Luiz Ramiro Beltran e Elizabeth Fox - Comunicação dominada

Pedrinho Guareschi - Comunicação e Poder

Gonzaga Motta - Cultura e Resistência e Comunicação Alternativa Popular no Brasil (artigo)

K.A. Katchaturov - A Expansão Ideológica dos EUA na América Latina

Fernando Pedreira - A Essência do Jornalismo Moderno

Clóvis Rossi - O que é jornalismo Movimento nº 205

Revista Meio e Mensagem - Documento, 1985

N. Bogolmovy - Como os Monopólios Controlam a Opinião dos Trabalhadores

Octávio Ianni - Imperialismo e Cultura

Congresso Nacional dos Jornalistas - out. 78 - Resoluções e Documentos

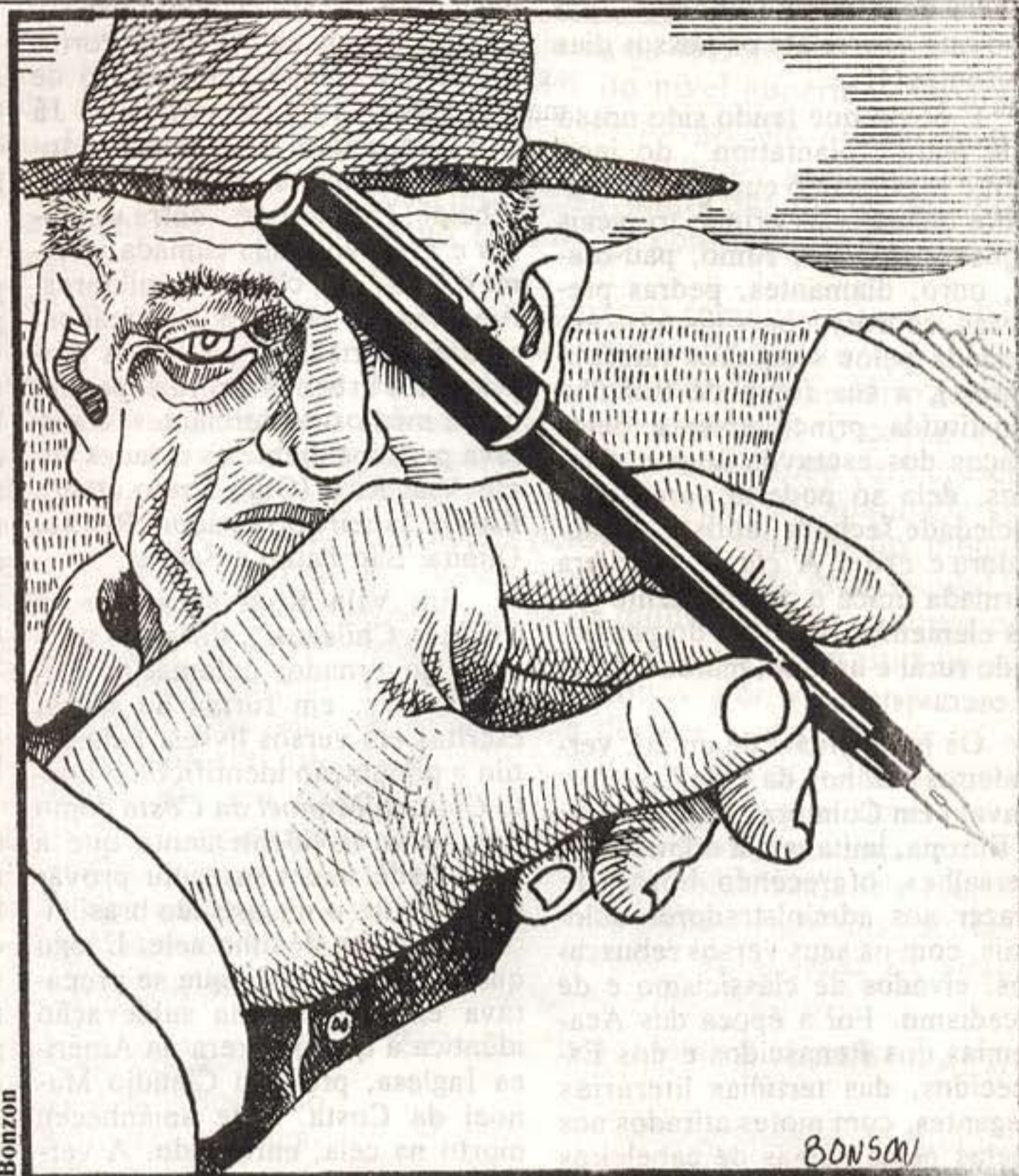
Gabriel Cohn - Comunicação e Indústria Cultural
Revista Comunicação e Sociedade nº 5

Anuário Brasileiro de Mídia
Karl Marx - Liberdade de Imprensa - textos

V.I. Lênin - Informação de Classe - textos

Raimundo Pereira - Viva a Imprensa Alternativa

Prof. José Carlos Rocha de Carvalho - textos



A literatura brasileira e seu conteúdo social

Clóvis Melo *

Não se pode separar a literatura de um povo de sua vida social. Como super-estrutura ideológica que é repousa, forçosamente, sobre a infra-estrutura material, econômica. Engels observava a respeito: "A economia não cria nada diretamente, por si mesma, mas determina a espécie de modificação e o desenvolvimento da matéria intelectual existente" (1).

O processo de criação literária assume, assim, características próprias específicas, diferentes da produção comum. Adquire, em certo sentido, os foros de autonomia e também influencia o desenvolvimento da sociedade, como um todo. Nada melhor para repre-

sentar o caráter nacional de um povo, refletir a sua identidade, representar a sua realidade, o seu viver e sentir, do que a literatura. Roma e Grécia passaram como categorias históricas, mas os poemas de Virgílio e de Homero ficaram, contribuições imortais que são ao espírito humano, de todos os tempos.

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Afrânio Coutinho falando acerca da formação da literatura brasileira, afirma peremptoriamente: "Literatura colonial (brasileira) não existe. A literatura produzida no Brasil no período colonial, período de dependência do Brasil em relação a Portugal, não deve, assim, ser denominada *colonial*; ela

é a expressão dos estilos barroco, arcádico e não clássico, esses diversos estilos se entrecruzando superpondo ou sucedendo através dos séculos XVIII e XIX" (2).

Oliveira Lima entendia o contrário: o dependentismo cultural da Península Ibérica fora tão acentuado nas nossas elites cultas, que, mesmo depois da independência política, permaneciam os resíduos culturais coloniais (3). Estudando o mesmo fenômeno o historiador literário Dacanal dizia que a nossa literatura se formou "como um prolongamento da literatura da Metrópole". Dacanal chamaria a isso "cultura de prolongamento", ou seja, de "depen-

* Escritor pernambucano, autor de *O Ano Vermelho* e outros ensaios.

dência de centros forâneos", um fato que ocorre até os nossos dias presentes (4).

É óbvio que tendo sido nosso país mera "plantation" do incipiente capitalismo europeu, fornecedor de matérias-primas tropicais (açúcar, algodão, fumo, pau-brasil, ouro, diamantes, pedras preciosas, couros), com uma terra enfeudada pelos sesmeiros (latifundiários), a sua força de trabalho constituída, principalmente, pelos braços dos escravos negros e índios, dela só poderia surgir uma sociedade fechada, elitista, exploradora e cruel. A *classe culta* era formada única e naturalmente pelos elementos oriundos do patriarcado rural e urbano, marcadamente escravista.

Os intelectuais de então, verdadeiros "donos da vida", se formavam em Coimbra, viajavam pela Europa, imitavam a etiqueta de Versalhes, oferecendo horas de prazer aos administradores coloniais, com os seus versos rebuscados, eivados de classicismo e de arcadismo. Foi a época das Academias dos Renascidos e dos Esquecidos, das tertúlias literárias elegantes, com motes atirados aos poetas pelas damas de cabeleiras empoadas. Era uma literatura de pura imitação dos europeus.

Foi um escândalo, por isso mesmo, o aparecimento em plena Salvador de um poeta como *Gregório de Matos* (1633-1696), o famoso "Boca do Inferno", que falava a linguagem simples do povo. Gregório de Matos fazia uma implacável crítica dos costumes dissolutos das classes dominantes, não poupando os "intocáveis" bispos e clérigos. Gregório de Matos chegou mesmo a contestar o colonialismo português, no auge do seu poderio. Isso explica o seu desterro punitivo, para o Recife onde terminou os dias, pobre e só, impedido de poetar. A obra de Gregório de Matos está sendo revalorizada nos dias atuais, porque nela se encontram elementos brasileiros e populares. É anti-colonialista.

No século XVIII, por força da disseminação das idéias democráticas da burguesia da França, através dos livros de *Voltaire*, *Jean Jacques Rousseau*, *Montesquieu*, *Condillac* e *Mably*, obras que che-

gavam ao Brasil, clandestinamente, se formou na América Portuguesa um núcleo embrionário de resistência ao colonialismo. Já existiam, então, os elementos sociais de apoio à intelectualidade rebelde; formara-se entre senhores e escravos uma camada intermediária, de clérigos, militares, funcionários públicos, advogados, médicos, artesãos, pequenos proprietários urbanos e rurais, pequenos e médios comerciantes. Habitava principalmente as cidades como Vila Rica (Ouro Preto atual), Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Olinda, São Paulo e Santos.

Em Vila Rica surgiram as "Cartas Chilenas", dirigidas contra o governador colonial de Minas Gerais, em forma de sátira, escritas em versos livres. Pelo estilo a população identificou o poeta *Cláudio Manoel da Costa* como seu autor. Evidentemente que a autoridade não conseguiu provar nada contra o magistrado brasileiro. Mas ficou de olho nele. E logo que teve ciência de que se preparava em Minas uma sublevação idêntica à que ocorrera na América Inglesa, prendeu Cláudio Manoel da Costa. Este amanheceu morto na cela, enforcado. A versão oficial só poderia ser uma: suicídio. Os suicídios de presos políticos são sempre suspeitos perante a população. Quanto a Cláudio Manoel da Costa, o povo mineiro nunca teve dúvida de que fora assassinado por vingança.

Outro poeta, *Tomaz Antônio Gonzaga*, autor de "Marília de Dirceu", um livro de poesias que se reedita até hoje e que no seu tempo teve êxito mundial, pois *Alexandre Pushkin*, que o leu, em francês, traduziu várias de suas partes para o russo. Gonzaga acabou desterrado para Angola, onde morreu. A mais trágica das penas, o enforcamento e o esquartejamento, foi reservada, porém, para um homem do povo, o alferes *Tiradentes*, o mesmo que aconteceria, posteriormente, com os alfaixes e soldados da Bahia, *Luiz das Virgens* e outros.

Sufocada em Minas e na Bahia, a luta pela liberdade recomençaria em Pernambuco, com a revolução republicana de 1817. Ela foi mais séria do que as anteriores, porque os revolucionários

tomaram o poder no Nordeste, durante 70 dias, praticaram atos de governo, editaram uma Constituição democrática, a qual assegurava liberdade de imprensa a um país que ainda não a possuía.

Oliveira Lima chamou-a "revolução dos padres". Com efeito perderam a vida nos patíbulo o padre Roma, o padre Mororó, o vigário Tenório e frei Miguelinho. O padre João Ribeiro suicidou-se. O Seminário de Olinda foi fechado. Frei Caneca escapou por um triz da morte, mas terminou desterrado para a Bahia, onde curtiu quatro anos de horrorosa prisão. Retornou anistiado em 1821 e terminou fuzilado em 1825, devido a seu acendrado amor à liberdade, pois logo acusaria o Imperador de romper o "pacto social" com a Nação.

Marx dizia que as idéias quando penetram na consciência das massas se transformam em idéias força. No começo do século XIX o Brasil já amadurecera para a vida política independente. 1817 fora o ensaio geral da nossa independência. Tínhamos uma economia própria. Podíamos, portanto, ter uma política e uma cultura autônomas.

ROMANTISMO TARDIO

A passagem do Brasil a Nação politicamente soberana se fez dentro de uma "solução de compromisso" das elites dirigentes. Para conservar a escravidão negra, o latifúndio, os privilégios aristocráticos e a dependência do principal centro financeiro do mundo, que era Londres, as classes dominantes impuseram ao povo uma monarquia, um Estado unitário e um poder baseado nas oligarquias locais.

O escravismo era hostil à produção industrial, ao progresso tecnológico e, conseqüentemente, ao desenvolvimento espiritual. Por isso o Brasil se atrasou em relação a outras nações; o analfabetismo atingia altos índices, os jornais editavam tiragens muito reduzidas, não havia editoras e os escritores brasileiros mandavam publicar seus livros na Europa. Uma simples encadernação tinha de ser feita em país estrangeiro. Em 1827 se criaram os Cursos Jurídicos, mas os de Letras somente surgi-

ram um século após, conjuntamente com as Universidades. A vida literária do país decorria, praticamente, em torno da imprensa. Ninguém podia pensar em ser escritor sem passar por uma redação de jornal. Os romances antes de vir a ser enfeixados em livro, eram publicados, fasciculadamente, em folhetins. Também os poemas, os discursos, todas as manifestações espirituais, tinham de passar, dantes, pelas páginas dos periódicos.

O romantismo literário surgiu, no Brasil, tardiamente, quando já estava implantado na Europa há décadas. E isso por influência da literatura francesa, que sempre foi muito forte, entre nós. Aconteceu até fato curioso: quando *Balzac* dava os seus passos firmes no sentido do realismo, nossos escritores ainda engatinhavam no romantismo!

Jean Fréville diz: "A literatura de um país só exerce uma verdadeira influência sobre a literatura de outro país quando tais países se encontram em condições econômicas e sociais similares" (5). O Brasil, país de escravos, pré-capitalista, na verdade, tinha pouca semelhança econômica e social com a França capitalista, burguesa, nação de homens livres. O Brasil não fundia ferro, não tinha ferrovias, bancos, sociedades anônimas, fábricas, nem proletariado fabril. De comum com a França, só tínhamos mesmo a religião católica e a herança cultural latina.

Isso não impedia que os nossos poetas como *Domingos José Gonçalves de Magalhães* (1811-1882) e *Antônio Gonçalves Dias* (1823-1864), homens viajados pela Europa, admiradores de *Victor Hugo*, *Lamartine* e *Quinet* adotassem o romantismo por mero espírito de imitação. E, também, pelo gosto da novidade, que é inato em todo intelectual. Magalhães tinha apenas 22 anos quando entrou em contato, em Paris, com essa "poesia nova", que tanto o deslumbrou. E dela se fez o propagandista no Brasil com o seu badalado livro de versos "Suspiros Poéticos". Gonçalves Dias já encontrou a picada aberta. Só a fez ampliar.

O romantismo começou no Brasil em 1836 e atingiu o seu ápice em 1856. Na década dos 70/80

ainda havia românticos retardatários como *Vitoriano Palhares*, *Regueira Costa* e outros. Custou a chegar e mais ainda a passar. No seu tempo ele representava uma ruptura com o arcadismo e com o classicismo. Optando literariamente pela França a nossa *classe culta* rejeitava implicitamente a herança cultural de Portugal e da Espanha.

No Brasil, o romantismo se mesclou com o *indianismo*. O mito do *bom selvagem*, de Jean Jacques Rousseau, foi novamente desarquivado e posto em circulação, decantando-se a vida idílica dos primitivos habitantes da terra, evocando-se, em poemas notáveis, o genocídio das tribos indígenas pelo colonizador lusitano. Pouco importava que, como o demonstrou o etnólogo *Couto de Magalhães*, o índio continuasse a ser martirizado pelos seringueiros, fazendeiros de gado e de cacau, brasileiros natos. Só o que contavam eram os selvagens amarrados à boca dos canhões e despedaçados por *Tomé de Souza*. Livros como "A Confederação dos Tamoiós", de Domingos de Magalhães, "Os Timbiras", de Gonçalves Dias e os romances "O Guarani", "Iracema", "Ubirajara", de *José de Alencar*, marcaram época e despertaram a emoção de milhares de brasileiros.

Se por um lado o *indianismo* servia aos propósitos lusófobos do nativismo, por outro lado escondia aos olhos da sociedade branca a chaga dolorosa da escravidão negra, o grande *tabu* do Império. Não é por acaso que Magalhães acabou Visconde de Araguaia, Gonçalves Dias exerceu altas funções públicas e José de Alencar foi deputado geral e ministro da Justiça, beneficiando-se todos, uns mais, outros menos, do mecenato do Estado.

Alencar era abertamente um escravista. No Parlamento ele não só votou contra, como fez campanha contra o projeto de lei do Ventre Livre. Para ele o escravo negro era um fator de corrupção moral da sociedade brasileira, tese falsa que expôs em sua peça teatral "O Demônio Familiar". Não levava em conta que o escravo, submetido a um regime cruel, se rebaixava, corrompendo-se, muitas ve-

zes, adquiria as más qualidades e vícios do senhor. É uma pena comprovar o escravismo de Alencar, porque, na verdade, foi ele o verdadeiro iniciador do romance brasileiro. Por ironia, era filho de um antigo revolucionário de 1817, ou seja, de um abolicionista, e descendente da heroína republicana *Bárbara de Alencar*. Como estilista, ninguém o sobrepujou em seu tempo. Suas concepções reacionárias na política não prejudicaram, contudo, a sua obra literária. Ela é positiva.

Figura curiosa e de difícil classificação nos modelos comuns é a do romancista fluminense *Manuel Antônio de Almeida* (1831-1861). Autor de um único romance de costumes, "Memórias de um Sargento de Milícias", escrito no dia a dia, como folhetim do "Correio Mercantil", entre 1852 e 1853, publicado na cidade do Rio de Janeiro, não se lhe pode chamar "romântico". Também não é "naturalista". Ficou a meio termo, entre uma e outra escola literária, como um escritor de transição.

Almeida descreveu a realidade social do Rio do seu tempo tal qual a via. Para se ver livre de complicações com os contemporâneos, mudou o nome das personagens e recuou as cenas para "o tempo do Rei Velho", ou seja, de D. João VI, pondo em cena o chefe de polícia Vidigal e algumas figuras daquela época. Podia, assim, criticar, comodamente, vícios e abusos dos poderosos do dia, atribuindo-os aos avoengos. O interessante da narrativa é que ao contrário de Alencar e de Joaquim Manuel de Macedo, que iam buscar nas elites dirigentes as suas personagens, Almeida colocou os tipos populares, os homens comuns, o "zé-povinho", como eixo do seu romance. E se antecipou, de um século, ao chamado "romance populista" ou "proletário". Almeida morreu aos 30 anos num naufrágio.

A geração romântica produziu em nosso país poetas líricos muito próximos da lira popular, cujos versos, cantados em modinhas, chegaram a fazer o encanto dos salões elegantes. E eram repetidos nas ruas também pelos boêmios e pela gente do povo. Nomes como os de *Alvares Azevedo* (1831-

1852), *Junqueira Freire* (1832-1855), *Casimiro de Abreu* (1839-1860) e *Fagundes Varela* (1841-1875) estão ligados a livros de poesias que ainda hoje circulam, numa demonstração de extraordinária vitalidade. Era uma geração fatídica, dizimada pela tuberculose, que mal ultrapassou duas décadas de existência e que dissipava o seu gênio criador pelas tabernas e em noitadas inconseqüentes, entre goles de absinto e recitativos de *Byron* e de *Musset*.

De todos eles o poeta baiano *Antonio de Castro Alves* (1847-1871), o "cantor dos escravos", deixou uma marca literária mais duradoura, pois além da lírica, fez poesia social. *Balzac* escreveu no prefácio da "Comédia Humana" que para ele "só existiam duas verdades eternas: a Religião e o Estado". Castro Alves rompeu com ambas as instituições, ainda na sua juventude, no Recife. Em seu poema "O Século", denunciou como "iníquos" o Papado e o Poder Estatal. Não é preciso dizer que foi reprovado nos exames da Faculdade de Direito. Mudando-se para São Paulo, encontrou ali o mesmo ambiente de preconceitos e de intolerância. Ele se tornou, então, um abolicionista intransigente, fundando clubes, ajudando escravos a fugir e escrevendo livros de versos condenando a escravidão. Castro Alves era um condoreiro, um seguidor de *Victor Hugo*, portanto. Mas não concordava com este quando afirmava em "Os Miseráveis" que os explorados venceriam a injustiça pela humildade. Castro Alves em seu poema "Seara Vermelha" ensinava aos escravos que à força deveriam opor a força. Não admira, pois, que durante todo o Império tenha sido relegado a plano secundário. A sociedade escravista nunca o perdoou. Foi um poeta social autêntico. O Amor e a Revolução, os grandes temas da sua mensagem poética.

Ainda como figuras do romantismo podem ser citados *Bernardo Guimarães* (1827-1885), *Franklin Távora* (1842-1888) e o *Visconde de Taunay* (1843-1899). Bernardo Guimarães é autor do famoso romance "A Escrava Isaura", a escrava que tocava piano e falava francês, o que se fora

verdadeiro, absolveria em parte, o escravismo. Taunay é o criador de "Inocência", um romance piegas, pouco lido hoje. Mais objetiva sua "Retirada da Laguna". Távora descreveu n'O Cabeleira os primórdios do cangaceirismo do Nordeste. São eles os verdadeiros criadores do romance sertanista, já ensaiado por Alencar.

O que há de inovador em Távora é que no seu romance "O Matuto", escrito em 1882, chegou à conclusão que a guerra dos mascates, ocorrida em Pernambuco, em 1710/14, não tinha sido um simples episódio de nativismo, mas uma disputa de caráter econômico, uma luta de classes do Brasil Colonial. Com efeito lutaram entre si os nobres agrários de Olinda e os comerciantes urbanos do Recife, pelo monopólio do açúcar. Oliveira Lima ficou abismado com a observação de Távora. "Seria ele um marxista?" — perguntava o historiador pernambucano. Não, não o era. Somente quem conhecia Marx no Brasil naquela época era Tobias Barreto, que lia alemão e importara da Europa "O Capital". Na biblioteca da Faculdade de Direito do Recife ainda se encontra o raro exemplar anotado d'O Capital que pertenceu a Tobias. Não deixa o fato, porém, de ter sido uma notável intuição. Somente em 1933 *Caio Prado Júnior* chegaria a idêntica conclusão de Franklin Távora, formulada em 1881, ou seja, 51 anos antes. É o tempo que separa o romance "O Matuto" da obra "Evolução Política do Brasil".

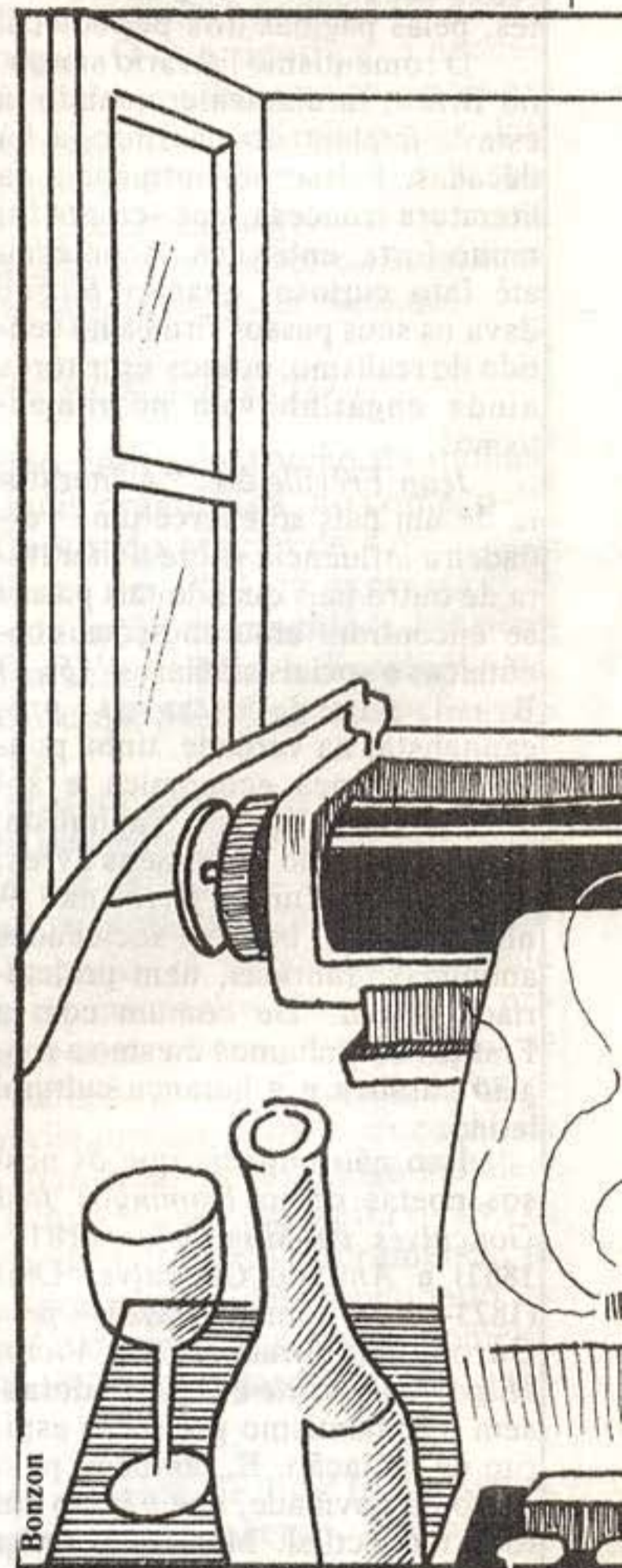
O NATURALISMO

Em 1850 o Brasil aboliu pela Lei Eusébio de Queiróz o tráfico de escravos negros africanos. Os capitais acumulados na agricultura passaram a ser empregados na construção de ferrovias, portos, canais, fundições, estaleiros, oficinas, fábricas e engenhos centrais. Começou um surto econômico acentuado, que tornou o trabalho escravo obsoleto, levando à sua erradicação completa, em 1888. No ano seguinte viria a República. As elites agrárias tiveram de dividir o poder com a nascente burguesia urbana.

Quando muda a produção material, modifica-se também a produção intelectual. As velhas idéias

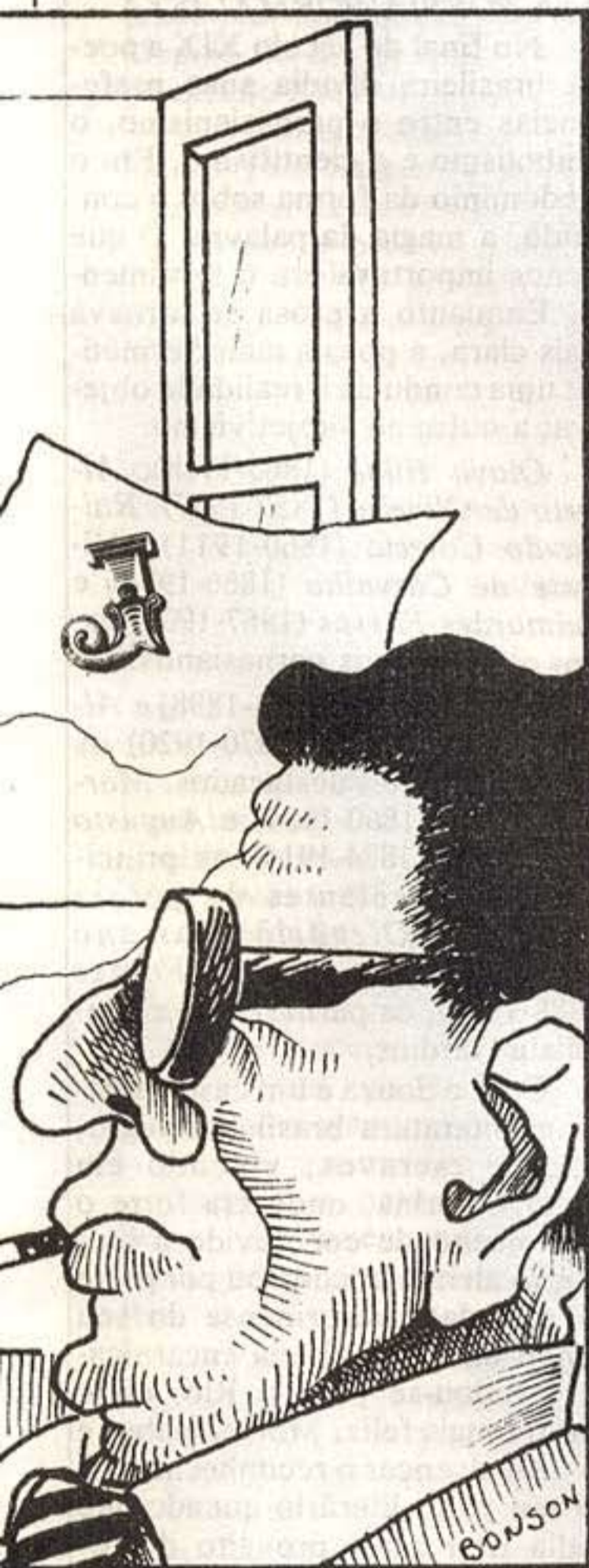
já não servem. Nem os estilos e formas literárias. O romantismo foi considerado "fora de moda". Ninguém ligava mais os poetas chorões, nem os prosadores sentimentais e prolixos. As traduções de *Émile Zola*, de *Flaubert*, os romances de *Eça de Queirós* e de *Tolstoi*, sabiam melhor aos gostos mais exigentes dos burgueses.

Um dos pioneiros no Brasil do



romance naturalista foi *Machado de Assis* (1839-1908). Cronista dos costumes do Segundo Reinado e do começo da República, ele deixou um quadro muito vivo da época em que viveu, nos seus romances "Helena", "Iaiá Garcia", "Quincas Borba" e "Dom Casmurro". Também nos contos e crônicas sobre o Rio. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. E seu primeiro presidente.

Mulato, de origem plebéia, nascido num morro, começou a vida como gráfico e ascendeu nela, palmo a palmo, tornando-se jornalista acreditado junto ao Senado, funcionário do Ministério da Agricultura e, finalmente, escritor, ofício que ninguém exerceu melhor do que ele, com um domínio absoluto da língua portuguesa, a ponto de ser considerado um



clássico do nosso idioma. E não foi mais do que um auto-didata, porque nem o curso secundário tinha. Um exemplo de pertinácia e de autodisciplina.

Criou-se a imagem falsa de um Machado de Assis "apolítico" e "individualista", "o solitário morador de Cosme Velho". Isso aconteceu, principalmente, depois que morreu a sua esposa, Carolina. O casal não tinha filhos. Otá-

vio Brandão, que o conheceu, tinha dele a imagem de um "nihilista", "arredio dos homens, descrente deles". Astrogildo Pereira, outro contemporâneo, afirma o contrário, Machado de Assis, era "solidário com os seus semelhantes e sensível à dor humana". É possível que Astrogildo e Brandão o tenham conhecido em épocas diferentes. Daí a diversidade de julgamentos. Raimundo Magalhães Junior em "Machado de Assis Desconhecido", desmente o mito do "apoliticismo": Machado redigiu um projeto de reforma agrária, em 1882, participou de sociedades abolicionistas em 1884/1888, votava com o Partido Liberal. Brito Broca escreveu um livro sobre isso: "Machado de Assis e a Política". E ainda recentemente Josué Montello reexumou uma crônica machadeana na qual o criador de Capitu revela o triunfo do socialismo moderno no mundo. Como se exigir mais?

O grande expoente do naturalismo no Brasil foi Aluizio de Azevedo (1857-1913), abolicionista e republicano maranhense. A publicação do seu romance "O Mulato", ainda em São Luís, em 1881, marcou a sua adesão ao naturalismo. Com Aluizio de Azevedo, pela primeira vez, no Brasil, a literatura denunciou o preconceito racial e pôs a nu a sociedade escravista brasileira. A publicação de "O Mulato" gerou uma polêmica. Abalou a estabilidade das elites racistas do Maranhão e do país.

Mudando-se para o Rio, Aluizio de Azevedo publicou "Casa de Pensão" (1884) e "O Cortiço" (1890), enfocando problemas sociais como o da habitação popular, dando ênfase à miséria, à promiscuidade e à exploração econômica. Em 1897 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1899 passou a servir na diplomacia e morreu como cônsul em Buenos Aires aos 57 anos. Seu irmão Artur de Azevedo (1855-1908), renovou o conto e o teatro brasileiros, notabilizando-se como um grande humorista.

Figura notável também do naturalismo brasileiro foi o romancista cearense Adolfo Caminha (1867-1897), de posições políticas progressistas desde a sua mocidade, pela Abolição e pela Repúbli-

ca. Caminha viveu muito pouco: não mais de três décadas. Deixou apenas dois romances "A Normalista" e "Bom Crioulo", além de um livro de viagens "No País dos Ianques". O bastante para que a sociedade preconceituosa do seu tempo o considerasse um "escritor maldito".

Em "A Normalista", romance publicado em 1893, contou a história da sedução de uma jovem pelo padrinho inescrupuloso, um fato real ocorrido em Fortaleza. A sociedade cearense se escandalizou: a heroína do romance pertencia à Escola Normal; as famílias culpavam a instituição pelo afrouxamento dos costumes e retiraram suas filhas do educandário. Em 1895 Caminha editou "Bom Crioulo", sobre a vida segregada dos marinheiros, em alto mar, descrevendo a pederastia existente entre eles. Isso era um tabu. Caminha tinha sido oficial da Marinha de Guerra e foi considerado "persona non grata" pelos seus antigos colegas de farda. Diga-se também em seu abono que se recusou a aplicar a pena da chibata contra marujos, classificando-a de injusta, trinta anos antes da revolta de 1910.

Adolfo Caminha era tido pelos seus contemporâneos por "imoralista", não só pelo que escrevia, como pela própria maneira de viver. Ele se apaixonou em 1888 pela esposa de um oficial do Exército, em Fortaleza, uma linda moça de 19 anos. Por proposta sua, a jovem rompeu com o marido, indo viver em sua companhia. O marido nada fez, conformou-se, mas os alunos da Escola Militar entenderam que a "farda do Exército fora manchada". Caminha foi insultado, desafiado para duelos. O casal não podia sair às ruas, porque era vaiado. Não havia, então, divórcio, nem sequer desquite. O próprio Ministério da Marinha achou inconveniente a sua continuação no Ceará, em "escandalosa mancebia". Caminha pediu demissão da Marinha em fevereiro de 1890 e foi viver com a sua eleita no Rio, cidade maior, onde a morte, por tuberculose o colheu, em 1897.

O terceiro romancista da escola naturalista brasileira foi Júlio Ribeiro (1845-1890). Era filho de

uma brasileira com um norte-americano. Melhor jornalista do que escritor de ficção, produziu em 1888 "A Carne", uma apologia do sexo e que por isso mesmo se tornou um êxito editorial. Pertence ainda ao ciclo *Inglês de Souza* (1853-1918), cujos romances "O Cacauleta", "O Coronel Sangrado" e "O Missionário" revelam o entrelaçamento entre o naturalismo e o regionalismo.

Raul Pompéia (1863-1895), com "O Ateneu", não fez propriamente um romance, mas, como ele próprio o classificou, uma "crônica de saudades" da adolescência vivida no Colégio Abílio, do Barão de Macaúbas. Em poesia deixou "Canções sem metro". Um fino estilista. Praticou o suicídio num dia de Natal. Tinha da vida uma visão pessimista que transmitiu em seus livros. Em política era um antioligárquico. Bateu-se pela República democrática, mas, tendo assistido à ascensão da república elitista, dizia: — "Republicanos: vosso barrete frígio é um saco de coar café". Um protesto contra o domínio da política pelos fazendeiros de café de São Paulo, o que se estendeu de 1894 a 1930.

Rodolfo Teófilo (1853-1932) no romance "A Fome" deixou o quadro dramático da grande seca de 1877 no Ceará. Até cenas de canibalismo ocorreram naquela província nordestina. *Carneiro Vilela* (1862-1913) publicou, em Pernambuco, "A Emparedada da Rua Nova", romance de costumes, que foi também o primeiro romance policial no país. *Farias Neves Sobrinho* (1892-1927) escreveu o romance "Morbus" e o livro de contos "O Hidrófobo", publicados no Recife, focalizando temas psicológicos. *Manuel Arão* (1874-1930) romancista pernambucano é o autor de "Transfiguração". *Manuel de Oliveira Paiva* (1861-1892), escritor regionalista cearense, divulgou na imprensa, através de folhetins, seus romances "A Afilhada" e "Dona Guidinha do Poço". Este último veio à luz, em forma de livro, em 1952, graças à iniciativa de *Lúcia Miguel Pereira*, e foi um sucesso total. Verificou-se que teria sido um dos grandes ficcionistas do seu tempo,

se suas obras tivessem sido publicadas no século XIX.

Indaga-se hoje se as campanhas da Abolição e da República repercutiram na literatura brasileira. A resposta verdadeira é que muito fracamente. Da campanha da Abolição participaram, individualmente, escritores como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Aluizio de Azevedo, Artur de Azevedo, Castro Alves, Coelho Neto, Olavo Bilac. Da República, alguns dos citados (menos Joaquim Nabuco, que continuou fiel à monarquia e Castro Alves, já falecido), Raul Pompéia, Medeiros e Albuquerque e Martins Junior.

Brito Broca observa: "pondo de lado a obra poética de Castro Alves, a literatura da Abolição é muito pobre. Nada tivemos que se assemelhasse a "Cabana do Pai Tomás". Apenas algumas peças de teatro, de restrito valor literário (com exceção do drama de José de Alencar, "Mãe"), os romances "A Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães em que o tema é idealizado, "O Mulato", de Aluizio de Azevedo, as novelas "As Vítimas Algozes", de Macedo, alguns contos de Ezequiel Freire e pouco mais que isso."

"Nesse quadro tão restrito, não podemos dizer que a contribuição de Machado de Assis fosse inteiramente nula. Chegou a publicar dois contos que constituem, a meu ver, as duas páginas mais pungentes, já escritas sobre a escravidão: "Pai contra Mãe" e "O Caso da Vara". Ultimamente José Galante de Souza divulgou o conto "Mariana", publicado no "Jornal das Famílias", que encerra uma tremenda condenação ao cativo." ("Machado de Assis e a Política", Rio, 1983, pág. 56).

Esqueceu Brito Broca de referir a peça de Artur de Azevedo "O Abolicionista" que teve grande êxito nas suas apresentações. Deve-se ressaltar ainda, que o livro de Joaquim Nabuco, "O Abolicionista", publicado em Londres, em 1883, de grande valor literário, constituiu uma grande contribuição intelectual ao movimento. Na poesia abolicionista, pós Castro Alves, se destacaram *Teotônio Freire*, *Regueira Costa* e outros discípulos e continuadores

do vate baiano, que nunca chegaram às suas culminâncias.

Pode-se dizer, contudo, que como o romantismo esteve associado à Independência e ao período regencial, o naturalismo se confundiu com a propaganda republicana. Excluindo-se Machado de Assis, que era monarquista, todos os demais naturalistas eram republicanos exaltados.

A POESIA FORMALISTA

No final do século XIX a poesia brasileira dividia suas preferências entre o parnasianismo, o simbolismo e o cientifismo. Era o predomínio da forma sobre o conteúdo, a magia da palavra. O que menos importava era o sentimento. Enquanto a prosa se tornava mais clara, a poesia mais hermética; uma conduzia à realidade objetiva; a outra ao subjetivismo.

Olavo Bilac (1865-1918), *Alberto de Oliveira* (1857-1937), *Raimundo Correia* (1860-1911), *Vicente de Carvalho* (1866-1924) e *Guimarães Passos* (1867-1909) foram os principais parnasianos.

Cruz e Souza (1863-1898) e *Afonso Guimarães* (1870-1920) os simbolistas mais destacados. *Martins Junior* (1860-1904) e *Augusto dos Anjos* (1884-1914) os principais representantes da poesia científica. *Olegário Mariano* (1889-1959) e *Hermes Fontes* (1888-1930), os parnasianos e simbolistas tardios.

Cruz e Souza é um caso singular na literatura brasileira. Negro, filho de escravos, vivendo em Santa Catarina, onde era forte o preconceito de cor devido à imigração alemã, encontrou por parte da sociedade catarinense do seu tempo uma resistência encarniçada. Mudou-se para o Rio, onde não foi mais feliz. Morreu pobre e só veio alcançar o reconhecimento do seu valor literário quando não podia tirar mais proveito disso. No entanto "Broquéis", publicado em 1893, é um marco da literatura brasileira, de todos os tempos. Cruz e Souza só ocupou cargos mal remunerados: jornalista, ator de teatro, e arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil. Sua esposa enlouqueceu; ele contraiu tuberculose, produto da fome e da miséria em que vivia. Sua existência foi toda marcada pela dor e pela angústia.

Poeta de difícil classificação nesse quadro é o maranhense *Sousândrade* (1833-1902), que fez poesia entre o final do romantismo e o começo do simbolismo. Era um poeta de um espírito tão arguto que hoje se encontram em seus versos elementos do próprio modernismo. Ele mesmo dizia em 1877 que só começaria a ser compreendido "50 anos mais tarde". E foi o que realmente aconteceu com os seus livros "Harpas Selvagens" e "Guesa".

Sousândrade vagabundeou pelo mundo: viveu na Europa, nos Estados Unidos e na América Central. Voltou pregando para o Brasil um regime que seria uma mistura da república democrática americana com o comunismo primitivo dos incas do Peru. Criticava o imperialismo americano e principalmente a Bolsa de Wall Street. Fez a campanha republicana, casou e descasou-se ensinou grego no liceu Maranhense, terminando sua vida pobre, vendendo os muros da quinta onde nasceria, para poder sobreviver.

Os poetas parnasianos, simbolistas e cientistas, em geral, se comportavam como bons moços perante a sociedade elitista. Não morriam de tuberculose aos 20 nem passavam grandes necessidades financeiras aos 30 e 40. Eles definiam a literatura como "o sorriso da sociedade". Não cabia ao intelectual ofender, nem indignar as classes dirigentes, mas proporcionar-lhes bons momentos de lazer espiritual.

Olavo Bilac, patrocinava campanhas pela criação dos Tiros de Guerra, pró sorteio militar e pela mobilização de civis. Bateu-se pela participação do Brasil ao lado dos Aliados em 1917. Fundou a Liga da Defesa Nacional. Enquanto o proletariado promovia no Rio um Congresso pela Paz, Bilac pregava a guerra. Era um excelente poeta. E melhor ainda orador. Quando estreou nas letras, em 1888, o parnasianismo já era uma realidade. Representavam-no *Raymundo Correia* e *Alberto de Oliveira*. Bilac arrebatou-lhes o cetro. "O Caçador de Esmeraldas" tornou-o o poeta mais popular do seu tempo.

O FENÔMENO LIMA BARRETO

Quando surgiu na cena literária em 1909 com o seu romance "Recordações do Escrivão Isaías Caminha", *Lima Barreto* (1881-1922), a literatura de ficção estava sob o domínio absoluto de *Coelho Neto* (1864-1934). Esse escritor maranhense, autor de 120 livros, dono de um vocabulário imenso, pois se orgulhava de haver usado em suas obras cerca de 30 mil palavras, sem repetir nenhuma, só escrevia coisas de interesse das classes dominantes. "A Conquista", "A Capital Federal" e outros romances evocavam a "bela época", a boêmia literária. "O Sertão" era uma pastoral do campo e nada falava das misérias dos latifúndios. Predominavam em suas obras o artificialismo e o verbalismo.

Lima Barreto trazia à literatura a humanidade sofrida dos subúrbios do Rio de Janeiro, a vida dos funcionários públicos, da apertada classe média urbana e do sofrido proletariado fabril. Era uma linguagem diferente, enfocando com simplicidade o cotidiano. Desfilavam ante os olhos dos leitores os seus livros "Triste fim de Policarpo Quaresma" (1915) "Numa e a Ninfa" (1915), "Vida e Morte de J. M. Gonzaga de Sá" (1919), "Mistérios e Sonhos" (1920) e "Clara dos Anjos" (1923), todos com boa aceitação do público.

Lima Barreto, mulato e pobre, jornalista sem futuro, funcionário público subalterno, não tinha mais do que curso secundário. Não pôde cursar a Escola Politécnica, como pretendia, por causa dos encargos de família. Os traumas levaram-no à bebida, daí ao internamento em hospitais psiquiátricos e à própria morte prematura, por cirrose hepática. Ninguém o ajudou, a não ser o cientista Juliano Moreira, diretor do hospital de alienados, que lhe reconhecia o valor.

Lima Barreto era também um ativista do movimento operário. Pertencia ao Sindicato dos Operários do Arsenal de Guerra e, na juventude, foi anarquista, adepto de Kropotkin. No final da existência aderiu ao "maximalismo" como era então conhecido o marxismo-leninismo. Quando

ecloidiu a Revolução Socialista de 1917, uma tremenda campanha de difamação foi acionada contra os bolcheviques e especialmente contra Lênin. Lima Barreto escreveu artigos candentes em defesa da "Revolução Russa de Novembro". Eles constituem uma prova de que uma boa parte da intelectualidade brasileira não se deixou embair pela propaganda insidiosa da reação mundial.

A obra de Lima Barreto começou a ser valorizada após a sua morte. Hoje se reconhece o seu papel como continuador de Manuel Antônio de Almeida e de Machado de Assis. E de precursor do romance social.

Escritores de transição são ainda *Monteiro Lobato* (1882-1948), contista, regionalista, fundador da literatura infantil, *Alcides Maia* (1878-1944), romancista gaúcho, *Cornélio Pena* (1896-1958) e *Afonso Arinos* (1868-1916), autor de "Pelo Sertão". A grande repercussão do livro "Os Sertões", de Euclides da Cunha, ajudou a criar uma literatura regional, voltada para o esquecido interior do Brasil.

LITERATURA ANARQUISTA

A história literária oficial praticamente ignora a existência da literatura anarquista, que era muito expressiva entre 1900 e 1930. Iniciou-a *Paulistano da Fonseca* com a novela "Martir da Fé", em 1899. O principal ficcionista dessa corrente seria *Fábio Luz* (1864-1938), médico higienista, fundador da Universidade Popular de Ensino Livre, no Rio de Janeiro, autor dos romances "Ideólogo" (1903), "Os Emancipados" (1906), e das novelas "Virgem Mãe" (1910), "Elias Barrão", "Xica Maria" (1915) e "Nunca" (1925). Traduziu, também, obras de *Eliseu Reclus*.

Avelino Fóscolo (1864-1944), farmacêutico da cidade mineira de Sete Lagoas, onde editava o jornal "Nova Era", publicou vários romances sociais, notadamente "O Mestiço" (1903), "A Capital" (1903), "Vulcões" e "O Jubileu" (1920). Para o teatro fez "O Semeador", "O Demônio Moderno" e a comédia "Cá e lá... Águias Há".

Domingos Ribeiro Filho (1875-1942), funcionário público

do Rio de Janeiro, colega de Lima Barreto, escreveu os romances "O Cravo Vermelho" (1907), "Vãs Torturas" (1911) e "Uma Paixão de Mulher", publicado em Paris, sob o pseudônimo feminino de Cecília Mariz. É sua ainda a novela "Miserere", editada em 1919.

José Oiticica (1882-1957), professor do Colégio Pedro II, além de teórico do anarquismo no Brasil, diretor dos jornais "Spartacus" e "Ação Direta", fez poesia, publicando "Sonetos" (1ª série, 1905-1911), "Ode ao Sol" (1913), "Sonetos" (2ª série), (1919), "Fonte Perene" (1954). São de sua lavra, ainda, os contos "Histórias Simples". Para o teatro escreveu "Pó de Pirlimpipim". Oiticica em 1918 foi desterrado do Rio para Alagoas, por haver apoiado uma greve geral revolucionária, episódio descrito no *O Ano Vermelho*. Em 1924 esteve preso na Ilha Rasa por se opor à ditadura Bernardes.

Mota Assunção (1878-1929), tipógrafo do Rio de Janeiro, escreveu a peça social "O Infanticídio", em cinco atos, que o Grupo Dramático Social encenou em 1906.

Ricardo Gonçalves (1883-1916), poeta parnasiano de São Paulo, um dos primeiros escritores a aderir ao anarco-sindicalismo, cujo livro de poesias póstumo "Ipês", revela a fina sensibilidade artística de que era dotado, pouco aparece nas antologias. No entanto, como salienta Monteiro Lobato foi no seu tempo um dos grandes poetas do país. Ele se suicidou aos 33 anos. Martins Fontes (1884-1937), outro parnasiano, discípulo de Olavo Bilac, ligou-se ao anarquismo e sob sua influência publicou em 1926, o livro de poesia "Vulcão".

É preciso salientar que Silvério Fontes, Astrogildo Pereira e Otávio Brandão, os primeiros marxistas brasileiros, foram militantes do anarquismo. Também o romancista Afonso Schmidt, que viria a pertencer ao PCB. Os primeiros poemas de Otávio Brandão são de exaltação a Bakunin. Também os de sua esposa, a poetisa Laura Brandão. Astrogildo Pereira dirigia "Spartacus", publicação anarquista. Afonso Schmidt iniciou-se em 1923 com contos de inspiração ácrata. Não se deve es-

quecer que a melhor revista literária do Brasil, no princípio do século, "Kultur", era dirigida pelo escritor anarquista Elycio de Carvalho.

Evidentemente é uma lacuna da história literária ignorar essa contribuição cultural dos anarquistas à literatura brasileira. Tal subestimação não existe só no Brasil, na França eles também não são referidos nas histórias de literatura; Eugene Pottier (1816-1887), o imortal poeta francês, autor da letra da marcha "A Internacional", o hino dos trabalhadores de todo o mundo, não é mencionado por ninguém. No entanto, ele é o autor de "Canções Revolucionárias", um dos melhores poemas já escritos em língua francesa. Pottier é um poeta considerado "maldito" porque apoiou a Comuna de Paris e sempre formou na vanguarda do proletariado de sua pátria. Um caso de patrulhismo ideológico.

No Brasil, os literatos anarquistas só agora começam a ser redescobertos.

* A segunda parte deste trabalho, abrangendo desde o modernismo até outras correntes literárias, será publicado no próximo número da *Princípios*.



Grilo — "Retrato do Brasil" n.º 31.

Origem do Universo

A ciência e o saber suplantando o dogma religioso e as superstições.

Vida e matéria



Cola Judith Chaisson

Laudelino de Souza Filho.*

Ao abordarmos este tema temos em mente uma questão candente, de importância relevante. Levado pela curiosidade e pela necessidade de conhecer-se e de esclarecer os mistérios que compõem a história do desenvolvimento do Universo, da matéria, da vida e da inteligência, o homem buscou e busca explicações através da religião e das ciências.

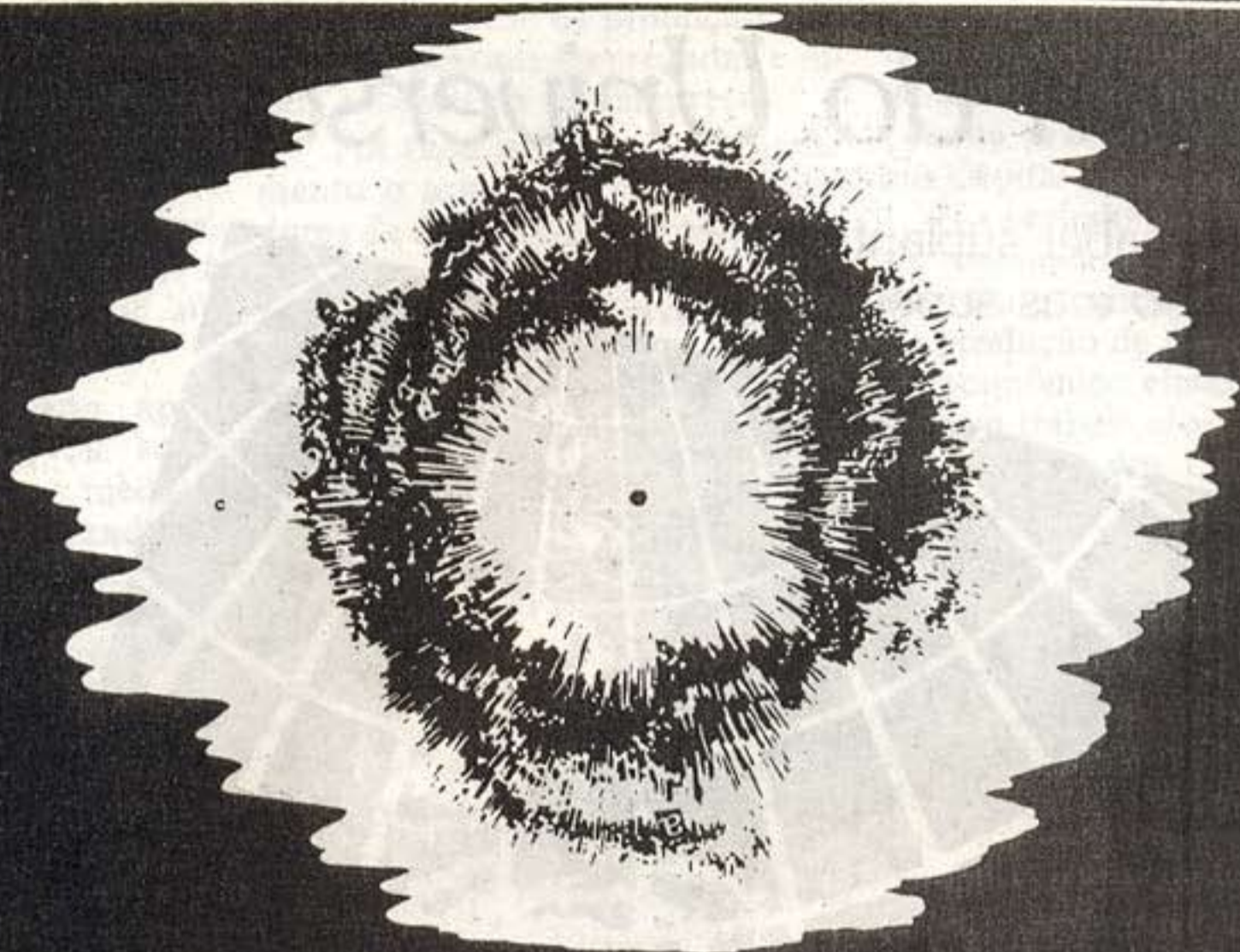
Numa época em que a ciência estava ainda nos primórdios, o pensamento religioso predomi-

nou. A Igreja impôs pela fé e pela fogueira suas convicções. Mesmo diante de certo desenvolvimento do pensamento científico, a Igreja não cedeu facilmente, muita gente foi assada na fogueira e muitos outros ameaçados para que as idéias que contrariavam os dogmas da Igreja não viessem à tona. Para tomar essas medidas era necessário à Igreja o poder, o qual lhe era conferido em última instância pelo modo de produção vigente na época, o feudalismo, sobre o qual se assentava um deter-

minado tipo de Estado, de Moral, de Propriedade e de Religião. A Igreja era proprietária de mais da metade das terras da Europa.

Após a revolução burguesa e queda da então classe dominante, o feudalismo foi substituído pelo capitalismo, mudando desta forma o modo de produção. Sobre este novo modo de produção assentou-se um novo Estado de Direito, de

*Médico e Colaborador da Principios



Moral, de Propriedade e de Religião. As idéias de liberdade ganharam força, o homem volta os olhos mais para a Terra e menos para o Céu e, conseqüentemente, diminui a influência da Igreja, perdendo esta até mesmo seu poder de queimar seus adversários nas fogueiras inquisitoriais.

A ciência começa a avançar, e nessa medida tomava direção diametralmente oposta à religião. A Igreja, com seus dogmas refutados, tenta se adaptar às novas conquistas da ciência, sem abrir mão, entretanto, de seus princípios fundamentais. Hoje, após anos de pesquisa a ciência se elevou deixando a religião no pó da ignorância.

RUMO AO DESCOBRIMENTO

Não obstante ao conhecimento acumulado, algumas questões se colocaram desafiadoramente num alto patamar de complexidade exigindo esforço concentrado e elevado grau de resolução. Dentre essas questões destaca-se a origem do Universo e da Matéria. Para a religião, todo o Universo foi criado por uma força superior extra-natural, chamada Deus, força essa que seria constituída por algo imaterial. Note-se

que a religião não nos informa do que especificamente é constituída essa força extra-natural, pois, se assim o fizesse ela seria forçada a admitir que essa mesma força é constituída de algo conhecido pelos homens, logo, que o pensamento religioso brota da cabeça de homens. Na verdade, a religião joga com uma categoria da Natureza, a Matéria; para não ter que quantificar, qualificar e localizar o Céu, Deus, Santos e Anjos, afirma serem todos imateriais.

Do ponto de vista da religião, que é uma das correntes idealistas e metafísicas da filosofia, o Universo foi criado de uma só vez e na forma atual, com um único gesto: Deus, num momento de grande inspiração, fez surgir miraculosamente Planetas, Estrelas, Sóis, Galáxias, Quasares etc.

Homens como Isaac Newton, Emmanuel Kant, Kepler, Albert Einstein e outros estudaram exaustivamente o Espaço e seu conteúdo, desenvolvendo princípios e descobrindo leis que regem o desenvolvimento do Universo. O progresso da ciência no campo tecnológico municiou os estudiosos do assunto com vários e po-

tentes instrumentos, facilitando a obtenção de novos dados. E foi de posse desses instrumentos e baseados nesses princípios que os astrofísicos puderam comprovar em suas observações um fato extraordinário: o aumento das distâncias entre as galáxias.

Esse fato foi de capital importância para posteriores estudos. Aliás, verificou-se que o Universo inteiro é repleto de atividades cósmicas e também de repouso, tudo dependendo da perspectiva em que se observam esses fenômenos. Num exame superficial os objetos astronômicos se mostram em repouso, estáticos; por exemplo: ao olharmos a olho nu as estrelas e mesmo o Sol, parecem pacíficos, imutáveis e estáticos, mas ao usarmos um grande telescópio esses objetos espaciais se revelarão com uma certa violência pontilhados de lampejos fulgurantes, manchas escuras e explosões superficiais. Para quem vive aqui na Terra são evidentes os tremores, terremotos, vulcões e furacões, mas para quem a observa à distância, o Planeta parece tranquilo, como nas fotos tiradas pelas naves espaciais.

A MATÉRIA EM MOVIMENTO

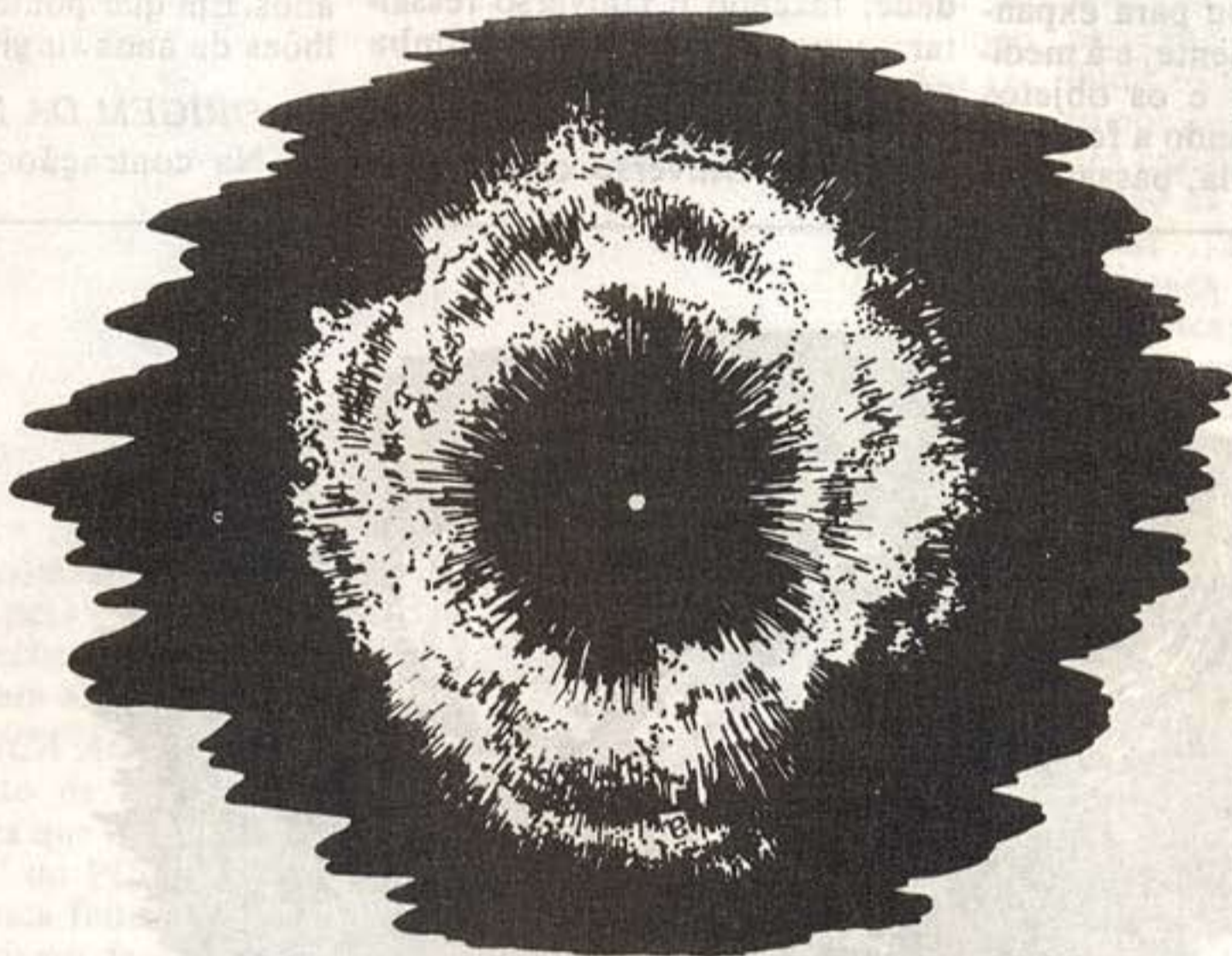
Poder-se-ia imaginar que apesar de pontos com intensa atividade o Universo como um todo seria tranqüilo, estaria em repouso, o que não é verdade. Na realidade o Universo está em pleno movimento com intensas atividades. Comprovados esses fatos, era de se supor que o Universo se movesse a esmo, desordenadamente. O que se verifica, no entanto, é o contrá-

um obus comum: quanto mais distante está um objeto, com tanto mais impulso deve ter sido ele expelido. Conhecendo esses fatos, somos obrigados a concluir que todo o Universo está em atividade, em movimento, expandindo-se, ou seja, o Universo está evoluindo. Vale a pena observar que planetas, estrelas e galáxias não estão crescendo em dimensão, pois estão sujeitas à gravidade. O que aumenta é a distância entre as

OS DOIS MODELOS

Segundo os astrofísicos, vários modelos foram criados para tentar responder a essas questões. Todos, porém, levam em conta o afastamento das galáxias, o princípio cosmológico e o princípio da equivalência.

Primeiro modelo: considerando que o Universo não tenha matéria suficiente para que a força



rio: o Universo se move e se desenvolve de forma espetacularmente ordenada e organizada. Estudos pormenorizados demonstram que as galáxias não só se afastam, mas isso ocorre obedecendo a um plano geral: cada galáxia se afasta numa velocidade proporcional à sua distância da Terra. Quanto maior a distância maior sua velocidade. Existe uma correspondência simplesmente perfeita, uma relação linear entre velocidade e distância.

Este fato nos leva, pela dedução, a uma conclusão simplesmente espetacular. Houve no passado uma formidável explosão, uma verdadeira bomba cósmica expelindo objetos cósmicos. Este é o padrão que obedece a explosão de

galáxias e grupos de galáxias. Nesse momento é natural que o leitor se pergunte: o que acontecerá ao Universo, ele continuará crescendo indefinidamente ou essa expansão será interrompida? Para responder a essas questões é necessário observar alguns fatores:

— Para que um objeto em movimento pare, para que cesse seu movimento é necessário uma força atuando sobre esse objeto em sentido contrário à força que lhe deu movimento. No caso do Universo essa força é a gravidade.

— Para um objeto se deslocar é necessário que uma força lhe dê um impulso inicial, no caso do Universo a explosão cósmica.

gravitacional seja capaz de fazer parar a expansão do Universo, ele se expandiria indefinidamente. Em decorrência, chegaria um tempo em que as galáxias estariam tão distantes que os mais potentes telescópios não enxergariam luz alguma fora de nossa galáxia. A Via Láctea estaria condenada à solidão, mergulhada num imenso escuro, sendo apenas um ponto que quando todo o hidrogênio das estrelas já tivesse sido consumido perderia seu brilho, sua luz e qualquer tipo de radiação, desaparecendo para sempre a vida. A temperatura seria tão baixa que todo o Universo congelaria, caminhando para a "morte fria".

Segundo modelo: considerando que o Universo tenha matéria sufi-

ciente para que a gravidade seja capaz de fazer parar a expansão, o movimento geral do Universo chegará a um ponto morto. Esse ponto morto, sem expansão, será temporário, pois é impossível que o Universo permaneça estático, nada foge à mudança; a força centrífuga da gravidade continuaria atuando e faria o Universo marchar de volta, contraindo-se.

Essa contração seria o espelho da expansão, uma imagem invertida. Na sua marcha de volta ao ponto inicial seria gasto o mesmo tempo que levou para expandir, no início lentamente, e à medida que as galáxias e os objetos fossem se aproximando a força da gravidade aumentaria, passando a

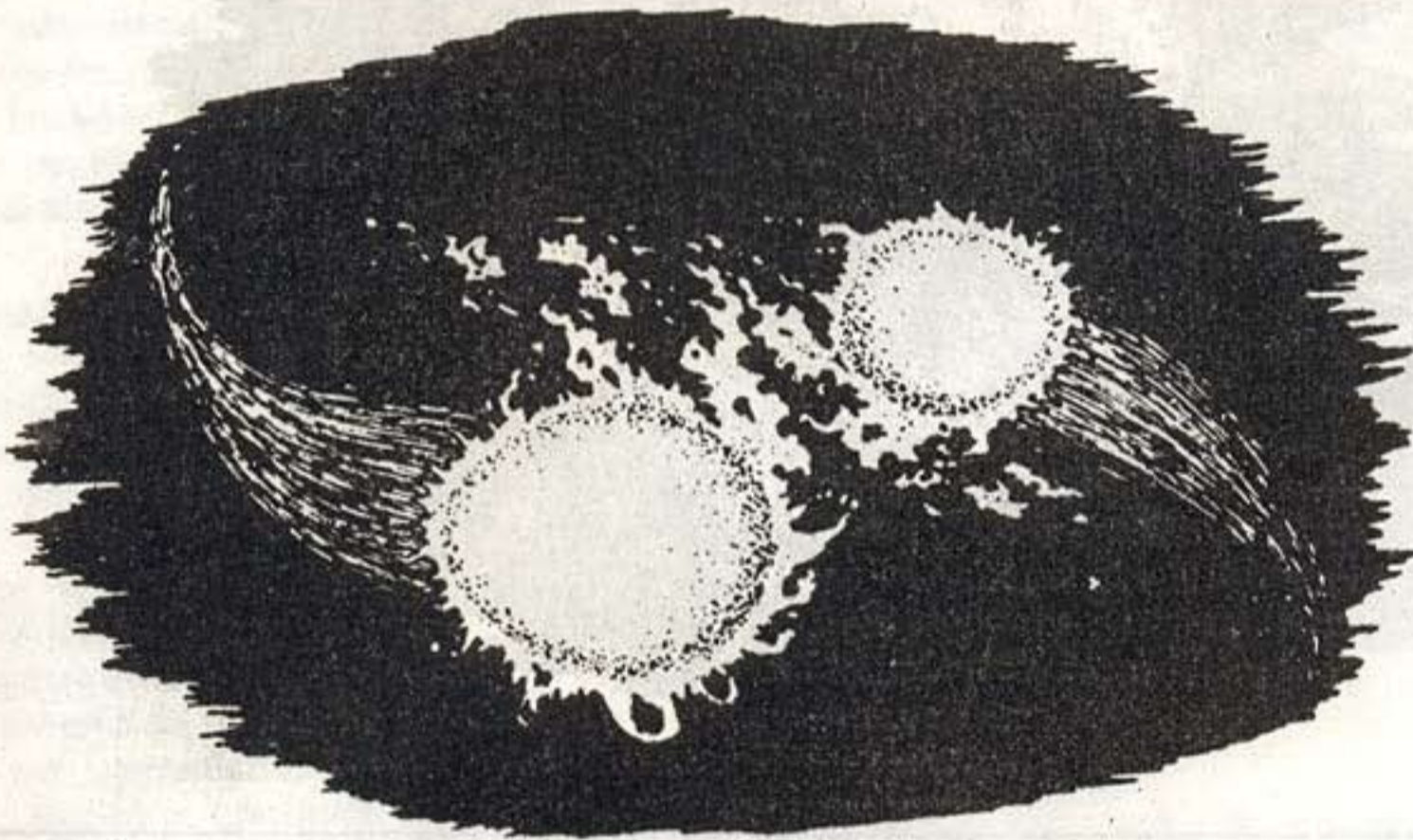
que deram origem ao Universo. A contração chegaria a um ponto superdenso e superquente, chamado de singularidade, tendo o Universo seu fim pelo fogo e pelas chamas.

O primeiro modelo é chamado Universo aberto e o segundo Universo fechado, tendo este último implicações fascinantes. Quando o Universo chegar ao ponto chamado singularidade superdenso e superquente, a pressão dentro deste será de tal magnitude que poderá suplantar a força da gravidade, fazendo o Universo ressaltar, ocorrerá uma nova bomba cósmica. Iniciará novo ciclo de expansão-contração. Teríamos então um Universo cíclico com

quando a esfera universal teve um raio nulo? Essas são maneiras de perguntar quando começou o tempo, ou seja, quando realmente tudo começou. Sabemos que o Universo originou-se de uma explosão, expandindo-se rapidamente no início e perdendo velocidade à medida que se expandia. Sabemos ainda através das leis da Física que o tempo gasto para contrair-se totalmente será igual ao tempo gasto para expandir-se até hoje. Fazendo esses cálculos os astrofísicos encontraram a resposta: o Universo existe há 15 bilhões de anos. Em que ponto desses 15 bilhões de anos surgiu a matéria?

ORIGEM DA MATÉRIA

Na contração do Universo



contrair-se rapidamente. Chegaria um tempo em que os objetos cósmicos estariam tão perto que o calor seria insuportável, a temperatura se elevaria a pontos altíssimos, os objetos cósmicos começariam a chocar-se entre si produzindo mais calor, mais luz e mais radiação, a densidade subiria a valores extremos, o Universo tornar-se-ia uma bela bola de fogo, brilhante em todo o seu esplendor. Tão brilhante que não seria percebido o brilho das estrelas por falta de escuro para o contraste. A vida antes disso regrediria do complexo para o mais simples, desaparecendo. Não resistiria para contemplar a hecatombe final. As condições seriam semelhantes àquelas

etapas de expansão e contração. Talvez até já tenham ocorrido vários outros ciclos. Filosoficamente esse modelo é belo, não existem origem mais importante do que outra, nenhum fenômeno é único, uma contração, uma noite, uma expansão, um dia. Não descreveria o modelo do Universo estável por considerá-lo ultrapassado pelos fatos.

De posse desses conhecimentos, os astrofísicos e matemáticos foram além, ousaram iluminar trevas recônditas, resgataram para a razão a nossa própria origem.

A IDADE DO UNIVERSO

Qual a idade do Universo ou

ocorrerá o inverso dos fenômenos físicos ocorridos na sua expansão. Os eventos que ocorrerão na última fase da condensação reproduzirão os eventos ocorridos no início da expansão, logo após a explosão, ou seja, a morte e o nascimento do Universo são semelhantes. Usando um grande computador, as leis da física e todas as informações acerca do Universo, os astrofísicos determinaram a temperatura e a densidade média do Universo inteiro em qualquer ponto do tempo. A maioria dos ensaios numéricos sugere que logo após a explosão houve o caos, não sendo possível saber o que aconteceu na hora da explosão, no tempo zero.

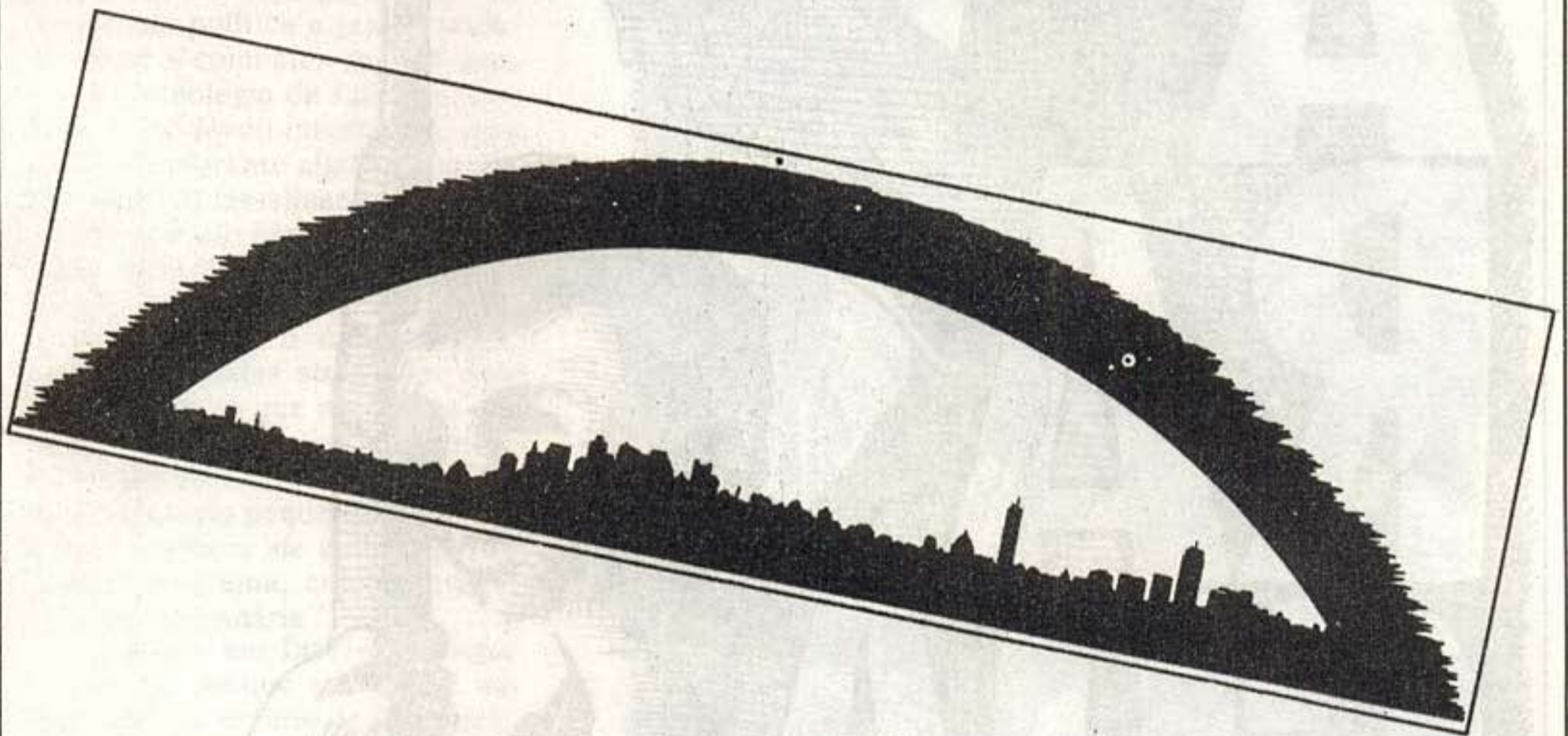
Mas alguns teóricos afirmam ser possível precisar as condições físicas reinantes num tempo extraordinariamente curto após a explosão, o universo com idade inferior a um trilionésimo de trilionésimo de segundo, ou seja dez elevado a menos 24, ou, expresso numericamente: 10^{-24} de segundo. Teria uma densidade média superior a um trilhão de trilhões de trilhões de trilhões, ou, expresso numericamente: 10^{48} gramas por centímetro cúbico e uma temperatura média superior a um trilhão de graus centígrados. Só a título de comparação, a densidade média da água é de um grama por centímetro cúbico e a do Universo atual é de um milhão de trilhões de trilhões de vezes menor que a da

mo *prótons e nêutrons*. Esse tipo de processo nuclear hoje é bem conhecido e repetido em laboratório, essas partículas existiam livremente, elas não podiam unir-se em algo mais substantivo devido, a temperatura altíssima. A ação dominante nessa fase foi a aniquilação dos *hádrons* e sua conversão em radiação, criando uma bola de fogo. O Universo continua a espalhar-se e esfriar-se rapidamente.

Com um milissegundo de idade as condições de temperatura e densidade estavam propícias para novo tipo de materialização e partículas leves chamadas *léptons* foram criadas a partir da energia. Nesse momento a temperatura era de 10 milhões de graus centígrados

um bilionésimo de gramas por centímetro cúbico, a aniquilação de *hádrons* e *léptons* cessou, a bola de fogo desvaneceu-se, dava início a uma transformação de suma importância.

Nos primeiros séculos de idade a radiação reinou soberana sobre a matéria, mas à medida que o Universo se expandia e esfriava, a densidade da radiação caía mais rapidamente que a da matéria e em algum ponto entre os primeiros minutos e um milhão de anos após a explosão, partículas de matéria começaram a unir-se, primeiro esporadicamente e depois com maior frequência. A radiação já não conseguia desagregá-la, a matéria ganha a guerra emergindo pa-



água por centímetro cúbico, ou, expresso numericamente, 10^{-30} gramas por centímetro cúbico, a temperatura média do Universo atual é de três graus *kelvin* ou menos 270 graus centígrados e 10^{-24} segundos corresponde ao tempo que a luz gasta para atravessar um *próton*; com essa idade o Universo era repleto de energia e uma grande variedade de partículas elementares exóticas.

Com um microssegundo de idade feixes de irradiações chocavam-se; desses choques formavam-se partículas de matéria, ocorrendo uma verdadeira materialização. Essas partículas chamadas *hádrons* eram pesadas co-

e a densidade de 10 bilhões de gramas por centímetro cúbico.

Com um segundo de idade, os *léptons* estavam aniquilados e convertidos em radiação. Vale lembrar que nem todas as partículas eram aniquiladas, nos primeiros minutos de idade a densidade da radiação excedia em muito a da matéria, a pouca matéria que subsistia estava sobre a forma de ténue precipitado suspenso num mar de radiação. À medida que o tempo passava a temperatura caía e a densidade também.

Com algumas centenas de anos de idade, a temperatura do Universo era de um milhão de graus centígrados e a densidade de

ra tornar-se a essência mesma do Universo.

A radiação enfraquecera tanto que não conseguiu impedir a formação de átomos. O nitrogênio, o mais leve e mais simples dos átomos, foi o primeiro a se formar, tornando-se o elemento ancestral comum de todas as coisas.

Essas considerações representam o que há de mais recente no terreno das descobertas científicas na astrofísica, porém não devem ser consideradas como definitivas.

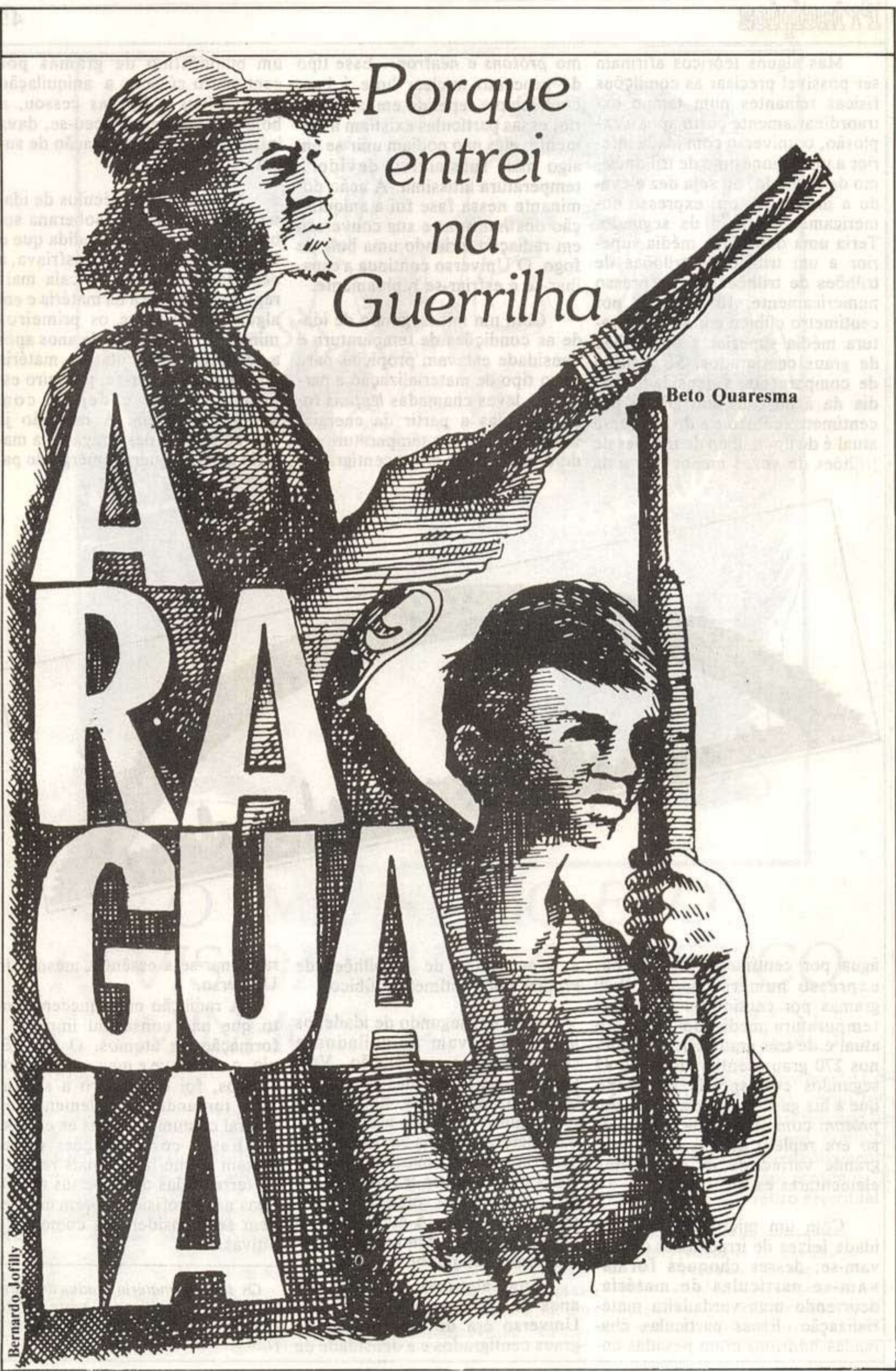
Os termos matéria, radiação, luz, energia, etc. utilizados neste artigo obedecem à conceituação da Física (LSF).

Porque entrei na Guerrilha

Beto Quaresma

PARA GUERRILHA

Bernardo Jofilly



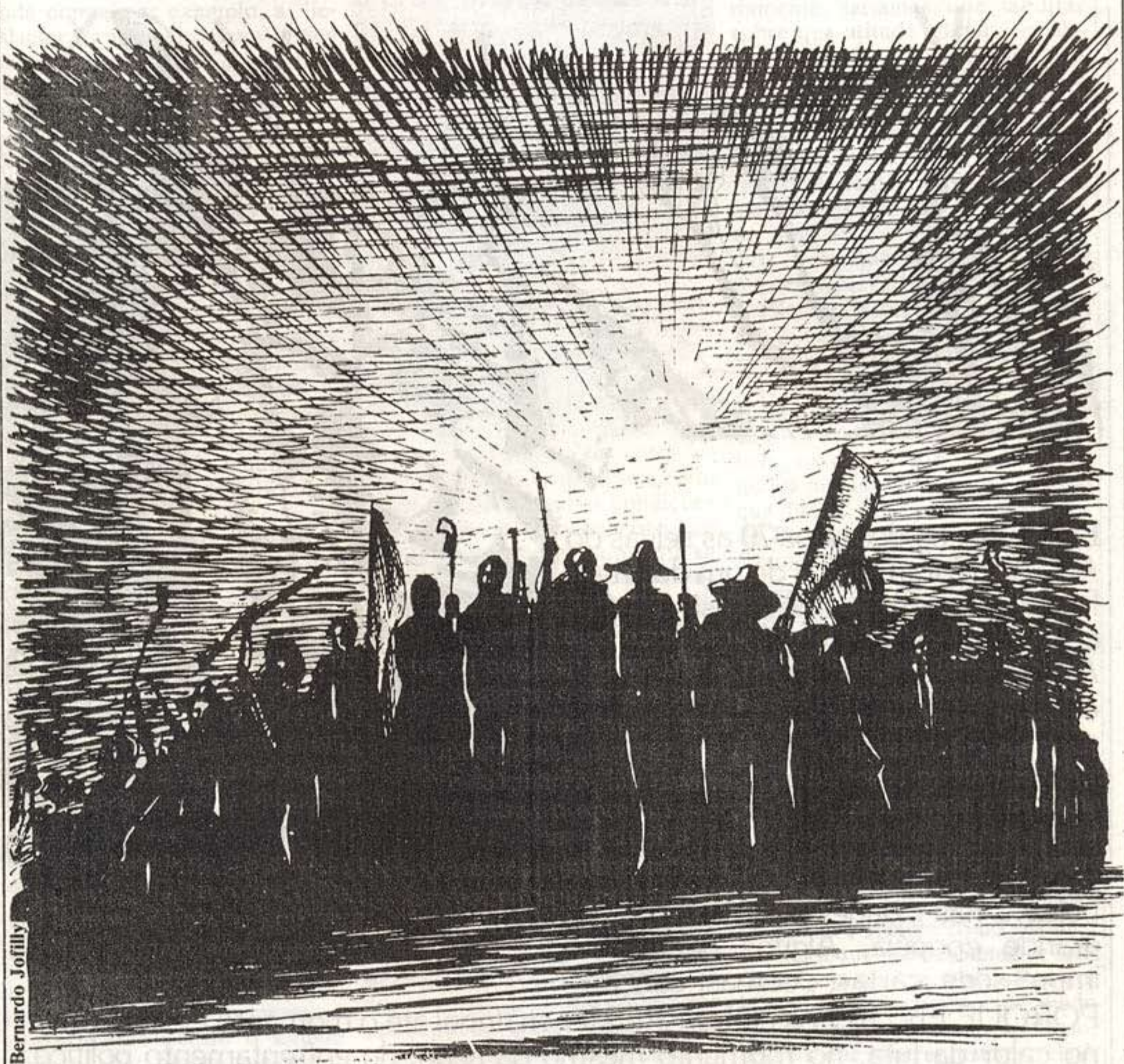


Em começos dos anos 70 as selvas do Araguaia foram palco de um dos mais heróicos episódios de nossa história contemporânea: a Guerrilha do Araguaia. Um pugilo de jovens desprendidos que deram suas vidas para não conviver com a idéia da morte do seu povo, ali viveram embrenhados nas florestas, distantes do conforto do lar e do convívio familiar, mas muito próximos do coração de sua gente, cujo anseio de liberdade pulsava nas cidades e no campo. Todos eles perpetuaram com seu sangue a grande epopéia. Alguns dentre eles, eternizaram-no também com suas impressões, cartas, poemas, canções.

PORQUE ENTREI NÀ GUERRILHA, material até o momento inédito, escrito no calor da luta, no momento mesmo da ação, do enfrentamento político e militar com o inimigo, é um pungente depoimento histórico, a visão do combatente expressa em versos.

Esse trabalho possui também, além da contribuição histórica e documental, valores culturais e artísticos. O poeta-combatente escolheu a forma da narrativa em verso popular, tão difundido nas regiões interioranas do norte e nordeste brasileiro, denominado de poema de cordel.

Recorreu o poeta a essa forma, já consagrada, e incorporada às nossas letras, que permite a expressão do vigor criativo, da inventividade, pela qual se descobre e revela a alma do povo, através da língua do povo.



Bernardo Jofilly

Beto Quaresma é pseudônimo do guerrilheiro Lúcio Petit da Silva, nascido em 1/12/1943 em Piratininga (SP). Beto teve iniciação política nas lides do movimento estudantil. Foi membro do Diretório Acadêmico do Instituto Eletrotécnico de Engenharia, encarregando-se do setor de cultura.

Participou das atividades do Centro Po-

pular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Escrevia para o jornal "O Dínamo" do Diretório Acadêmico, poemas e crônicas sobre os problemas sociais brasileiros. Em meados de 1970 dirigiu-se para o Araguaia, onde distinguiu-se como excelente mateiro. Pertencia ao Destacamento Helenira Resende e foi promovido a vice-comandante do mesmo com a

morte do comandante José Carlos, em 14/10/73. Além da atividade política e militar, encontrou tempo no Araguaia, para escrever poemas e literatura de cordel que eram recitados pelos camponeses da região e nas sessões de terecô (rito religioso local).

Está desaparecido desde o dia 14/1/74, após intenso tiroteio com o inimigo.

Eu que nunca fui poeta
Que nunca fui cantador
Hoje vou contar a vida
De um homem trabalhador.
Limpe bem o seu ouvido
E ponha muito sentido

Me ouça peço o favor
Eu nasci não sei bem onde
Maranhão ou Ceará
Andei Piauí e Goiás
Rolando ao Deus dará
Morei no Norte e Nordeste
Viajando mais que a peste
Vim me plantar no Pará

Tinha uma casa famosa
Canteiro de alho e coentro
Muita fruteira plantada
No meu sítio lá do centro
Morando perto do porto
Deixei todo esse conforto
Me soquei por mata a dentro

Naquele tempo eu havia
Cinco quadras empreitado
Com dinheiro que o Banco
Tinha dado emprestado
Eu pagaria depois
Que colhesse todo o arroz
Já batido e ensacado

Entreguei o meu arroz
Junto com muito parceiro
Porém um cabra safado
Nos botou no atoleiro
O dono da cooperativa
Que do inferno ninguém livra
Fugiu com o nosso dinheiro

Havia nesta cidade
Um juiz sem consciência
Que ao Banco deu razão
Sendo fraco e sem ciência
O pobre sempre sai mal
Ficaram com o meu local
Eu paguei a diligência

Mudei prá nova morada
Onde tinha muita caça
Da estrada fica longe
Cristão por aqui não passa
Vou trabalhar sem patrão
E se dinheiro me dão
Não aceito nem de graça

Bem importante é o local
Onde vim me situar
Os quatro aceiros da roça
Já acabei de marcar
Eu estou esperançoso
E como não sou preguiçoso
Amanhã vou trabalhar

Peitei da rede pro broque
De espinhaço dolorido
Cedo entrei tarde saí
Sem ver o sol já pendido
Levei a empuca no peito
Aumentando muito o eito
Deixei foi cipó caído

Trabalhei dia e semana
Do braço ficar inchado
Mas quando a folha secou
Amolei o meu machado
Enfrentei foi muita linha
Comendo caça e farinha
Vi o mato derrubado

Fui tratar da farinhada
No fim de agosto passado
Mas quando chegou setembro
Com o rancho fracassado
Fui logo caçar um meio
Enfrentei trabalho alheio
De roçar quinta de gado

Por sorte todo o verão
Foi sem muito aguaçeiro
O sol queimou queimando
Secou até no aceiro
Bem a sete de setembro
De certo que bem me lembro
Botei fogo com isqueiro

Quando o fogo terminou
O seu trabalho fecundo
O chão ficou bem limpinho
Não vacilei um segundo
Construí um novo rancho
Roça limpa sem garrancho
É a melhor coisa do mundo

Nesse tempo apareceu
Roubando todo posseiro
Um grande ladrão de terras
Chegou dizendo o grileiro
No INCRA sou registrado
Sou agente autorizado
Do governo brasileiro

O presidente falou
Que a terra foi reservada
Para a criação de gado
Essa matona fechada
Que de onça ainda tem rastro
Vai virar um grande pasto
Será toda derrubada

O grileiro sem vergonha
Prá aumentar minha desgraça
Um dia em casa chegou
Com um sargento e um praça
Embora saia uma guerra
Não deixo a minha terra
Só se subir na fumaça

Ao ouvir minhas palavras
O grileiro foi embora
Dizendo que voltaria
Prá me botar para fora
Eu sei que ele saiu cedo
Porque ficou foi com medo
Aqui tem homem na hora.

Um vizinho esmorecido
Veio em casa pra dizer
Que o grileiro era forte
O melhor era vender
Não dou ouvido a fuxico
Daqui não saio eu fico
O fim disto eu quero ver

E quando a primeira chuva
Matou do chão a secura
Plantei melão e maxixe
Quiabo e muita verdura
De melancia e tomate
De fruteira e abacate
Vamos ter muita fartura

Tivemos mesmo fartura
Foi o que se sucedeu
Porém prá minha tristeza
Nenhum lucro tirei eu
Sem estrada prá exportar
E ninguém prá comprar
Muita fruta se perdeu

Logo que o inverno chegou
Do sol apagando o brilho
Só com chacho e facão
Ajudado por meu filho
Fomos plantar só nós dois
A roça cheia de arroz
E meia quadra de milho

De dia eu cortava o mato
Com o facão já bem cotó
De noite o mato crescia
Batia no mocotó
Era a pura jitirana
Subindo em riba da cana
A malva de fazer dó

Com o arroz já parindo
A febre me deixou fraco
Mulher e filhos doentes
Ficaram no meu barraco
E eu não tendo outra escolha
Vendi o arroz na folha
A dez cruzeiros o saco

Viajei prá Marabá
Passando no entroncamento
Um soldado procurou
E eu não tinha documento
Cinco cruzeiros o praça
Para beber de cachaça
Me roubou nesse momento

Achar recurso é difícil
Para quem é lavrador
E que tem pouco dinheiro
Sem remédio nem doutor
Sem vaga no hospital
O pobre morre do mal
Ou sofre que é um horror

Ali o roubo e ganância
Andam compactuados
Olhos das autoridades
Para isso vivem fechados
Preço de medicamento
É de tal avultamento
Que os pobres são depenados

Diz o povo que pro pobre
Se Deus dá o diabo tira
Além da doença peguei
Uma danisca de pira
Na roça o arroz secava
A minha força não dava
Para enfrentar a juquirá

Com dinheiro eu faria
Como o mineiro já fez
Compraria muita lona
Se o pobre tivesse vez
Nisto eu ponho minha fé
O arroz cortado no pé
Colheria em menos de mês

Dei meu arroz de terça
Prá quem quisesse ganhar
Deixei duas linhas perdidas
Que acabaram por secar
Desta feita esta colheita
Posso dizer que foi feita
Em meio de muito azar

Depois do começo da guerra
Todo mês em casa vem
O pessoal da malária
Aquele povo do CEM
Se muito conversador
É mesmo investigador
Disto eu sei muito bem

Borrifou com BHC
Enquanto ia dizendo
Que o mosquito ia morrer
Ao cheirar esse veneno
Morreu foi minha gatinha
A ninhada da galinha
E muito pato pequeno

Procurou se eu tinha visto
Da mata algum guerrilheiro
Respondi que esse povo
Anda é muito vasqueiro
Nunca encostam aqui
E caçando nunca vi
Nenhum modo nem piseiro

Na verdade eu conhecia
Todo o grupo guerrilheiro
E com eles aprendi
A razão do cativoiro
Eles vivem na labuta
Prá por meio dessa luta
Libertar o povo inteiro

Conheci que no Brasil
Existe uma ditadura
Que entrou há muitos anos
De velha já está madura
Esse governo feroz
É para o povo o algoz
E carrasco não se atura

Quando bati o arroz
Foi grande a tristeza minha
Ao ver que era bem pouco
O arroz que ainda tinha
Separo o que vou plantar
E quando o arroz acabar
Eu escapo na farinha

Acabou todo o legume
Nem da dívida estou livre
E para o meu desengano
Da boa esperança que tive
Ao ver a roça queimada
Já não sobrava mais nada
De teimoso o pobre vive

No Pará tem cinco males
É nisto a verdade pura
Muito pior que as pragas
Da Sagrada Escritura
que me perdoem dizer
Tudo fazem para ver
O pobre na sepultura

Posso logo ir dizendo
Tanta doença é a primeira
A segunda é todo inseto
Roubo de rico a terceira
Quarta o imposto maior
Por fim o INCRA é pior
e o pobre fica sem beira

Todo inseto se alimenta
Do suor que era meu
Vem curica e capivara
De rama o rato roeu
Vem lagarta e vem pulgão
Rouba o governo ladrão
Só quem não come sou eu

E por querer o destino
Perdi a minha riqueza
O fato que sucedeu
Aumentou minha tristeza
Com uma febre danada
De uma dor de pontada
Morreu a pobre Tereza

Na rua o INCRA chegou
Montou logo um escritório
Dizendo que para o pobre
Daria muito adjutório
Mas prá quem foi registrado
Muito bem documentado
E selado no cartório

Prá começo de conversa
Vinha um agrimensor
Prá medir todos os piques
Da terra do lavrador
Cobrando muito dinheiro
Era quinhentos cruzeiros
Prá qualquer lado que for

Um quilômetro de terra
Dois milhões me custaria
Se eu tivesse esse dinheiro
Pro governo não daria
Não vivia na descrença
Não é de qualquer doença
Que Teresa morreria

E prá tirar os papéis
Era um outro tormento
Gastando tanto dinheiro
De ninguém dar vencimento
Roubava nosso delegado
E o fiscal descarado
Prá assinar o documento

Da terra sei que o governo
Ia cobrar o imposto
Prá fazer sua criação
O pobre ia ter desgosto
É melhor não assinar
Não sair e não pagar
A lutar estar disposto

Reuni com os moradores
Prá valer nossos direitos
Tudo isso em segredo
De noite com muito jeito
E juntando tanto pobre
Logo, a gente descobre
que é preciso ter peito

A união dos lavradores
O problema resolveu
Vamos acabar com o mal
Se ele ainda não cresceu
Preparei a minha brasa
Quando num dia lá em casa
O fiscal apareceu.

Procurou pelo caminho
Eu na hora respondi
Cuidado com os guerrilheiros
Andam muito por aí
Eles te matam fiscal
Te comem assado em sal
Com jacuba de açai

O fiscal então fugiu
Como o diabo foge da cruz
Ia levar uma peia
De ficar obrando pus
Assombrei esse malvado
Porque o INCRA é encravado
Só embuança produz

A terra não vou deixar
Escute bem meu ouvinte
Que o INCRA fique sabendo
Que pobre não é pedinte
Se o governo quer tomar
Passo por riba do azar
Quem fala é o cano da vinte

E depois desta vitória
Cresceram as uniões
Se juntaram lavradores
Os tropeiros e os peões
Prá ajudar a guerrilha
Derrotar a camarilha
Dos militares ladrões

Quatro ou cinco moradores
Formam uma irmandade
Um vem ajudar o outro
Estando em dificuldade
Uma roça prá brocar
Com cinco pra enfrentar
É a maior facilidade

Muita raiz ter no chão
E um paiol separado
Onde ninguém possa ver
Com arroz e milho guardado
Pois se o exército chegar
A gente pode escapar
Se estiver aperreado

Com arroz e com farinha
Com inhame e macaxeira
Ajudo a abastecer
Toda a força guerrilheira
Padim Cícero dizia
Que um dia o pobre ia
Roubar de sua capoeira

Se o exército acampar
Ou passar por uma estrada
Chegando um guerrilheiro
A notícia será dada
Pois com a sua informação
Ajuda na execução
De assalto ou emboscada

Disse um vizinho meu
Que era bem remediado
Com o governo ninguém pode
Tem o exército armado
A aeronáutica e a polícia
A marinha e a milícia
Pro povo manter peado

Respondi que com o exército
O povo unido podia
E que prá nação armada
Outra força não havia
Nada empata o seu caminho
Pois quem come um
boi sozinho
Não come tudo num dia

Retalho o boi e manteio
Trato logo de salgar
No sol ou fogo bem manso
Ponho tudo prá secar
Como a carne de pescoço
Vou roendo até o osso
Dia a dia devagar

Vamos entrar com cuidado
Em cada batalha enfrentada
Assim sua força será
Pouco a pouco escabrejada
Desse modo o inimigo
Levará o seu castigo
Numa guerra prolongada

Um vizinho então chegou
Correndo prá me avisar
Que com cabo e bate-pau
O grileiro ia voltar
Não respeito autoridade
Que vem de lá da cidade
Para o pobre humilhar

Nesta hora eu conheci
Que o grileiro então era
Aliado dos milicos
Governo da besta-fera
O chumbo de um cartucho
Ele vai levar no bucho
De vinte fiquei na espera

Sei que cinco guerrilheiros
Ao saber da situação
Vieram prá me ajudar
A emboscar a guarnição
Sabendo disso o grileiro
Ficou foi muito treteiro
E não deu aparição

A vida me ensinou
Que não adianta ficar
Esperando uma melhora
Todo ano a trabalhar
Bem com razão que se diz
Deste governo a raiz
É preciso arrancar

Já vivi muito na vida
 Já vi a morte de perto
 Eu rolei por muitos anos
 Uma coisa digo e é certo
 Se é prá viver cativo
 Antes morto do que vivo
 Eu na luta me liberto

Digo a roça vai ser
 Este ano bem diferente
 Todos vão se melhorar
 Vou plantar boa semente
 Vou cultivar outro chão
 Vou plantar revolução
 No coração desta gente

Nem é preciso dizer
 Qual foi o meu paradeiro
 Hoje ajudo a libertar
 Todo o povo brasileiro
 Junto com gente disposta
 Levo a mochila nas costas
 Hoje sou um guerrilheiro

Prá melhor compreender
 O que fazer e falar
 Encontrei um professor
 Tratei logo de estudar
 Na leitura eu era bobó
 Hoje prá fazer um ó
 Não preciso me sentar

Conheci que no Brasil
 Para o povo progredir
 O imperialismo estrangeiro
 É preciso destruir
 Derrubar a ditadura
 Nem que a luta seja dura
 Nova nação construir

Neste país hoje em dia
 Só quem manda é militar
 De presidente a prefeito
 Essa corja é titular
 É tudo pura opressão
 Já não existe eleição
 Para o governo mudar

Imperialismo meu irmão
 É roubo de nação forte
 Sem riqueza este país
 Vive à beira da morte
 A produção já é curta
 E muito ainda nos furta
 O americano do norte

Toda indústria do país
 O estrangeiro tem na mão
 Seja máquina ou cerveja
 Automóvel caminhão
 Remédio e medicamento
 Adubo ferro e cimento
 Tecelagem e fiação

Em Rio Doce Serra Norte
 A riqueza mineral
 Que vem do fundo da terra
 É roubada no total
 Sai cassiterita e urânio
 Manganês ferro e titânio
 Diamante ouro e cristal

Castanha café e cacau
 O americano cobiça
 Madeira e peles se vão
 Come a carne maciça
 Do nosso gado zebu
 Leva até o urubu
 Para lá comer carniça

Mas tem também brasileiro
 Com estrangeiro conluiado
 São grandes industriais
 Donos de nosso mercado
 Também o rico banqueiro
 Dono de muito dinheiro
 No governo está montado.

No sul a terra que existe
 É do grande fazendeiro
 De café cacau e cana
 Pecuarista ou mineiro
 E o lavrador explorado
 Vive cuidando de gado
 É agregado ou meeiro

Na cidade o operário
 Sem a casa para morar
 Na mata o lavrador
 Sem roupa para usar
 Dois irmãos de sofrimento
 Sustentam o esbanjamento
 Do governo militar

Contra o povo este governo
 Usa de toda maldade
 Com exército e polícia
 Prende e mata na cidade
 Não há outra solução
 Do que a revolução
 Para ganhar a liberdade

O imposto que o povo paga
 Compra arma e avião
 Para esta ditadura
 Oprimir toda a nação
 O pobre está revoltado
 E para se ver libertado
 Luta de fuzil na mão

Ainda não disse meu nome
 Sou Alfredo ou Carretel
 Não importa quem eu seja
 Sou Antônio ou Manoel
 Eu sou homem do povo
 Que constrói um Brasil novo
 Vou cumprindo o meu papel

O romance terminou
 Mas não findou minha história
 O povo dirá o final
 Até o dia da vitória
 Posso dizer que se o pobre
 Defende uma causa nobre
 Tem também a sua glória



Livraria e Espaço Cultural

editora

ANITA GARIBALDI

Livros,
obras de arte,
artesanato,
discos ...

TUDO SOBRE

Política • Socialismo • Economia • Cultura
• Educação • História • Comunicação
• Artes • Filosofia • Literatura.

Aberto todos os dias das 9 às 20 hs.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1511 - Tel. 251.2729
Bela Vista - São Paulo - Capital



Telle

